



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores

Ana Beatriz da Silva Domingues

**O *post* que é pista: análise crítica em *blogs* de professores de
História**

São Gonçalo

2014

Ana Beatriz da Silva Domingues

O *post* que é pista: análise crítica em *blogs* de professores de História



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Glauca Campos Guimarães

São Gonçalo

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

D671 Domingues, Ana Beatriz da Silva.
O *post* que é pista: análise crítica em *blogs* de professores de História / Ana Beatriz da Silva Domingues. – 2014.
137f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Glaucia Campos Guimarães.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação – Inovações tecnológicas– Teses. 2. Tecnologia da Informação – Teses. I. Guimarães, Glaucia Campos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 37:62

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Beatriz da Silva Domingues

O *post* que é pista: análise crítica em *blogs* de professores de História

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em 09 de maio de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Glaucia Campos Guimarães – Orientadora
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Carmen Teresa Gabriel
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Maria Tereza Goudard Tavares
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2014

DEDICATÓRIA

Ao vovô Calheiros, que me ensinou as histórias do mar.

Ao vovô Nê, que me ensinou as histórias da terra.

AGRADECIMENTOS

Gracias. Saúdo o que habita em ti, seja de que ordem for. Agradeço. Ajoelho e presto reverência. Dar nomes é difícil porque as ausências por vezes são imperdoáveis. Então lhes falo sem nomear-lhes. Se essas linhas tocarem ao leitor, ainda que eu nunca tenha lhe visto, é para ti que ofereço o meu sincero agradecimento. E o que sou senão fruto dos abraços, cafunés, risadas e algumas palavras duras e firmes? “Não te esqueça, Aninha, sempre fazer o bem.”. Não sei se o faço sempre, mas não esqueço. Colo, antes grande, agora pequeno. Abraço, barriga, são muitas vidas assim, um amor que é imensidão. Amor. Bebê, durmo na tua cama pra não me esquecer de ti em meus sonhos quando me vou. E eu volto, não te esqueça, mesmo que um dia esteja um tantinho longe. Nesse vai e vem de viver, Sebastiana chegou, tímida e rainha. Você chegou tímido e desabrochou. Do casulo nasceu tanta coisa que é preciso uma nova barca, a barca da casinha. Companheiro a gente não escolhe, a gente vive. Vivendo e revivendo, não tem fim, amor chega e se transforma, mas quando é não some. Lembrei de 2005, eu moça-mulher, desbravando o mundo porque o mundo me chamava. E você ali, olhando a menina de *óclinhos*. Ela cresceu e ainda não sabe fazer gráficos, mas aprende, devagar e junto, até o fim. Num salto pra trás lá se vão mais quinze anos, uma foto tirada na porta, escadinha de três. Bauru, grama, céu estrelado. Tenho medo de ET, ou seria de gente? Hoje já não sei, mas lembrança faz cócegas, e a gente ri pois no final percebe que tudo é um eterno recomeço. “Meu *zóinho* azul”, dizia Dona Eliene, e eu chorava porque não o veria crescer. Saudade dá na gente e nesse caso, essa gente que chamam família sabe muito bem o que isso. E o bicho? Que dizem que é melhor que gente. Eu prefiro não pensar nessas separações e fico mais com as sensações. Barriguinha quente, rabo abanando, ronronar. Como podem olhar no nosso olho, de um jeito que parecem enxergar todas as vidas que a gente já teve? A mamãe sempre te amou, desde que você era uma semente de luz. O gato que é gata me lembra dos mergulhos, das mãos e os corações dados. Acho que quando se mergulha com o coração, a coisa fica, e ainda que se transforme, fica. É marca de nascença porque a gente nasce a todo o momento. E eu nasci naquele colo galego, mas também morri naquele adeus doído. Mas, final feliz é invenção e eu acredito mesmo é no infinito. No meu sem fim só sobra sorriso porque o amor é

assim, ele é tudo o que existe. Parece só boniteza, mas não é. Tensão é importante! Não, não é. Silêncio. Eu quis dizer, você não quis escutar, dizia a música. Nunca achei que comunicação era só sorriso, era só tudo bem. Meu erro foi crer no que eu cria veementemente. Afinal, o mundo do outro é diferente, há que se escutar as línguas todas de Babel. Mas se eu atravessasse as pontes, se tropecei nos pedaços de linhas mal escritas, não há tudo a se comemorar? Sim, há! Se a flor não brota, que haja verde na base. A natureza tem o seu tempo e nada é dispensável. Assim me ensina a fada, que de branco me encaminha pra outros lugares. Ela sabe mais porque sente, não precisa de palavra canonizada e eu sei que ela sabe. Mestre, a gente olha e o olho brilha porque “Nossa, que sabedoria!”. E a bronca que vem, chega assusta, mas é carinho que se materializa no cuidado de um livro. Pesado, posto que a vida não é leve. “Ana Beatriz, invente outros tempos que você precisar, mas não se esqueça: o trabalho é árduo.” Dizem que o trabalho é a antítese do ócio. Sempre reclamo que não temos tempo de ser pessoa. Quando consigo ser é bom de ser mig, tatah, béu, aninha, ana b. e bia. Apelido é feito um denço, feito café com bolinha de chuva em Agudos. A casa tinha cheiro de muita vida. Ainda corro do trem naquela estação ou então coloco as pedras nos trilhos para se transformarem em pó. Eu criança, eu vida, que anuncia o tempo de abandonar as velhas couraças. É reconhecer este corpo–gente, que só seria alguma coisa nesses encontros e descaminhos junto ao mundo–outro. Gratidão, aos corações e mentes estrelados!

No puedo pertenecer a este mundo si no puedo decir que lo imagino de mi propia manera.

Egven Bavcar

RESUMO

DOMINGUES, Ana Beatriz da Silva. *O post que é pista: sentidos do tempo e ensino História em blogs de professores*. 2014. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

A popularização da Internet nos últimos anos é parte de diversas transformações no âmbito das comunicações humanas. Essas transformações também estão presentes na educação; e tanto instituições como seus profissionais vem buscando se atualizar em relações às inovações técnicas dos últimos tempos. Professores de História também integram esse quadro e foi percebida a presença de inúmeros deles na rede mundial de computadores. Uma dessas expressões se dá através da criação de *blogs* pessoais. Entendendo a utilização desta ferramenta como potencial para diversas reconfigurações na educação, esta pesquisa investigou como professores de História constroem suas práticas pedagógicas na rede. Para fundamentar a reflexão teórico-metodológica, foram utilizadas algumas das produções de Walter Benjamin, Guy Debord, Eni Orlandi e Norman Fairclough. Como metodologia de pesquisa, foi realizado um mapeamento de 122 *blogs* de professores de História da Educação Básica. Buscando um diálogo com o chamado “método das constelações” de Walter Benjamin (2006), foi construída uma constelação com os *blogs* mapeados e posteriormente, desenvolvida uma análise com contribuições da Análise Crítica do Discurso.

Palavras-chave: TICs. *Blogs*. Professores. História.

ABSTRACT

DOMINGUES, Ana Beatriz da Silva. *The post which is track: senses of time and history education blogs for teachers*. 2014. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

The popularization of the Internet in recent years is part of several changes in the sphere of human communication. These changes are also present in education; and both institutions and their professionals have sought to upgrade in relation to the technical innovations of recent times. History Teachers also integrate this framework and the presence of many of them was perceived in the world wide web. One of these expressions can be observed in the creation of personal blogs. Understanding the use of this tool as potential for various reconfigurations in education, this research investigated how the pedagogical discourse of history teachers is configured in their respective blogs. To do so, the senses of time, the construction of history, relationship with historical sources, communication channels between users, among other aspects were investigated. To substantiate the theoretical and methodological reflection, we made use of the productions of Walter Benjamin, Guy Debord, Eni Orlandi and Norman Fairclough. As a research methodology, a mapping of 122 blogs of history teachers from Basic Education was held. Seeking a dialogue with the so-called "method of constellations" of Walter Benjamin (2006), a constellation with the mapped blogs was built. Thereafter, an analysis with the contributions of discourse analysis and a pedagogical discourse about the history teacher was developed; Highlighting also the observation on the treatment of the images on the web pages investigated.

Keywords: Discourse. Blogs. Teachers. History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	<i>Blog Professor Alexandre</i>	82
Figura 2 –	<i>Blog Professora Josane</i>	82
Figura 3 –	<i>Blog Aula Impressa</i>	83
Figura 4 –	<i>Blog Um Professor de História</i>	85
Figura 5 –	<i>Blog do Professor Davi</i>	86
Figura 6 –	<i>Blog do Professor Walter</i>	88
Figura 7 –	<i>Blog do Professor Walter</i>	88
Figura 8 –	<i>Blog do Professor Walter</i>	88
Figura 9 –	<i>Blog do Professor Alexandre – Histosofia</i>	91
Figura 10 –	<i>Blog do Professor Alexandre – Histosofia</i>	92
Figura 11 –	<i>Blog do Professor Alexandre – Histosofia</i>	93
Figura 12 –	<i>Blog História Já</i>	94
Figura 13 –	<i>Blog História Já</i>	95
Figura 14 –	<i>Blog do Prof. Douglas – História</i>	96
Figura 15 –	<i>Blog do Prof. Douglas – História</i>	96
Figura 16 –	<i>Blog do Prof. Douglas – História</i>	96
Figura 17 –	<i>Blog do Prof. Douglas – História</i>	97
Figura 18 –	<i>Blog do Prof. Douglas – História</i>	97
Figura 19 –	<i>Blog da professora Elaine: histórias e muitas histórias</i>	98
Figura 20 –	<i>Blog Professora Isabel Aguiar</i>	99
Figura 21 –	<i>Blog Professora Isabel Aguiar</i>	100
Figura 22 –	<i>Blog Professora Isabel Aguiar</i>	101

Figura 23 – <i>Blog Professora Viviane</i>	102
Figura 24 – <i>Blog História Cast</i>	104
Figura 25 – <i>Blog História Cast</i>	105
Figura 26 – <i>Blog História Cast</i>	105
Figura 27 – Memórias do Cativoiro.....	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	<i>Blogs</i> que possuem ferramenta de monetização.....	80
Gráfico 2 –	<i>Blogs</i> que realizam trabalho direto com sala de aula.....	81
Gráfico 3 –	Atualizações dos <i>blogs</i> – Inativos e Ativos.....	90
Gráfico 4 –	Surgimento dos <i>blogs</i> pesquisados.....	106
Gráfico 5 –	Porcentagem de <i>blogs</i> com e sem datas de surgimento.....	107

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
1	PERSPECTIVAS PARA ALÉM: EM BUSCA DO TEMPO PRESENTE.....	23
1.1	Walter Benjamin – do fragmento a uma possível constelação do caos.....	25
1.1.1	<u>Experiência e o Tempo de Agora (<i>Jetztzeit</i>).....</u>	28
1.2	O espetáculo, escritas de si e a liberdade no século XXI.....	34
1.2.1	<u>A espetacularização do ser e as escritas de si mesmo.....</u>	36
1.3	Constelação de <i>blogs</i> – metodologia e objetivos de pesquisa.....	42
1.3.1	<u>Uma constelação de blogs de professores de História.....</u>	42
1.3.2	<u>Objetivos de pesquisa.....</u>	43
1.3.3	<u>Contribuições da Análise do Discurso.....</u>	43
2	A CORRIDA DO TEMPO: O ENSINO DE HISTÓRIA HOJE.....	50
2.1	Ensino de História hoje – perspectivas de debates.....	51
2.2	Ensino de História e as TIC.....	56
2.2.1	<u>Ensinar História a partir das imagens.....</u>	58
3	NAVEGANDO EM <i>BLOGS</i> DE PROFESSORES DE HISTÓRIA.....	63
3.1	<i>Blogs</i> e educação.....	65
3.1.1	<u>Blogs – histórico e caracterização.....</u>	65
3.1.2	<u><i>Blogs</i> e educação.....</u>	68
3.2	Constelação de <i>blogs</i> – campo empírico e metodológico.....	75
3.2.1	<u>O método das constelações.....</u>	75
3.2.2	<u>Mapeamento e tipologia.....</u>	77

3.2.3	<u>O discurso pedagógico em blogs de professores de História.....</u>	89
	(IN) CONCLUSÃO.....	113
	REFERÊNCIAS.....	119
	APÊNDICE A – Tabelas de tipologias dos <i>blogs</i>.....	125
	APÊNDICE B – Cenas criadas pela autora e que surgem ao longo do texto.....	133

INTRODUÇÃO

Estas areias pesadas são linguagem.
Qual a palavra que todos os homens
sabem?

Ana Cristina Cesar

Este trabalho busca mais que um mapa óbvio para ser trafegado, a ideia aqui é que não haja amarras e que o leitor se sinta convidado a passear por imagens e palavras. Ao longo das páginas há a presença de imagens–cenas¹. Essas, longe de pretenderem ser apenas ilustração, se apresentam como tentativa de despertar os sentidos em busca de operar experiências outras. As imagens aqui não compreendem apenas a clássica definição de representação visual. Pensemos nelas enquanto mecanismos fundamentais de interação e significação de mundo. Dada sua importância, surgem diversas outras como citações não obrigatórias ao longo do texto. Essa, portanto, é uma experiência de pesquisa que passeia entre o experimental e a busca de uma escrita pessoal que se inventa a todo instante.

Cena 01 – Feira livre

Uma menina caminha por uma feira, a cada barraca lhe chamam a atenção os diversos artefatos ali expostos. Cores, aromas e sensações lhe percorrem o corpo. Alguém grita, da barraca de livros, que ali só se encontram relíquias, ela corre e se apaixona pelo que vê. Folheia as páginas e cheira a cor amarelada como puro conhecimento adquirido. Logo adiante alguém avisa: “Os melhores sonhos a preço de banana!”, rapidamente ela esquece-se dos livros e já se vê apaixonada por uma possibilidade onírica sem fim. Na dúvida se compra uns tantos sonhos de aventura ou de amor, avista ao longe uma barraca praticamente vazia. Ao centro um papel meio amassado com algo escrito, ela lê com dificuldade: “Curiosidade”. Na dúvida entre os livros, os sonhos e a curiosidade a menina corre para fora da feira até o alto

¹ Reunidas no Apêndice B, p. 133.

de um morro. De lá avista as barracas percorridas e tantas mais, pega um caderno e desenha lentamente diversas estrelas. Ao lado de cada uma, escreve o artigo de cada uma das barracas que viu e outras que acaba inventando: livros, sonhos, curiosidade, criança, coceira, saudade, balão, história, entre outras que não me recordo. Ao final, liga os pontos de uma estrela a outra. O desenho composto é um emaranhado, a sua biblioteca de sentidos mutante.

Início esta pesquisa com uma reflexão pessoal acerca da pesquisa, enquanto campo de tensão. Por tensão não opero uma valoração meramente dicotômica entre negativo e positivo, ou ainda entre bem e mal. Tensão aqui é entendida como campo de significação que opera a produção de saberes diversos. Se começo meu texto a partir desse ponto de vista, talvez seja devido ao tortuoso caminho ao qual trafego até chegar a este ponto. Cercada de dúvidas, hoje as entendo enquanto parte dos processos de construção acadêmico-profissional. Creio que o tornar-se pesquisador é um processo muito pessoal e perpassa, não apenas pela identificação com um caminho teórico-metodológico, como também por um encontro com a sua própria escrita. No trabalho aqui desenvolvido, forma e conteúdo estão intimamente ligados, não podendo, portanto, ser descoladas, a minha forma-escrita de meu conteúdo-teórico, aqui apresentados.

Em minha trajetória tortuosa, a arte sempre se fez presente. Das atividades culturais promovidas pela escola, às apresentações de balé clássico na primeira infância, passando pelas diversas experiências com o cinema universitário. A sensação de que as trocas cotidianas necessitavam de caminhos outros de percepção levaram-me à poesia e ao realismo fantástico de García Marquez, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges; encontrava assim, apaixonadamente, a arte do texto. Em meu percurso de estudante fui percebendo a proximidade entre arte e técnica, a partir da fotografia e do cinema. Não tardou para que as tecnologias comunicacionais me interessassem, sobretudo, por sua capacidade de significação artística.

Ser professora, além de pesquisadora dentro do universo da educação, foi fruto de um longo processo. Da menina que queria ser astronauta quando criança, médica na adolescência e cineasta já na vida adulta, a docência chega como lugar de encontro e autodescoberta. Talvez por conta da imagem da carreira docente associada à vocação e à penitência no senso comum, essa vontade só tenha surgido quando do meu primeiro contato com a sala de aula. A opção pela História,

como graduação, se deu em busca de nutrir uma curiosidade sem fim pelas diferentes culturas em seu percurso temporal. Costumo, ainda hoje, me perceber imaginando como os espaços pelos quais cruzo deveriam ser em tempos passados.

Ao percorrer as gavetas da memória, esbarro em mim como uma estudante que não se adapta ao óbvio e se cansa do lugar comum. As aulas longas que causam sono ou irritação, a ausência de anotação de aula em cadernos, o excesso de desenhos que dialogam com pensamentos e saberes. Se essa inclinação favorece um autodidatismo, na contramão, estabelece alguns desafios à adaptação a um sistema educativo por vezes monolítico, gerando alguma fragmentação nos interesses e no meu processo de aprendizagem. A lógica linear, presente tanto na forma como aprendemos a ver o tempo, como também na estrutura educacional me fizeram estar sempre incomodada. Assim eu aprendia, aprendo e escrevo, no fragmento e no diferente. Esse trabalho, portanto, além de realizar uma pesquisa, promove uma autodescoberta através das imagens de mim, dispersas e reunidas, em constante movimento.

Nessa trajetória de formação acadêmica, por volta de 2007, encontro um autor intrigante. Ele incomoda porque parece cheio de armadilhas e labirintos que me levam a reler o texto, buscando significados não óbvios.

Walter Benjamin, célebre autor alemão do início do século XX, me conquista com suas imagens dialéticas² e cenas que lembram parábolas bíblicas. Fala da reconfiguração das experiências em face da modernidade, com destaque importante para a magia da técnica. Em sua produção, me leva a caminhar pelas ruas de Paris do século XIX, descortina salões burgueses, me apresenta um anjo pobre de asas caídas e me ajuda a perceber que a história pode filosoficamente permear um simples jogo de xadrez³.

Benjamin vem me auxiliando não apenas como arcabouço teórico-metodológico como no encontro com a minha própria escrita. Aqui, afirmo a importância da construção de uma escrita que conecte o pesquisador ao seu universo de investigação. Nesse sentido, a escrita a que me proponho aqui não é meramente acessória. É mais do que forma, dialogando com a temática dessa

² Imagem Dialética é um conceito cunhado por Walter Benjamin em que, através de uma imagem, é possível alçar a quebra da linearidade temporal e resgatar a experiência da história. Uma imagem pode condensar a transcendência temporal, permitindo ao sujeito participar da história.

³ Alegoria do jogo de xadrez, presente na tese 1 em "Sobre o conceito de história" In: *Magia, técnica, arte e política*" (BENJAMIN, 2008, p.222)

pesquisa e as bases teóricas que aqui serão apresentadas. O autor alemão, portanto, participa de minha construção como pesquisadora em amplo sentido. Sua produção é interrompida com a sua morte em 1940, mas ainda que não tenha vivido as intensas transformações da segunda metade do século XX, não deixa de ser atual.

Benjamin me auxilia no resgate de um panorama histórico a partir da modernidade, já que é um crítico contundente das transformações ocorridas com a consolidação do capitalismo. Ancorando-se numa perspectiva que via o progresso enquanto barbárie, anunciava o perigo no aumento das práticas que perdiam significação transcendente aos indivíduos, afirmando que a experiência (*Erfahrung*) estava sendo esvaziada de sentido. Se o autor alemão já anunciava a barbárie no início do século XX, o autor francês Guy Debord (2000) conceituaria a sociedade do final do século XX como ancorada num constante espetáculo. Atualiza o percurso histórico, pontuando que, se antes o apreço e a posse dos objetos era o que caracterizava os regimes de validade social urbana, em vésperas do século XXI estaríamos vivendo uma transição para o que se aparenta a despeito do que se é. Assim, diz o autor “[...] o espetáculo é a afirmação da aparência” (DEBORD, 2000, p. 16). Ambos os autores nos escancaram uma crítica fundamental, em tempos de assomo de tecnologias comunicacionais, a de que é preciso descortinar as aparências já que as experiências atuais tenderiam à mera superficialidade.

Entendo que, nesse quadro de transformações, as mudanças no campo informacional e comunicacional vêm ocorrendo com uma intensidade nunca vista antes. Mais recentemente, com a disseminação dos computadores pessoais e das novas mídias portáteis, foram inauguradas possibilidades de comunicação e trocas diversas. A partir dessas, “[...] novos saberes são produzidos, novas formas de ser e de pensar esse alucinado mundo contemporâneo emergem.” (BONILHA; PRETTO, 2008). Investigar esse campo é, portanto, interessante para perceber a atualidade de forma ainda mais ampla.

Pensar a educação hoje é inseri-la num quadro de crise que perpassa todo o sistema capitalista. Nesse contexto, a escola continua a ser alvo de questionamento quanto ao seu movimento em busca das transformações sociais que vêm ocorrendo. O quadro atual é marcado por um discurso recorrente acerca do uso das TIC como forma de assegurar qualidade nas práticas educativas. Busco, portanto, construir

uma reflexão acerca da educação a partir do olhar sobre a *Internet*⁴ com recorte mais específico em *blogs de professores de História*.

O tema já me intrigava desde o percurso da Graduação em História na UFF a qual concluí com a monografia intitulada *As Imagens no Ensino de História: discussões e possíveis abordagens metodológicas* (DOMINGUES, 2009). Nesse momento, ainda percebia as imagens enquanto possibilidade somente técnica, atreladas ao dispositivo mecânico e ao suporte. A partir da Pós-Graduação *Latu Sensu* em Educação Básica na UERJ/FFP, desenvolvo o trabalho monográfico intitulado *Educação, Twitter e a Experiência em Walter Benjamin* (DOMINGUES, 2012) e passo a compreender não apenas as imagens, mas a tecnologia para além do uso enquanto ferramenta. Essa é uma premissa fundamental para pensar essa dissertação; entender a tecnologia para além do suporte, ampliando sua percepção para a técnica que participa da construção de formas diversas de sociabilidade e saberes.

Essa perspectiva é importante ser pontuada, pois já indica uma direção que evita o salvacionismo associado às TIC no universo da educação. Se, em pesquisa anterior, elegi o *Twitter* como campo empírico de pesquisa, opto agora pelo universo dos *blogs* de professores de História. Surgem aqui duas possíveis perguntas: por que *blogs*? Por que professores?

Cena 02 – Balões letrados

Final de tarde, outono de 2004, nas cercanias de um museu de arte moderna acontece uma festa. Pessoas incomuns lotam a entrada, chego tímida e curiosa, como de costume. Já na entrada, recebo um balão amarelo com um papel dentro, em letras digitadas, leio “Bentivício”. Confundo os tempos na memória, mas arrisco dizer que na festa pairava uma música nunca ouvida antes. Vejo imagens de aquários e mistura de tintas numa superfície, cores traduzidas em som, água e paisagem sonora. Ali, em meio àquele caos, balucio de forma hipnotizada “Bentivício”, eis o nome do meu primeiro *blog*, uma palavra que ainda hoje

⁴ Vale ressaltar aqui a diferença no emprego dos termos *Internet* e *Web*, no senso comum recorrentemente utilizados como sinônimos. *Internet* compreende o sistema de rede que conecta os diversos aparatos técnicos globalmente e pode ser utilizada a partir da *web*, com programas de mensagens instantâneas, aplicativos de *downloads*, entre outros; já a *web* é o sistema de formato *http//* que comporta diversos formatos de páginas, entre elas os *sites* e *blogs*.

recorrentemente me escapa à boca.

Acho que já ficou claro para o leitor que escrever me é algo caro. Não espanta, portanto, que, ao longo da minha adolescência e início da vida adulta, poder escrever ideias em página própria da *web* soasse muito convidativo. Não nego, entretanto, que o surgimento dos *blogs*, no final da década de 1990 do século XX, associado ao diário me incomodasse. Como pensar em compartilhar a minha intimidade com qualquer pessoa? Afinal, diários são feitos para um encontro pessoal consigo mesmo, alguns inclusive possuem cadeados para assegurar a devida privacidade. Paula Sibília (2008) afirma que há uma mudança fundamental ao longo do século XX que redireciona a escrita de si íntima para uma escrita mais espetacular. O se narrar, passa a ser espetacularizado, inserindo os sujeitos em esferas de validação social a partir das escritas de si.

Inserida nesse panorama, adentro o universo dos *blogs* e me arrisco quando em 2005 crio o meu “bentivício”⁵. Exercito a minha escrita inventiva por alguns anos até que, em 2009, crio o *blog* “Ensinar História”⁶ em busca de dividir experiências e ideias sobre o ensino de História. Ao pensar a minha prática como docente, começo um questionamento pessoal “Por que criei um *blog*?”. Apesar de simples, não consigo responder com clareza à questão, receando somente estar em busca de adequação a um possível modismo. Começo a perceber inúmeros outros *blogs* na rede, alguns diversos dos meus, outros parecidos, muitos abandonados. Notícias e reportagens sugerem que, para se estar antenado ao século XXI como professor, é importante ter um *blog*, e, por isso, meus questionamentos continuam a aumentar.

Assim, chego ao universo empírico da pesquisa em questão: *blogs* de professores de História. A opção por *blogs* de professores se deu, não apenas pela motivação pessoal enquanto blogueira, como também pela percepção da centralidade da figura docente em diversas discussões não restritas ao universo acadêmico. Nessas novas ordenações econômico-sociais, o professor é cobrado a estar atualizado em meio ao mar de informações possíveis e, ainda, ser capaz de mediá-las junto a seus alunos. Outro ponto importante é o de se pensar que, mesmo diante do quadro de desvalorização da profissão docente, sobretudo sob a perspectiva das políticas públicas para a educação, uma série de profissionais

⁵ <http://www.bentivicio.blogspot.com.br> (Criado em: 27 jul. 2005)

⁶ <http://ensinarhistoria.blogspot.com.br> (Criado em: 03 jun. 2009)

consegue desenvolver atividades extras, no caso, *blogs*, em seu tempo livre.

Se opto pelas plataformas de docentes de História, isso não se dá ingenuamente. Pontuei, no início desta Introdução, sobre a importância de se pensar forma e conteúdo como coisas que se interpenetram. Assim, ao eleger esse universo de pesquisa, surgem questões acerca do “ser professor”, que permeiam certas especificidades da disciplina. A escrita da História, o tratamento dado a fontes diversas e, em especial, as imagens, a relação com o tempo, entre outros pontos que perpassam os docentes da área em questão. Sendo professora de tal disciplina e possuindo um *blog* sobre o mesmo assunto, me parece mais apropriado caminhar por entre esse universo que já me é conhecido, no cotidiano. Sem falar que, ao desenvolver um trabalho de pesquisa no que tange minha profissão, acabo por assumir um processo reflexivo teórico e prático.

A importância dos *blogs* mostra-se, não apenas pela quantidade existente hoje – por volta dos 180 milhões⁷-, mas pela possibilidade de expressão e popularidade que adquiriram ao longo de sua história. Não foi possível precisar o número de *blogs* de professores brasileiros existentes, mas, no recorte elegido, me foi possível mapear 122 *blogs* de professores de História, baseando-me em pesquisas a partir da plataforma de busca *Google*⁸. Esse quadro me proveu um interessante material para seguir em busca de apontamentos que fundamentam a reflexão aqui realizada.

A relevância deste trabalho reside primeiramente numa proposta incomum, a partir das pesquisas realizadas sobre o tema, a de se pensar o *blog* para além da ferramenta educativa. Aqui, portanto, entendemo-lo como espaço virtual midiático, que faz uso de diversos discursos como o som, a imagem e o texto. Esses perfazem os cotidianos dos diversos sujeitos e podem ser utilizados das mais variadas formas, entre as quais, a de ferramenta. Ao assumir a inclinação de que o *blog* não é apenas um recurso, aumentamos a possibilidade de compreensão das TIC em consonância com a educação.

Outro ponto importante é o que insere as TIC num amplo debate acerca da necessidade de se inclui-las nas instituições de ensino. Em favor dessa posição há uma série de trabalhos acadêmicos que ressalta a importância de se pensar

⁷ Segundo rastreador *BlogPulse* da *The Nielson Company* – dados de julho de 2012. Fonte: <http://smartdatacollective.com/matthewhurst/44748/farewell-blogpulse> (Acesso em: 14 fev. 2013)

⁸ Pesquisa realizada ao longo do mês de julho de 2013.

criticamente os seus usos, bem como para capacitar os profissionais para uma prática mais coerente com o século XXI. Novamente, essa perspectiva parte do princípio de que as TIC precisam ser inseridas, como um acessório novo, que confere validade a um possível espaço de obsolescência. Aqui, afirmo a importância deste trabalho assumir que as tecnologias sempre fizeram parte da trajetória histórica do homem. Nesse sentido, mais do que tudo, as TIC participam das transformações sociais em curso, ao longo dos tempos. Há que se ressaltar que, ao partir desse pressuposto, busco justamente evitar a manutenção do Mito do Progresso, de que nos fala Walter Benjamin (2008). Esse mito sacraliza a tecnologia como afeita ao progresso humano, em que a sua mera inserção garantiria qualidade às vivências sociais.

Trago ainda o entendimento da Internet enquanto potencial revolucionário. Se traçarmos um histórico do surgimento da rede mundial de computadores e investigarmos os seus valores fundantes, será possível perceber que há uma perspectiva de colaboracionismo, liberdade, horizontalidade e flexibilidade das autorias. Esse potencial se expressa em práticas diversas que produzem informações, saberes e conhecimentos. A Internet carrega, portanto, uma série de práticas pedagógicas interessantes, importantes para repensar o papel da educação no século XXI e suas transformações.

Ao se pensar a Internet, não há como fugir do entendimento de um complexo sistema de redes que conecta o mundo inteiro. Se criássemos uma imagem mental para ilustrá-la, poderíamos pensar num emaranhado de linhas e pontos, sem que haja qualquer noção sobre seus limites. Ao mergulhar na rede, parto em busca de pistas diversas que me auxiliem na reflexão acerca de como se estruturam os *blogs* de professores de História. Essas pistas são compostas pelos discursos presentes nos *blogs* mapeados. Vale ressaltar que a linguagem é a construída na interação entre o homem e sua realidade histórico-social. Desse modo, deve se pensar a linguagem a partir de seu contexto histórico, percebendo os movimentos e transformações que a permeiam. (ORLANDI, 1987, p. 27)

Quando falamos em discurso, partimos da perspectiva de que esse se compõe, não apenas por texto escrito, como também por sons e imagens. Uma contribuição relevante é a da Análise Crítica do Discurso, fundamentada por Norman Fairclough (2001) a qual compreende uma perspectiva tridimensional do discurso. Em sua proposta, percebe os discursos como uma relação entre: texto, prática

discursiva e prática social. A partir desse pressuposto, investigo as várias possibilidades das pistas presentes nos *blogs*. O título desse trabalho lança mão de uma licença poética ao brincar com os termos *post* (postagem) e pista, mas vale ressaltar que diversas instâncias são importantes de serem investigadas como: as interações entre os visitantes do *blog*, a forma em articulação com o conteúdo apresentado, o tratamento dado à História, a articulação direta entre alunos e professores, uso de fontes imagéticas, entre outros aspectos.

Para a compreensão desse emaranhado de possibilidades baseio-me ainda no método adotado por Walter Benjamin, em especial no *Livro das Passagens* (2006), chamado, por alguns críticos, de “Constelações”. Esse método consiste em resgatar os diversos indícios, dentro de um universo empírico, em busca de construir uma constelação que nos permita compreender o descontínuo das vivências humanas. O autor lança mão de tal método, articulando-o às diversas alegorias criadas, em busca de uma conexão dos sentidos com o leitor. Tal metodologia auxilia sobremaneira a presente pesquisa. Desse modo, apresento uma escrita a partir de certa fragmentação, que também irá caracterizar determinadas expressões e comunicações da *Internet*. Mais uma vez, o que teço aqui é uma articulação dialética entre a escrita da dissertação, o tema pesquisado e o método utilizado para a pesquisa. Sendo uma pesquisa em que se pretende experimentação, busco ainda a contribuição de diversos estudos que contemplem a linguagem, a Filosofia e a História.

1 PERSPECTIVAS PARA ALÉM: EM BUSCA DO TEMPO PRESENTE

Mas a arte, a ciência, a filosofia exigem
mais: traçam plano sobre o caos.

Gilles Deleuze

Começo essas linhas, falando de uma fuga antiga que hoje se mostra inevitável, a do meu encontro comigo mesma através da Filosofia. Durante meus quase 30 anos releguei àquilo que hoje se mostra absolutamente coerente: pensar o mundo através da reflexão filosófica. Para compreender esse processo vasculhei as memórias e sensações infantis.

Recordo e paro o tempo do relógio, encontro uma bolsa bege, dessas em formato de carteira, dentro dela um livro *O sofá estampado* de Lygia Bojunga Nunes (1992). A última vez que o li deveria ter uns 11 anos e, mais do que lembrar da narrativa, me lembro daquela sensação de estar perdida dentro de um universo que parecia fazer sentido em meio ao caos. Eu sentia que lia e que não entendia, ou ainda, que era capaz de entender o que não lia; eu não sabia, mas essa dúvida, do que era aquele mundo–sofá me abria ao mar de pensar a vida.

Carregava a bolsa com o mundo dentro e deitava na grama fria, era sereno e a noite escura pintava o céu de estrelas. Começava a pensar, a partir daquele sofá, que eu ali deitada estava dentro de um planeta que estava dentro de um sistema solar que estava dentro de uma galáxia que estava dentro de um universo tão grande que eu ficava pequenina rapidamente. E me incomodava essa sensação de descobrir em mim uma pequenez que não era pela idade ou altura. Chegava a sufocar, confesso, pois ali se escancarava um abismo que talvez nunca tivesse fim; o da imensidão da vida. Eu demoraria quase 30 anos para descobrir que ali, deitada naquela grama fria, o que havia era um filosofar, pueril, mas não menos questionador.

Além das obras de Lygia, passei por diversos livros e os que me apraziam eram sempre aqueles de profanar o tempo, de matar a vida para fazer arte. Um realismo fantástico de Borges aqui, uma poesia de Ana Cristina César ali. Como eu gostava quando o Guimarães Rosa criava letra formando palavra nova, neologismo,

em escrita acadêmica! Quem sou eu? Quem é você, leitor? Com esses padrinhos, descobri que o verbo é “estar” e não “ser”, porque hoje eu estou mais filosófica do que nunca, mas durante muito tempo eu fui outras coisas mais corriqueiras. Esse estar na filosofia me parece que não sai mais, saiu do inconsciente e meu conhecimento de psicanálise não me permite dizer se isso é capaz de voltar ao ovo primordial⁹. Sejamos mais práticos, afinal isso aqui não pode se esquecer de estar Ciência.

Eu decidi que não poderia fazer algo que não me inflamasse as veias, porque do contrário não seria eu. Agora compreendo a chave para que este trabalho não seja apenas uma vaca¹⁰. Beatriz Sarlo já me chamava a atenção ao afirmar que:

*Lo que llamamos la academia (ese aparato que adjudica legitimidad y prestigio a los saberes y también dice cuáles son) es diestra en la tecnología de la reproducción: generaliza todo lo que toca. Se podría decir también que la academia es igualadora porque, para estar en ella, casi todo el mundo hace lo mismo, siguiendo las mismas tendencias de un mercado simbólico especializado cuyas dimensiones son, por lo menos, las de occidente.*¹¹ (SARLO, 2000, p. 77).

Esta dissertação, portanto, é um mergulho acadêmico com a perspectiva de que é preciso viver a arte para não morrer a vida. Partindo dessa inclinação é que crio, em meio ao processo de pesquisa, uma rota de fuga, o *blog* <http://dissertarte.blogspot.com.br>¹². Surge como uma válvula artística – e, por que não dizer – diário de experiências acadêmico–estéticas.

Esse, no entanto, não é um trabalho que elege a arte, enquanto universo empírico de pesquisa. A arte, aqui, se insere enquanto forma de perceber e pensar o mundo. Nesse sentido, busco uma perspectiva estética em minhas proposições, na medida em que entendo o processo de transcendência como vital para uma possível compreensão dos sentidos que construímos. É por isso, que, ao longo desse texto,

⁹ Ver *A História do Olho*, de George Batailles.

¹⁰ "La Ciencia es una vaca. Escucho, / me siento en la clase / y hace: 'mu'" Walter Benjamin, aos 20 anos numa aula de filosofia. Disponível em: <<http://dissertarte.blogspot.com.br/2013/06/la-ciencia-es-una-vaca.html>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

¹¹ O trecho correspondente na tradução é: O que chamamos de academia (esse aparato que confere legitimidade e prestígio aos saberes e também diz quais são) tem a destreza da tecnologia da reprodução: generaliza tudo o que toca. Poderia se dizer também que a academia é igualadora porque, para estar nela, quase todo mundo faz o mesmo, seguindo as mesmas tendências de um mercado simbólico especializado, cujas dimensões são, pelo menos, as do Ocidente.

¹² Criado em: 23 maio de 2014.

surgem imagens, cenas e pinturas, perpassando não apenas os objetos analisados ou exemplificados, como também propondo uma experiência de escrita estética.

Mas não é apenas a filosofia que me serve de base em busca das questões a que me lanço. A História, como parte de minha formação acaba por imprimir uma base teórico-metodológica que busca certos inventários de compreensão. Se a Filosofia e a História se coadunam em minhas bases, alço passos mais largos em busca de também investigar o universo da linguagem. Nesse sentido, algumas contribuições da Análise Crítica do Discurso me são fortuitas em nome de certos mergulhos nesse campo tão diverso.

Nesta pesquisa, utilizo do diálogo com os autores que pensam a linguagem da modernidade à contemporaneidade. A busca, que não finda nunca, é acerca de em que estamos nos transformando. Parece-me óbvio que essa busca seja trânsito e, dispendo do movimento fragmentário que reconstrói o tempo, retomo a modernidade em meio à consolidação do capitalismo, chegando posteriormente a nossa contemporaneidade difusa.

1.1 Walter Benjamin – do fragmento a uma possível constelação do caos

Cena 03 – Numa valise, uma constelação

Portbou, divisa franco-espanhola, setembro de 1940, diante da horripilante possibilidade de se tornar prisioneiro em algum campo de concentração na Europa, Walter se desespera. Judeu, marxista e, sobretudo, filósofo, não consegue conceber a possibilidade de estar numa vivência materializada da barbárie. Não, é inconcebível. Num ato de fé, já que a fé só se expressa através da ação do sujeito consciente de seu papel histórico, ele rompe com o caminho quase inevitável de um fim corpóreo em meio ao horror. O suicídio vem um dia antes do seu visto de emergência para os EUA ser liberado. Carregava obsessivamente uma valise que continha a sua obra mais ambiciosa e que viria a ser publicada após sua morte, em seu inacabamento, o *Das Passagen Werk*¹³. Levava aquele manuscrito como

¹³ Ver a edição brasileira: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da

resistência última de quem sente o fim inexorável bater à sua porta (SARLO, 2000). Sabemos que o “se” não existe em História, as conjecturas nos servem para entreter o tempo e trabalhar a imaginação. Em todo caso, o que teria havido caso o filósofo conseguisse juntar-se ao casal de amigos, Gretel e Theodor Adorno que o esperavam em solo americano?

O autor é muitíssimo utilizado em diversas áreas do conhecimento acadêmico nas quais permeiam discussões acerca do seu lugar epistêmico. O mais importante é assegurar que sua obra é de valor inestimável para o campo das investigações humanas com o advento da modernidade. Debruça-se sobre objetos como fotografia, arte, colecionismo, literatura, drogas, brinquedos e brincadeiras, tecnologia de reprodução estética e, sobretudo, a cidade. Foi capaz de entrever com brilhantismo as tensões presentes com a consolidação do capitalismo. “Sua reflexão constitui um todo no qual arte, história, cultura, política, literatura e teologia são inseparáveis” (LÖWY, 2005, p.14). Desse modo, pode ser considerado um precursor dos estudos com foco no universo da cultura.

Afinada com Michel Löwy (2005), entendo Walter Benjamin enquanto um filósofo crítico e revolucionário da ideologia do progresso. Ao construir sua teoria irá valer-se de bases que, à primeira vista, podem parecer inconciliáveis: o romantismo alemão, messianismo judaico e o marxismo. Inserido em um contexto de pensadores na Alemanha do início do século XX, atrelava-se ao pensamento romântico, na medida em que rogava por um passado mítico que fosse capaz de auxiliar na transcendência do real. Articula sua teoria de forma que o sagrado se desloque no sentido do profano; sendo assim, o Messias somos nós (LÖWY, 2005); a interrupção da barbárie é messiânica e assume a veste da revolução. Chocou-se com os marxistas que criam num evolucionismo vulgar em que as tensões sociais e de produção gerariam naturalmente a revolução. Para Benjamin, a revolução seria antes ação consciente, uma opção por agir em nome da interrupção de uma evolução histórica que levaria à catástrofe. Vai observar a cidade e seus hábitos, buscando perceber uma concretude das ações filosóficas revolucionárias.

Ao pensarmos no seu método de pesquisa, não é possível assegurar uma exatidão, já que sua obra é muito diversa, mas algumas linhas são perceptíveis no conjunto de sua produção. Se há algo que marca todos os seus trabalhos é a

potência da imagem, essa que é capaz de conectar diferentes sujeitos em distintos momentos. A imagem é a potência para o entendimento de mundo; através de sua capacidade polissêmica, as análises não são fixadas num tempo datado, mas permitem diálogos transcendentais. Assim como as obras de arte que atravessam diferentes temporalidades, se ressignificam, mas ainda assim são capazes de promover diálogos. Ou ainda as parábolas que criam imagens e cenas que perfazem diversas gerações em seu percurso religioso. Trazer um autor imagético para entrever os meandros de uma atualidade marcada por esquemas de intensa visualidade não se dá, portanto, por mero acaso.

Com essas imagens, empreende a busca por mapear o caos a partir do fragmento. Benjamin supera uma perspectiva ortodoxa, na medida em que entende as resistências em fragmentos, sendo parte fundamental de uma análise mais complexa. Explico-me: no chamado “método das constelações” (KOTHE, 1976, p. 107), o ofício de citar torna-se importantíssimo. Essa perspectiva se torna mais clara no livro das *Passagens* (BENJAMIN, 2006) em que o autor mergulha na citação como forma de captar as linhas de um dado campo empírico de pesquisa. Para o filósofo, escrever a história, é, antes, citá-la. Sendo assim, a citação surge como uma estrela e, ao construir uma série de citações, é criada uma *constelação*. Entendendo que as estrelas pautam-se num lusco-fusco constante, a dialética se dá nesse iluminar em rede que é sempre fluxo. O diálogo e a vivacidade se constroem nessa operação de acender e apagar constante. Assim funciona o seu método, na busca de uma constelação que seja viva e que com seus feixes, ilumine e descortine certas perspectivas de compreensão de mundo.

Nesse sentido, Benjamin traz uma perspectiva artesanal ao processo de pesquisa, uma construção de um mosaico dinâmico, a *constelação*. Para ele, então

[...] o “método” não é o caminho de acesso ao objeto, mas o descaminho. Daí o seu modo de construção do texto, feito à base de citações, em que nenhuma delas é definitiva ou plenamente aceita. Elas entram num jogo de diferenças mútuas capaz de indiciar e sugerir a verdade, que não está em nenhuma delas como algo parado e definitivo, constituindo-se, contudo, nesta dinâmica mesma de inter-relacionamentos. (KOTHE, 1976, p. 27)

Em que medida poderia o autor ser base para uma pesquisa em educação? “Sua forma de relacionar as ideias e o mundo empírico, e de incorporar a tradição filosófica *strictu sensu* sugere práticas desburocratizadas e liberadoras” (D’ANGELO,

2006, p.23). Nesta pesquisa, proponho justamente investigar o universo da educação marcado pelas TIC, com recorte mais específico em *blogs* de professores de História. Uma das possibilidades promovidas pela popularização da *Internet* é justamente a abertura para novas práticas sociais, com uma potência de horizontalidades em suas trocas. Em meio ao debate sobre a educação no século XXI, há um clamor para a revisão de modelos consolidados, no fazer pedagógico. Nesse ínterim, as TIC parecem apontar possibilidades diversas para esse repensar e a conseqüente transformação em fazeres.

A seguir, trago à discussão, certos conceitos importantes na sua obra para pensarmos a trajetória de consolidação da modernidade, seus ecos e reconfigurações em nossa configuração atual.

1.1.1 Experiência e o Tempo de Agora (*Jetztzeit*)

Cena 04 – Flor em chat

Ana diz: não sei explicar, mas é como se tivesse parado de fotografar, a fotografia digital parece que descontrói o tempo da experiência, mais do que a analógica.

Carol diz: sei bem como é. Lembro de uma vez...

Carol diz: estava numa ponte, em Floripa, havia várias flores no chão, tão lindas, amarelinhas. Daí eu comecei a jogá-las da ponte, tentando fotografar quando caíam lá embaixo. E era tão lindo ver, mas eu não conseguia captar com a máquina o que eu via.

Ana diz: é porque a foto, no fundo, é só um indício de um tempo passado, né?

Carol diz: é, e daí eu preferi ficar só olhando e olhando, porque assim parecia que a coisa ficava mais viva, imagem de memória dá pra gente brincar e sentir mais!

A escrita de Walter Benjamin carrega em si uma espécie de enigma ou ensinamento intrínseco que em muitos momentos nos leva à confusão. Não é um autor óbvio, desses de se ler apressadamente. Desafia nossa capacidade de compreensão à primeira leitura e há, portanto, que se insistir. Essa escrita possui traços fortemente imagéticos, e se crio também as minhas imagens, é por assumida

influência do autor alemão. Além do fascínio pelas artes, sobretudo pela potência revolucionária do cinema, retoma traços das narrativas do Torá, livro sagrado da religião judaica. Desse modo, muitas de suas obras carregam esse traço de parábolas fortemente calcadas em imagens, com algo que não está dado, pois é preciso alcançar uma percepção, talvez possível através de uma experiência transcendente. Há, portanto, em sua obra, uma conexão com o que transcende a partir da experiência artística e religiosa.

Em seu célebre ensaio “Experiência e Pobreza”, de 1933, Benjamin apresenta sua percepção acerca das transformações na modernidade a partir da observação da capacidade humana de narrar. Afirma sem titubear: “[...] é preferível confessar que essa pobreza não é mais privada, mas de toda a humanidade.” (BENJAMIN, 2008, p.115) Com a consolidação do capitalismo e as reformulações urbanas e técnicas nas cidades, a experiência humana se reconfigurou. O ritmo fabril alienante passou a marcar também as esferas das trocas humanas e sociais.

Nesse intenso processo, a experiência se modifica, o autor diferencia a *Erfahrung* da *Erlebnis*, sendo que ambas as palavras, do idioma alemão, podem ser traduzidas por “experiência”, mas a primeira, seria justamente aquela tão degradada com a chegada da Modernidade. Experiência (*Erfahrung*) seria o processo pelo qual nos sentiríamos parte atuante da história através do tempo e só é possível com um uso do passado que tenha algo a nos ensinar. *Erlebnis* é a vivência isolada, inautêntica, de um sujeito permeado por trocas empobrecidas, em meio a uma lógica de consumo e dos estímulos incessantes. Num movimento linear temporal, em que o passado é visto como algo a ser superado, a experiência (*Erfahrung*) é empobrecida.

Pontua como a nova linguagem do homem moderno tem como decisiva “[...] a dimensão arbitrária e construtiva em contraste com a dimensão orgânica.” (BENJAMIN, 2008, p. 117). O passado é alçado a tempo perdido, enquanto o futuro flui como um trem descarrilado.

Vejamos breve análise da nona tese presente em “Sobre o conceito da História” (BENJAMIN, 2008, p. 222), de 1940. Texto largamente utilizado nas diversas áreas das ciências humanas, talvez pela sua capacidade de agregar de maneira geral muito do pensamento benjaminiano, sobretudo na forma como concebe a História. Vejamos:

Existe um quadro de Paul Klee intitulado “Angelus Novus”. Nele, está representado um anjo, parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e duas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade. (BENJAMIN *apud* LÖWY. 2005, p. 87)

O anjo da História está doente, olha para o futuro com uma ânsia de sobrevivência e parece não ser capaz de compreender o que o passado pulsante tem a lhe dizer. Os corpos que o anjo bem conhece amontoam-se a seus pés, tentando captar as suas vozes, mas a tempestade é intensa e ele deve prosseguir, pois acredita que o paraíso lhe chama. O que Benjamin nos apresenta com essa tese é que a noção de História na Modernidade é vazia. A vivência é de um tempo para frente, ao futuro sempre, o que virá e o novo são mais importantes do que o passado. A atitude crítica do autor consiste em inverter essa visão de uma História universalista, “[...] desmistificando o progresso e fixando um olhar marcado por uma dor profunda e inconsolável.” (LÖWY. 2005. p.92) A consciência do passado, assegurada pela tradição e a memória (sobretudo oral) é capaz de trazer o passado mítico à tona, inserindo o anjo, de fato, no acontecimento da História que cuida de seus mortos. Essa segmentação linear do tempo histórico em passado, presente e futuro, sempre com vistas ao que iria acontecer, esvaziou as práticas sociais e a tradição perdeu o seu valor em meio à pulsação do novo.

*Le temp détruit tout*¹⁴, a inexorabilidade não há como ser evitada. Esse é o mote do filme francês “Irreversível”¹⁵, lançado no ano de 2002 e não apenas dele. Talvez essa, seja a tônica da vida humana desde a consolidação da Modernidade. Nessa obra cinematográfica, somos expostos a uma forma fílmica que subverte a lógica linear de começo, meio e fim. A narrativa, com sua edição e montagem, nos apresenta como começo um fim violento e cru que, numa digressão, retoma os passos anteriores da história encenada. Na primeira sequência, vemos um homem

¹⁴ O trecho correspondente na tradução é: “O tempo destrói tudo”.

¹⁵ IRRÉVERSIBLE. Direção de Gaspar Noé. França: Le Cinémas de La Zone e Studio Canal. 2002.

cometer um assassinato de forma abrupta, instintiva e à medida que a narrativa regressa somos invadidos por uma sensação de descrença em relação ao tempo. À época do seu lançamento, o filme acabou recebendo mais atenção devido à intensa cena de um estupro, com seus intermináveis 11 minutos na tela. Não há como passar por essa cena sem no mínimo se incomodar, e, a despeito de parecer excessiva, é justamente esse conectivo emocional que faz com que, enquanto espectadores, problematizemos a lógica temporal. A todo momento esse questionamento é feito na obra, através da exposição impactante da violência, da montagem regressiva, do som direto cru e da trilha sonora intensa. O cinema, por sua popularidade e alcance, é um objeto que nos fornece inúmeros indícios sobre a forma como enxergamos o mundo e produzimos sentidos a partir do mesmo. Desse modo, “Irreversível” escancara o temor humano de que a despeito dos relógios, calendários e tecnologias não há como apreender a imaterialidade temporal que nos escorre por entre as mãos.

Se Benjamin me auxilia a compreender a modernidade, senti que seria importante traçar um panorama mais geral para o entendimento do mundo contemporâneo. Nesse sentido, encontrei nos trabalhos de François Hartog, importantes contribuições, já que o autor propõe uma percepção de tempo na História em que o presente é quem fala ao passado. Preocupa-se em “[...] oferecer instrumentos conceituais para se pensar e se escrever tanto *sobre* quanto *no* presente.” (NICOLAZZI, 2010, p.231). O tempo seria um traçado por onde o olhar caminha, quando o historiador é capaz de se posicionar intelectualmente a partir do presente, contempla esse movimento. O mesmo não ocorreria na operação inversa, em que o passado fala ao presente, correndo o risco de cair numa fala muda ou estática.

Em *Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo* (HARTOG, 2003) temos uma noção para conceituar a forma como nos relacionamos com o tempo nos últimos séculos, o chamado Regime de Historicidade. Opõe-se à ideia de época, já que essa seria apenas um corte linear no tempo. A definição de regime de historicidade seria:

Por regime, quero significar algo mais ativo. Entendidos como uma expressão temporal. Regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma sequência de estruturas. Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência (*Erfahrung*) do tempo, que em contrapartida, conforma nossos modos de

discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo. (HARTOG, 2003, p. 12)

Com essa noção, mais do que cunhar um conceito explicativo, Hartog propõe um recurso para reflexão sobre o tempo (NICOLAZZI, 2010, p.250). Desse modo, elenca um percurso histórico desde a antiguidade clássica, marcado pelos seguintes regimes: a *historia magistra* (ou o antigo regime de historicidade), o regime moderno de historicidade e o presentismo. O regime que alçava o passado à condição de semeador do futuro era justamente o entendimento da História enquanto mestra da vida; operando uma relação em que o futuro resgata o passado, não para reproduzi-lo, mas para ir além. Marcada por fortes laços de tradição, havia a relação de passado enquanto forma de esclarecimento do futuro. A transição da *historia magistra* para o regime de historicidade moderno fora marcada por um processo de séculos em que, ao final do século XIX, marcaria uma ideia de História, agora “[...] concebida como processo, segundo a ideia de que os acontecimentos advêm, não apenas *no* tempo, mas *através* (*durch*), dele.” (HARTOG, 2003, p.130).

Agora, com um tempo estruturado linearmente com vistas ao futuro, a necessidade de previsões passava a substituir as lições anteriormente advindas da História. A conexão anterior de passado e futuro se dava enquanto modelo a se reconstruir, agora se daria com a visão de obsolescência do que já se foi e de um futuro a comandar.

Ao iniciar minhas aulas junto a turmas de sexto ano do Ensino Fundamental, costumo perguntar aos alunos “Porque estudamos História?”, em que é comum surgir como resposta: para sabermos do passado, compreendermos o presente e prevermos o futuro. Essa fala, recorrente em diversas turmas que já lecionei, sugere não apenas uma imutabilidade do passado, já que é necessário “saber”, como se o mesmo estivesse dado. Do futuro, espera-se prever, numa busca pelo controle do incontrolável.

Um caminho popular de previsões do tempo é a Astrologia, a quem Benjamin atribuía, não apenas a revelação mítica do destino “[...] mas também um entrelaçamento mimético com a vida de cada um para, justamente, esquivar-se do destino” (BENJAMIN *apud* MATOS, 2009, p.13). No percurso humano da relação com o tempo, a Astrologia se mostra um terreno para percebermos os regimes de historicidade de que fala François Hartog. Se na Idade Média obteve uma disseminação e popularidade imensa, com o Iluminismo o seu saber passa a ser

questionado até ser alçado ao lugar de crença. Sendo assim, é justamente no período das luzes que cresce a segmentação entre Astronomia e Astrologia, a primeira atrelada à ciência e validada por seu conhecimento matemático e a segunda agora atrelada somente ao campo das previsões e interpretações das personalidades humanas ao longo do tempo. Apesar de relegada a um papel de crença, o campo astrológico nunca deixou de ser popular, não é de se estranhar, portanto, que tenha sido incorporado pela Indústria Cultural com a criação do horóscopo de 12 signos.

Transformada em produto, foi esvaziada de seu sentido e, na década de 1950, André Breton exclamava “Vejo a astrologia como uma senhora, escultural, absolutamente linda e de um reino tão distante que não consigo evitar que me captive.” (BRETON *apud* CAMPION, 2010, p.152), mas tinha pena de vê-la transformada numa “prostituta sentada em seu trono” (BRETON *apud* CAMPION, 2010, p. 152)¹⁶. A tradição do fazer astrológico acabava relegada ao papel banal de previsões tolas em meio a uma concepção frágil de tempo.

Como nos relacionamos hoje com a noção do tempo? Segundo Hartog (1996), ao final do século XX “o futuro iria ceder terreno ao presente, que tomaria mais e mais espaço, até parecer ocupá-lo inteiramente.” (HARTOG, 1996, p. 133) Esse momento, seria o presentismo, em que haveria uma excessiva valorização do hoje, a despeito do futuro e do passado – agora entendido também como morte.

Esse presente hipertrofiado assistiria a uma expansão da sociedade do consumo, ditando a obsolescência dos objetos num ritmo cada vez mais intenso. Hartog, com suas ferramentas, busca “[...] melhor apreender não o tempo, todos os tempos ou o todo do tempo, mas principalmente os momentos de crise do tempo.” (HARTOG *apud* NICOLAZZI, 2010, p. 250).

Ora, falamos anteriormente que Benjamin propõe um conceito de História, em que o passado mítico tem função primordial. No entanto, não devemos nos enganar, supondo que o autor alemão propõe que simplesmente ouçamos as vozes antigas. Propõe outra noção de tempo, o de Tempo de Agora (*Jetztzeit*), justamente no sentido de articular o passado mítico a partir do presente. Em outras palavras, seria a possibilidade de se construir consciência histórica a partir do que hoje nos liga ao

¹⁶ Trecho consultado na página “Saturnália” na rede social *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10151055907827293&set=pb.333111987292.-2207520000.1365885183&type=3&theater>>. Acesso em: 08 abr. 2013.

passado. Decorre desse pensamento a importância da memória e das narrativas que possam articular o hoje ao nosso percurso histórico.

1.2 O espetáculo, escritas de si e a liberdade no século XXI

O recente século XXI vem carregado de uma marca inegável, a velocidade nas transformações e, conseqüentemente, inovações tecnológicas. No campo da comunicação humana, há uma possibilidade imensa de se perceber esse quadro. Neste trabalho, elegemos os *blogs* de professores de História enquanto nosso prisma de observação de mundo. No entanto, as inovações atingem as mais diversas esferas. Vivemos, hoje, uma série de reconfigurações em nossas formas de sociabilidade, que outrora se davam de forma mais lenta.

O surgimento do telégrafo, no séc. XIX, marca a entrada da comunicação em tempo real, já que o aparato era baseado no uso da energia elétrica. Tamanho impacto dessa nova tecnologia a seu tempo é observável na primeira mensagem compartilhada ao se criar a primeira linha telegráfica americana: “What hath God wrought!”¹⁷. Era de um assombro tão grande conseguir se comunicar em tempo real, através de um aparato técnico que percorria distâncias imensas, que só haveria de ser uma obra divina. Progressivamente, a partir do Telégrafo, as inovações na comunicação em tempo real surgiram em um ritmo cada vez mais intenso. Hoje, nos deparamos com a imagem de uma comunicação holográfica, presente em diversos filmes de ficção científica do século XX, já não é cabível apenas ao mundo cinematográfico, é uma possibilidade bem próxima a surgir em nossa realidade atual¹⁸.

A lógica de comunicação em tempo real acompanha uma noção de achatamento do tempo e redução dos espaços, expressa no conceito de

¹⁷ “Que obra Deus fez”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Telegrafia>>. Acesso em: 26 out. 2013.

¹⁸ Em abril de 2012, ocorreu nos Estados Unidos o primeiro show realizado a partir da técnica de holograma. O espetáculo trouxe ao palco o rapper Tupac Shakur, morto em 1996. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/holografia/22409-como-foi-feito-o-holograma-de-tupac-shakur-que-impressionou-o-mundo-.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2013. A experiência já vem sendo realizada em outras partes do mundo, como no Brasil, com o show de Renato Russo em junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-JzrXsgRbTM>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

presentismo de que nos fala François Hartog (2003). Com isso, o ritmo cotidiano vem se intensificando, bem como a superficialidade nas trocas entre os sujeitos. O hiperestímulo nos insere num movimento de constante necessidade do novo. Como o ritmo é intenso, não resta tempo para processar os estímulos e, em sua ausência, nos desesperamos, pois reina um imenso vazio que incomoda pedindo para cessar.

Não há aqui, no entanto, somente pessimismo em relação ao cenário contemporâneo das relações sociais. Mas percebe-se um esvaziamento de certas trocas, outrora marcadas por outra relação temporal e de significação de mundo. São justamente essas novas perspectivas de construção de saberes e práticas sociais que me impellem a desenvolver este trabalho. E mais, se uma transformação, como a do telégrafo, participou de diversas mudanças sociais, o que dizer de uma Era informacional marcada pela popularização da *Internet* e das mídias portáteis?

Ao pensarmos nas tecnologias criadas pelo homem ao longo de sua história, é possível pensá-las sob a perspectiva de um prolongamento das capacidades humanas. O homem neolítico, em seu processo de sedentarismo, já desenvolvia uma série de instrumentos que prolongam as capacidades do corpo humano. Das suas facas em pedras polidas diversas à caneta esferográfica de nossos tempos, há um mesmo princípio, o de prolongar as potencialidades do corpo, impelidas pelo nosso pensamento.

No caso da fotografia analógica, por exemplo, podemos pensar a operação ocular enquanto potencializada e expandida para o aparato da caixa preta. Nesse sentido, não há como evitar a relação entre o homem tecnológico e os *cyborgs*. Nas últimas décadas esse prolongamento alçou características de maior dependência. As telas de celulares e outros dispositivos trazem uma aura de hipnotismo que vem fazendo parte de diversos debates acerca da nossa possível incapacidade de ser humano para além desses prolongamentos.

Esse humano esvaziado de experiências, que Walter Benjamin (2008) já inventariava no início do século XX, é aquele que perde a capacidade de observar o tempo sem pressa, acessar relações sociais que não sejam marcadas por códigos de ansiedade e se confronta com tantos outros no seu dia a dia. No entanto, será realmente que essas tantas telas e suas inúmeras funções não nos permitem reconfigurações e perspectivas outras de construções e práticas sociais? Essa pergunta talvez não seja aqui plenamente respondida, já que ela ainda é parte de uma incipiente busca de compreensão de nossas novas formas relacionais.

1.2.1 A espetacularização do ser e as escritas de si mesmo

“*No hay banda, it’s all recorded*”¹⁹, essa frase permeia uma sequência do filme “Cidade dos Sonhos”²⁰ do diretor David Lynch. Nela, algumas pessoas habitam um antigo teatro, o palco, com as cortinas fechadas possui apenas um microfone ao centro. Um apresentador retoma a frase diversas vezes, um som de *jazz* ecoa e subitamente um trompetista surge de traz das cortinas entoando um solo. Mais uma vez ouvimos o apresentador entoar “*No hay banda, it’s all recorded*”, revelando que também gravado é o som que sai do trompete.

Essa sequência fílmica é trazida aqui como uma poderosa imagem para apresentarmos o que é a sociedade do espetáculo, caracterizada na obra de Guy Debord que carrega o conceito em seu título *A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (2000). Em seu trabalho, o autor francês elenca uma série de teses acerca da existência humana no final do século XX. Atualíssimo, em sua perspectiva, afirma que vivemos uma existência em que as aparências são mais importantes que as possíveis essências. Não é de uma verdade universal em que se baseia, mas sim na percepção de que os esforços dos sujeitos sociais são maiores em nome de uma representação cada vez maior.

Nesse sentido, os sujeitos atuais são como o trompetista que adentra o *Club Silencio* da sequência fílmica descrita acima. Possuem o figurino de músico, portam o instrumento, se apresentam no palco de um teatro, porém o som que ecoa é de uma gravação. Não importa se há banda ou não, as pessoas querem assistir ainda que o som esteja gravado. E mais, não se surpreendem com a revelação da gravação, porque talvez nem saibam o que é um trompete sendo tocado de fato. O palco, espaço consagrado para as ficções é agora o lugar dos sujeitos contemporâneos. Nessa sequência, o apresentador quebra o tabu do mágico que normalmente não revela seu truque, mas sim revela àqueles míseros espectadores o que há por trás desse imenso espetáculo, o vazio.

¹⁹ O trecho correspondente na tradução é: “Não há banda, é tudo uma gravação”.

²⁰ link para a sequência. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=O1ZGvnGTn0U>>. Acesso em: 12 out. 2013.

Benjamin (2008), chamaria esse processo de esvaziamento, relacionado à perda da aura²¹. Entendendo, desse modo, a aura enquanto um conceito diretamente associado às experiências humanas, hoje em decadência. A partir da consolidação capitalista, as experiências foram sendo cada vez mais empobrecidas. Tal pobreza é tamanha que já não espanta escancarar a ausência que perfaz o show; em verdade, talvez nem seja notada.

Em uma sociedade marcada pelo espetáculo, precisamos constantemente de alguma plateia para afirmar nossa existência. Se o palco social, anterior à consolidação de ordem burguesa, era marcado a partir de encontros coletivos, hoje a Internet tem um papel cada vez mais destacado nesse processo. Estamos constantemente nos narrando. Brinco com a frase “Se eu não falar é porque não fiz”, já que existe hoje, uma necessidade em progressão de se afirmar que se existe. Será que o vazio do espetáculo é tamanho que é necessário afirmar que se existe para que se acredite de fato? Não ousou pontuar verdade acabadas, mas é comum observarmos nas diversas redes sociais, frases corriqueiras, narrando o cotidiano dos internautas. Somos assim informados quando alguém vai tomar banho, ou que comeu uma comida italiana, ou ainda que os filhotes do cachorro nasceram, ou quem sabe a morte de um parente.

Acerca das narrativas de si espetaculares, Paula Sibília constrói *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (2008). Em sua obra, a autora investiga as transformações dos últimos séculos acerca das narrativas de si, culminando na atualidade espetacular. Para tanto, retoma trabalhos importantes de Michel Foucault e do já citado Guy Debord. No seu percurso histórico, nos auxilia a compreender as transformações que marcam os regimes de si e suas formas possíveis de comunicação social.

Acerca da construção das subjetividades, traz um debate que permeia constituição da intimidade e sua culminância no século XIX com o homem privado em destaque. Se a longa Idade Média fora marcada por uma subjetividade coletiva, em que a esfera pública era determinante na formação dos sujeitos, o século XIX assistiria, em meio à consolidação burguesa, à disseminação da lógica privada.

²¹ Walter Benjamin afirma que a aura que compreende um objeto de arte relaciona-se com sua autenticidade, seu valor único de existência, além da experiência envolvida na produção da obra. Afirma que a reprodutibilidade técnica está diretamente ligada à destruição da aura, dando lugar a um novo modo de fruição estética.

Nesse sentido, as narrativas de si sofreram uma reorientação. É nesse contexto que se disseminam os gêneros de escritas autobiográficos, com destaque aos diários.

Assim,

[...] o lar foi se transformando no território da autenticidade e da verdade: um refúgio onde o eu se sentia resguardado [...] a solidão [...] converteu-se em um verdadeiro objeto de desejo. (SIBÍLIA, 2008, p.62)

Essa construção da intimidade já apontava para o isolamento enquanto parte da construção de si. O processo que viria a seguir, ao longo do século XX é justamente o de abertura das narrativas de si sob o formato espetacular. A chamada “técnica da confissão” já estava presente no período medieval em meio aos meandros da Igreja Católica e vem atravessando o tempo em meio a reconfigurações. Nesse ato, os “[...] indivíduos experimentam uma espécie de libertação; falar de si implica se esvaziar de um peso morto, gerando um alívio aparentado com a emancipação.” (SIBÍLIA, 2008, p. 72).

A evolução das narrativas de si não se deu sem impactos marcantes, advindos da consolidação burguesa. Walter Benjamin, em suas produções, alertava para a perda da experiência a partir das transformações na capacidade de narrar. No já citado ensaio “Experiência e Pobreza” (2008) traz o exemplo dos soldados que lutaram a Primeira Guerra Mundial e sua incapacidade de narrar as suas experiências. Isso se dava, segundo o autor, pela vivência máxima da barbárie em meio à guerra, dentro de um cenário de esvaziamento total da capacidade narrativa. Essa relação se estruturava em meio ao contexto que marca a morte do narrador, diagnóstico revelado pelo autor alemão.

O avalanche de informações a partir do universo jornalístico, já no início do século XX, interferia na relação entre os sujeitos e os acontecimentos sociais, pois tudo já vinha pronto, cheio de explicações. A informação, e aqui o protagonismo dos jornais massivos, já vinha encerrando em si, as suas potencialidades de compreensão. Carregada de verdade e senso de prova, a informação não permite o que outrora seria possível com a arte de narrar, a construção conjunta de sentidos. Se antes, os relatos narrados permitiam aos ouvintes participarem ativamente do que se ouvia, transformando-se junto ao coletivo, agora restaria à mera recepção. (SIBÍLIA, 2008, p. 39)

Ao longo do século XX esse quadro vai se consolidando e o espetáculo marca as relações de intimidade de nossos contemporâneos. Guy Debord chega a afirmar que “[...] o espetáculo é a afirmação da aparência e afirmação de toda a vida humana – isto é, social – como simples aparência.” (2011). Tanto o autor francês como o alemão, escancaram a perspectiva catastrófica materializada na barbárie capitalista. Como já disse anteriormente, esse quadro pessimista é importante para pensarmos as resistências existentes. Quando Benjamin (2008) afirma que a experiência (*Erfahrung*) empobreceu, não dá uma indicação de que ela não cessou, no seu caso, sua reconfiguração seria messiânica sob as vestes da revolução. A meu ver, diversas são as reconfigurações possíveis, sobretudo a partir das diversas práticas sociais possíveis com o surgimento da Internet e sua popularização.

E justamente o campo empírico escolhido, os *blogs* de professores de História, inserem-se dentro dessa lógica espetacular, como haveria de se esperar. Uma de suas possibilidades, que os consagraram é a que se relaciona aos diários íntimos. Engana-se, no entanto, quem ainda percebe essas páginas como restritas a esse universo.

Hoje, há uma gama de inserções possíveis, com a adequação cada vez maior ao universo das redes sociais. Nesta pesquisa em questão, os diários íntimos não recebem maior destaque, ainda que a sua lógica de exposição autoral da intimidade permeie o campo empírico aqui elegido. Isso se dá, na medida em que, na primeira fase da pesquisa, me foi possível perceber que os *blogs* criados por professores de História raramente assumem esse papel, apresentando-se com um viés menos intimista²².

Se me lanço ao universo dos *blogs*, é necessário retomar a história da *Internet*, percebendo a importância da Contracultura em seu processo de formação. Com fins militares, foi desenvolvida em articulação com Universidades norte-americanas. Em suas bases “[...] estavam impregnados os valores da liberdade individual, do pensamento independente e da solidariedade e cooperação com seus pares, todos eles valores que caracterizavam a cultura do campus na década de 1960.” (CASTELLS, 2011, p. 26). Desse modo, não é de se espantar que sua feição seja marcada por códigos de abertura e cooperação até os dias de hoje.

²² No “Capítulo 3 – Navegando em *blogs* de professores de História”, descortino essas diferenciações e algumas de suas significações possíveis dentro dos objetivos propostos aqui.

Nesse universo há uma contribuição direta dos usuários, no sentido de transformar os seus usos, direta e indiretamente. Em comparação com os meios de comunicação de massa há uma diferença imensa em relação ao monopólio e transmissão de informação: o controle das informações, antes distribuídas pelos emissores de TV, rádio e jornais, foi muito impactado com o surgimento e a posterior popularização da Internet. É comum bradá-la como o espaço de flexibilização do controle e liberdade, características de sua fundação. Não nego esses traços, mas cabe uma provocação acerca da falácia da liberdade, quando se fala em Internet.

Quando falamos em Brasil, é necessário pontuar que, a despeito de uma maior popularização, ainda não nos é possível afirmar que somos um país conectado. A qualidade de nossa banda larga ainda é deficiente, a rede de cobertura é pequena e poucos são aqueles que de fato articulam a conexão às suas vidas cotidianas.

Em pesquisa sobre o acesso à *Internet*, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)²³ no ano de 2011, é possível perceber esses indícios. Segundo os resultados obtidos, quase metade (46,5%) da população brasileira havia acessado a rede, por meio de microcomputador, num período de três meses. Desse percentual, a maioria acessa todos os dias, em diversos ambientes como o próprio domicílio e local de trabalho. Aqueles que possuem microcomputador em domicílio somam 39,4%. A referida pesquisa traz, ainda, percentuais acerca do uso de telefone celular pela população brasileira. A partir desses índices, já podemos partir de uma perspectiva de que a Internet ainda não é massiva, ainda que tenha havido um crescimento relevante em relação à pesquisa realizada em 2005, de 20,9% para 46,5%. A meu ver, seria interessante confrontar possíveis índices de acesso também por via de *smartphones* e *tablets*, que parecem ser hoje grandes atrativos aos que estão conectados à Internet.

Outro ponto interessante da pesquisa realizada pelo IBGE é em relação ao poder aquisitivo e formação escolar básica dos internautas. Desses, 90,2% daqueles que possuem 15 anos ou mais de estudo acessam cotidianamente a Internet, a despeito dos 11,8% que não possuem instrução ou possuem até quatro anos. Outro índice relevante é o que avalia que é justamente nas famílias com remuneração

²³ Índices de pesquisa. Disponíveis em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/comentarios.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2013.

acima de 3 a 5 salários mínimos que se vê um maior acesso à rede (76,1%). Podemos assim, interpretar que acessar a Internet é uma prática que contempla uma parcela de maior poder aquisitivo e anos de estudo, longe de configurar um universo aberto a todos. Esses apontamentos são necessários ao trabalho que aqui é construído, uma vez que esses índices contemplam nossas futuras análises no campo empírico elegido.

Um exemplo importante a ser trazido é o da *Deep Web*, a chamada rede profunda é na verdade o maior espaço existente da *web*. A área em que navegamos, a chamada *surface* é como se simbolizasse a ponta de um *iceberg*. Nesse lugar, habitamos diversos *sites* e dependemos basicamente do buscador *Google* para realizarmos nossas pesquisas. Somos dependentes ainda de provedores e portais de conexão, alguns sites cobram do usuário o *login* obrigatório, sem falar nos diversos que são pagos.

Os índices do IBGE sugerem ainda que engana-se aquele que imagina que não há controle em relação ao acesso e navegação na rede; toda essa esfera internética é controlada a partir de diversos mecanismos desconhecidos pela maior parte da população. Já na parte submersa do *iceberg* é onde se encontram as informações em parte livres. Em parte, pois a *Deep Web* é alvo de caçadas por diversos setores de repressão, como o FBI, a todo momento. Não à toa, é ali que se encontram os maiores *hackers* e *crackers* da rede, sites como o *weakleaks* e centenas de informações abertas de todos os tipos.

Ainda que haja certa tentativa de controle na rede profunda, a possibilidade de se navegar mais livremente é incomparável à da *surface*. Desse modo, há uma série de crimes que perpassam o espaço virtual. *Sites* de pedofilia, assassinos de aluguel e venda de drogas são comuns, assim como o compartilhamento de pesquisas diversas que nós, habitantes comuns da rede, talvez só teríamos acesso mediante o pagamento pelo conteúdo. Se podemos falar em maior liberdade na *web*, certamente falaríamos do universo da rede profunda.

Esse debate é importante, no sentido de evitar as perspectivas salvacionistas em relação a *Internet*. Na perspectiva massiva, ainda que haja flexibilização, ainda reina o controle acerca das informações compartilhadas e consumidas. A própria possibilidade de acesso esbarra em questões de ordem socioeconômica. Não é estranho, portanto, o valor pejorativo atribuído ao termo *Hacker* e sua perspectiva enquanto “pirata” virtual. Afinal, aqueles que promovem a abertura e o

colaboracionismo ativo na rede acabam se tornando foras da lei no senso comum. Perceber a rede mundial de forma crítica, portanto, é, no presente trabalho, um pressuposto básico.

1.3 Constelação de *blogs* – metodologia e objetivos de pesquisa

1.3.1 Uma constelação de blogs de professores de História

Ao longo deste capítulo, busco traçar um panorama teórico que me auxilie a assegurar bases para o mergulho no campo empírico deste trabalho: *blogs* de professores de História. Apresentei, de forma breve, como se estrutura o método de pesquisa das constelações em Walter Benjamin, percebido de forma mais clara na última de suas obras, o livro das *Passagens* (2007). Partindo dessa perspectiva, busco construir a minha constelação formada por *blogs* que me permitam alçar apontamentos acerca do que se propõe neste trabalho.

Para construir uma constelação é necessário que haja uma gama de pistas, que, nessa pesquisa, serão constituídas pelos discursos presentes nos *blogs*, suficientes para tecermos uma rede de compreensão. Caminhando nesse sentido, foram mapeados a partir do site de buscas *Google*, 122 *blogs* de professores de História²⁴. Por ora, é importante pontuar como funcionam esses *blogs-estrelas* e qual a minha perspectiva de análise a partir dos discursos com esse trabalho.

Num primeiro momento da pesquisa, havia optado por uma análise mais específica de alguns *blogs*, escolhidos aleatoriamente na rede. Como esse posicionamento metodológico pareceu frágil, iniciei uma pesquisa mais acurada acerca da quantidade e variedade de *blogs* de professores de História presentes na rede. Como recorte mais específico, optei por trabalhar com aqueles voltados à Educação Básica, entendendo que se o campo fosse estendido ao Ensino Superior, talvez houvesse especificidades a cada nível de ensino impossíveis de serem contemplados em uma pesquisa de apenas 24 meses.

²⁴ No Capítulo 3, apresento com mais especificidade o processo envolvido no mapeamento, bem como as análises possíveis de nossas pistas.

Em minha jornada, interessam-me os discursos presentes em cada uma dessas estrelas, o que chamei de “pistas”. Esses discursos, imagens, sons e textos, permitem diálogos diversos, e me levam a análises baseadas em todo o arcabouço teórico já elucidado. O potencial de análise de tal constelação é infinito, não apenas pela abertura possibilitada à análise dos discursos presentes nos *blogs*, bem como pela perspectiva de que uma estrela pode iluminar a outra sem roteiros prévios. Nesse sentido, vale lembrar que a imagem constituída pelos *blogs* estelares é dialética, como queria propor Walter Benjamin em sua última obra.

Essa constelação é viva e, portanto, pode ser revistada a qualquer momento, a partir de perspectivas outras. Hoje, opto pelos discursos contidos nessas estrelas. A proposta é de que esse mapeamento estelar sirva a outros trabalhos em que a temática se intercambia. Em percurso inicial de pesquisa, não me foi possível perceber trabalhos acadêmicos voltados aos *blogs* de professores de História que buscasse uma gama maior de plataformas, algo que foi realizado, portanto, no presente trabalho.

1.3.2 Objetivos de pesquisa

Como já elucidado, o campo empírico dessa pesquisa é constituído de *blogs* de professores de História. A questão que provoca essa investigação é: **como se estruturam os blogs de professores de História?**

Os objetivos deste trabalho são, portanto:

- Compreender como os professores de História mediam os saberes e informações em suas plataformas;
- Perceber que relações os discursos revelam entre os interlocutores;

1.3.3 Contribuições da Análise do Discurso

Anteriormente, apresentei um pouco do método das constelações de Walter Benjamin para a fundamentação do processo de pesquisa aqui apresentado.

Diversas são as perspectivas de análises a partir da minha constelação de pistas presentes nos diversos *blogs* mapeados. Dentre essas, uma contribuição se destaca e merece uma abordagem mais cuidadosa aqui: a Análise do Discurso. Para tanto, trago algumas contribuições de Norman Fairclough, com a sua Análise Crítica do Discurso, e de Eni Orlandi, com a discussão mais específica acerca do discurso pedagógico, o que nos toca aqui com mais destaque.

A Análise Crítica do Discurso (ACD), com a contribuição direta das estratégias pontuadas por Norman Fairclough em seu livro *Discurso e Mudança Social* (2001) se mostra relevante neste trabalho, já que entende o discurso atrelado diretamente às práticas sociais. Sendo desse modo, auxílio importante na proposição de pesquisar as práticas pedagógicas em *blogs* de professores de História. Vale ressaltar que, apesar das contribuições diretas dos estudos no campo da linguística, a ACD se configura enquanto um universo de estudo multidisciplinar. A seguir, faço uma breve apresentação dos conceitos e aspectos, presentes nessa obra, mais concernentes a esta pesquisa.

No início de seu trabalho, publicado originalmente em 1992, Fairclough (2001) pontua que “[...] ainda não existe um método de análise linguística que seja tanto teoricamente adequado como viável na prática” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 19). Sua proposição é justamente a de desenvolver “[...] uma abordagem de análise linguística que possa preencher essa lacuna” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 19). Sua intenção é de que essa proposição seja fortuita para análise de mudanças na linguagem, contribuindo, desse modo, para estudos com foco mais amplo nas mudanças sociais e culturais.

O autor irá percorrer um arcabouço histórico acerca dos teóricos que se debruçaram sobre o tema da linguagem como Antonio Gramsci, Louis Althusser e da Análise do Discurso de matriz francesa como Michel Pêcheux e Michel Foucault. Fairclough percebe, hoje, uma maior flexibilidade entre as Ciências Sociais, acompanhando o que chama de “virada linguística” na teoria social, conferindo uma maior centralidade da linguagem em meio aos fenômenos sociais. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 20). Ao reunir a análise linguística e a teoria social, compreende ‘discurso’ fundamentalmente como ‘texto e interação’. Propõe, desse modo, uma perspectiva tridimensional do ‘discurso’, entendido segundo três dimensões: texto, prática discursiva e prática social. Ao assumir que a prática discursiva é também prática

social, o autor propõe que analisar os discursos é um caminho de pesquisa interessante, sobretudo quando colocamos em perspectiva as mudanças sociais.

Essa compreensão tridimensional nos possibilita fundamentar o processo metodológico que o autor propõe para o uso de sua Análise Crítica do Discurso e que será utilizado em nossa investigação. Vejamos:

1) Texto

Dimensão que cuida da análise linguística. Ressaltamos que para Fairclough 'texto' é utilizado como qualquer objeto de ordem falada ou escrita, estendendo essa noção "[...] a outras formas simbólicas, tais como imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 23). Esse enfoque nos é pertinente, uma vez que nosso objeto de pesquisa, os *blogs*, possuem instâncias de textos diversos, perfazendo os escritos, imagéticos e sonoros, isolados ou combinados. Mas não há como negar a predominância dos textos escritos na maioria das postagens que serão analisadas e que, portanto, figurarão em maior número em nossa investigação. A etapa de análise textual deve levar em conta: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

2) Prática Discursiva

Dimensão como interação, "[...] especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22), movimento esse que transita entre discursos diversos, atrelados a fatores sociais. Dessa forma, os contextos sociais irão marcar a forma como textos são interpretados. O autor pontua que nessa etapa de análise, três itens são importantes a ser investigados e associam-se ao 'texto'. A força dos enunciados, ou seja, os tipos de atos de fala constituídos pelo 'texto', a coerência do 'texto' e a Intertextualidade do 'texto'. Esse último conceito nos será caro em nossa análise dos *blogs* de professores de História, entendendo "[...] a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114) A Intertextualidade possibilita, em termos de análise da produção discursiva, perceber a historicidade do 'texto', já que parte do pressuposto que não existem objetos textuais originários e sim cadeias de associações, marcadas historicamente em suas construções. Já a Interdiscursividade estará centrada em "[...] um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de ordens de discurso." (FAIRCLOUGH, 2001, p.152) e também poderá figurar em nossas futuras análises.

Ao buscar compreender uma prática discursiva, é preciso entender o ‘texto’ como pista, buscando perceber que “[...] há dimensões ‘sociocognitivas’ específicas de produção e interpretação textual que se centralizam na inter-relação entre os recursos dos membros – que os participantes do discurso têm interiorizados – e trazem consigo para o processamento textual, e o próprio texto.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109) É preciso, portanto, contextualizar o processo interpretativo, entendendo-o enquanto parte da Prática Social, atrelado às instâncias de hegemonia e ideologia, que pontuaremos melhor a seguir.

3) Prática Social:

A Prática Social “[...] cuida das questões de interesse na análise social, tais como: as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivo/construtivos referidos anteriormente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Para a conceituação desta dimensão, Fairclough fundamenta-se no conceito de Ideologia, retomando algumas discussões em Althusser, e Hegemonia, a partir dos trabalhos de Gramsci. Nesse nível de análise, entram em foco as estruturas sociais que permeiam as práticas sociais, constituídas por práticas discursivas (vistas como processos de luta hegemônica). Não podemos ainda nos esquecer do conceito de Poder, retomado pelo autor a partir de Foucault quando define que “[...] é tolerável somente na condição de que mascare uma grande parte de si mesmo. Seu sucesso é proporcional à sua habilidade para esconder seus próprios mecanismos.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 75)

Ao definir Ideologia, entende-a enquanto “[...] significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.94). Esses significados fazem parte da construção das realidades dos sujeitos e se processam também na esfera da prática discursiva, já que marca a linguagem em diversos níveis. Já a Hegemonia, é concebida como uma relação associada de dominação e poder de uma classe que se articula a distintas forças sociais. Contribuem para a análise das práticas discursivas, pois sedimentam uma base de análise que leva em conta o movimento das esferas de poder, investidas ideologicamente e que se articulam com as hegemonias. Sendo assim, entendemos que os discursos são determinados pelas estruturas sociais ao mesmo tempo em que as moldam e restringem-nas.

A abordagem da ACD é útil nesse processo investigativo justamente por permitir descortinar os processos que constituem discursos na atualidade, em que assistimos transformações de diversas ordens. A partir dessa noção, os discursos envolvidos nos *blogs* pesquisados são mais uma ferramenta para descortinar as práticas que se processam ali.

Anteriormente, pontuei que, no início do século XX, o Mito do Progresso permeava as expectativas sociais, num movimento quase salvacionista. Mudanças intensas ocorreram nos últimos cem anos, mas a tecnologia continua a ser plano central da vivência dos homens no século XXI. O porvir que marchava a galope junto a bandeira do Progresso vem dando lugar a uma presentificação marcada pelas aparências. Não há como pensar que essa configuração do tempo presente não afetará nas leituras contemporâneas do mundo (GABRIEL, 2011. p. 134). Ao discutirmos a relação entre TIC e Educação, devemos justamente buscar capturar as pistas que podem nos indicar se as práticas educativas propostas na *web* se constroem apenas no limite do “parecer” em meio a um suposto tempo esvaziado de sentido.

Interessante retomar aqui o trabalho de Norman Fairclough *Discurso e Mudança Social* (2011), em que propõe uma teoria de análise do discurso, justamente, para a compreensão de mudanças sociais e culturais. Ao assumirmos que a atualidade vive uma crise do tempo em meio a transformações incessantes é de valia ancorar-se numa teoria que vai justamente ao cerne das modificações. A teoria de Fairclough vai partir do entendimento da linguagem, assumindo cada vez mais centralidade no cotidiano, permeada por conceitos como hegemonia, ideologia e poder. Para o autor, existe uma instância tridimensional do discurso, composta pelos textos, práticas discursivas e práticas sociais. Estrutura uma interessante teoria social do discurso, elencando algumas tendências acerca das práticas discursivas na atualidade, dentre elas a chamada “comodificação”.

Nessa instância, aqueles domínios e instituições sociais que não estariam voltados a produzir mercadorias passam a ser pensados a partir de lógicas de produção, distribuição e consumo (FAIRCLOUGH, 2001, p. 255). Nesse esteio, percebemos que os discursos atuais que permeiam espaços como a educação têm utilizado largamente termos anteriormente associados ao universo técnico-empresarial. Não raro é vermos termos como “índices”, “metas”, “gestão”, “desempenho”, “habilidade”, “capacitação”, atrelados ao universo da educação. Não

é de se espantar, portanto, que a publicidade seja utilizada a fim de vender seus produtos, agora dentro do âmbito educacional.

A democratização seria a tendência que aparentemente confere maior flexibilidade e abertura às práticas discursivas. Desse modo, os marcadores anteriormente explícitos que definiam as hierarquias e assimetria de poder em espaços institucionais são eliminados. Quando não totalmente eliminados, esses marcadores surgem camuflados, aparentemente sugerindo uma igualdade de vozes, mas se percebidos atentamente, escancaram as mesmas manutenções de poder percebidas anteriormente. Outro ponto é a informalidade dos discursos em que a fala, a escrita e o universo midiático se imbricam gerando sentidos baseados na conversação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 248)

O autor pontua ainda a tecnologização do discurso, tendência que se difere da comodificação e democratização em relação à prática discursiva, já que se caracteriza enquanto uma intervenção consciente, enquanto as outras se configuram como mudanças efetivas. Na tecnologização, há uma especialização de formas de se utilizar o discurso intencionalmente, surgem assim especialistas em discursos. Desse modo, “(...) tecnologias discursivas são geralmente planejadas para ter efeitos particulares sobre o público (clientes, fregueses, consumidores) que não estão treinados para isso.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 264)

Já Eni Orlandi traz em *A linguagem e seu funcionamento* (1987) importante discussão acerca de como se constitui o discurso pedagógico (DP). Em seu trabalho, a autora traz a definição de três tipos de discurso: o lúdico, o polêmico e o autoritário. Irá defender que o discurso pedagógico se apresenta majoritariamente como autoritário. Para tanto, o DP irá se utilizar de um mascaramento das estruturas de poder que o mantém.

Trazer o trabalho da autora se mostra relevante diante do já discutido código de abertura que perpassa a rede e suas possibilidades. Como discurso corrente, há a perspectiva de que na rede as relações se dão de forma mais horizontais e abertas. No entanto, ao investigar a educação, as pistas presentes nos *blogs*, sugerem que esse mascaramento do DP como autoritário se utiliza justamente dessa lógica de horizontalidade e colaborativismo que perpassa a *web* e suas possibilidades.

Assim como Fairclough (2001), Eni Orlandi (1987) trabalha a partir da perspectiva de que não há como mergulhar no universo da linguagem sem afirmar

que ela está sendo constantemente reconstruída e é marcada pelos seus contextos histórico-sociais. Assim, a análise do discurso aqui empreendida é um instrumento importante de análise, pois parte da perspectiva do movimento, tão caro à nossa proposta da constelação de *blogs*.

2 A CORRIDA DO TEMPO: O ENSINO DE HISTÓRIA HOJE

Tempo, tempo, mano velho, falta um tanto, ainda, eu sei, pra você correr macio.

Pato Fu

Cena 05 – Linha do Tempo

Houve um tempo em que o Tempo não cabia numa linha, ele não acabava e, por isso, as formas circulares acompanhavam algumas de suas representações. Mas, ao sair do cativeiro, Moisés carregava consigo não apenas um povo faminto e seu código de leis, rumava em direção à Terra Prometida, carregando junto a si o Fim. As trombetas tocam, são sete, anunciando o Juízo Final, com elas é arrebatado do Tempo a sua capacidade de se renovar. Ele agora tem ponto final e a linha que era infinita agora cessa.

Em uma de minhas aulas no ano de 2013, recordo-me de duas frases ditas por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental que me chamaram a atenção. Um deles me perguntara intrigado se “A História sempre ensina isso? Essas coisas que já foram, de outro tempo?”, outra aluna me relatava que “Estou muito cansada para prestar atenção na aula, não dá tempo de fazer todas as coisas da minha vida”. As duas falas me intrigam e aqui se mostram potenciais para iniciar a nossa discussão nesse capítulo. O tempo é algo fundamental para a História, falamos sobre ele, inserimo-nos nele e a partir dele que organizamos as nossas vivências. Quer fosse medido pela lógica da natureza, quer fosse pelas máquinas pós-Revolução Industrial, sempre foi alvo do cotidiano humano. Não é inegável que o tempo hoje seja algo a se lutar contra, esse tempo que “não corre macio”, na música de Pato Fu, nos persegue cotidianamente, como uma amпуlheta prestes a se esvaír em areia.

Temos, portanto, um debate aberto. Pela primeira fala, percebe-se na escola a manutenção de uma perspectiva fixa de tempo ao se ensinar História. Essa imobilidade parece-me ser mais do que apenas uma adequação às cronologias

erigidas no ensino da disciplina. Talvez, relacione-se também com a forma como lidamos hoje com o tempo. A velocidade das relações, a intensidade de informações e as transformações do atual sistema capitalista, acabam por promover uma relação temporal cada vez mais rápida, fragilizando a nossa relação social com o tempo. Há ainda, a perspectiva de que diversos elementos construídos pela escola tradicional²⁵ ainda se afirmam, a despeito de muitas vezes se desconectarem das realidades sociais dos alunos.

Trazer o tempo como fundamental para esse debate é entender que as reconfigurações das atuais relações humanas, mediadas pelas TIC, participam de uma crise do tempo presente. Se no início do século XX já vivíamos o choque promovido pela vida urbana, atualmente somos estimulados numa espécie de descarga elétrica pulsante. Esse ritmo incessante parece escancarar as dissonâncias sociais e a educação vira alvo mais intenso de questionamentos. Trago neste capítulo, portanto, o ensino de História hoje em discussões diversas e como se relaciona com o universo da TIC, para posteriormente conectá-lo à produção de sentidos no discurso pedagógico forjado nos *blogs* de História.

2.1 Ensino de História hoje – perspectivas de debates

Pois é uma imagem irrestituível do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se reconhece como nela visado.

Walter Benjamin

²⁵ O tradicional não é aqui entendido enquanto algo obsoleto. Em Benjamin (2008) há uma discussão furtiva acerca da Tradição enquanto fator primordial de conexão com a experiência (*Erfrahrung*). O tradicional no universo pedagógico é muitas vezes negativizado, sendo acompanhado de noções atreladas ao conservadorismo e autoritarismo. É necessário afirmar que a escola, enquanto instituição, e os fazeres que nela permeiam são marcados pela tradição. No entanto, há que se avaliar em que instâncias o tradicional impede o movimento de uma educação que se repensa e transforma.

Ser professora é um caminho de constante retorno ao ser aluno, pelo menos no meu caso, há um movimento incessante de uma reflexão que perpassa esses lugares. Sendo assim, em minha prática de professora de História, esbarro frequentemente na aluna nos diversos períodos de formação. Tendo realizado a formação na Educação Básica entre as décadas de 1980 e 1990, construo uma noção de como se ensinava História naquele período. Obviamente que não disponho apenas de minha trajetória pessoal, atrelo-a, portanto, a estudos que permeiam a história do ensino de História.

A década de 1980 foi marcada, dentro da perspectiva de formação dos professores de História, por um processo em que se focavam as “[...] críticas a um modelo escolar e acadêmico que não tinha mais validade.” (CAIMI, 2006, p. 28). Não se tratava de identificar as suas fragilidades, construindo perspectivas críticas para a prática pedagógica, mas afirmava-se enquanto “[...] a negatividade da prática pedagógica.” (CAIMI, 2006, p. 28) Já na década de 1990, há um movimento em prol de professores reflexivos, que promovam a investigação do seu próprio fazer docente. Nesse sentido, dá-se a “[...] importância da investigação realizada pelo próprio professor, de maneira integrada ao seu trabalho na escola, num processo de ação e reflexão, como possibilidade de dar conta da complexidade do seu ofício.” (CAIMI, 2006, p. 28).

No entanto, se esse panorama se apresentava em meio aos debates acerca da formação de professores, permeando as formações pelo Brasil, não é possível afirmar uma transformação imediata ou ainda contundente das práticas verificadas nas escolas brasileiras. E mais, o campo de conhecimento acadêmico da História não corresponde necessariamente ao que é ensinado nas instituições. Aqui, retomo a minha memória de estudante que encontrava nesse contexto marcante ao final do século XX, uma prática pedagógica atrelada à escola tradicional. Sendo assim, ainda subsistia forte factualidade aos processos de curta duração, atrelados a um sentido fixo de passagem de tempo e a suas linhas datadas por fatos marcantes. Sem falar nos imensos questionários que, à guisa de exercícios de memorização, acabavam por promover esquecimento quase certo, após os términos das avaliações escolares.

Talvez eu não precise simplesmente operar o recurso da memória para me deparar com experiências parecidas com as que vivi. Em minha prática docente, ainda que breve, encontro traços marcantes desse ensino vivido por mim como

aluna. Dos livros didáticos ainda assolados por certa imobilidade no tratamento dos conteúdos a uma lógica de perguntas e respostas pontuais, ainda persiste um ensino que acaba por fazer da disciplina de História algo maçante aos alunos. Se evidencia, assim, a “[...] necessidade de superar a cadeia normatizadora do conhecimento.” (KNAUSS, 2007, p. 36). Nela, tanto alunos como professores inserem-se numa lógica de ensino-aprendizagem sustentada pelo livro didático, “[...] contribuindo para a reprodução de estruturas de pensamento dominantes de maneira acrítica, confundindo o óbvio com o saber.” (KNAUSS, 2007, p. 37).

Percebo um imperativo que perpassa as discussões acerca do ensino de História que é o dos conteúdos fazerem sentido ao aluno. Não um sentido meramente racional ou lógico do estudo da disciplina, mas numa busca por atrelar as experiências vividas pelos alunos ao que se estuda. Paulo Knauss pontua que:

[...] trata-se de enfatizar que o conhecimento histórico deve ser orientado no sentido de indagar a relação dos sujeitos com os seus objetos de conhecimento, provocando seu posicionamento, questionando as formas de existência humana e promovendo a redefinição de posicionamentos dos sujeitos no mundo em que vivem. A partir disso, é preciso considerar que a produção do saber histórico evidencia-se como instrumento de leitura de mundo e não mera disciplina. (KNAUSS, 2007, p. 31)

Essa leitura de mundo não possui metodologias ou formas definidas e há como pensar para além de um discurso tão caro ao professor e marcado pela máxima “Partir do cotidiano do aluno” para se trabalhar os conteúdos. Quando falo em atrelar as experiências, trago uma perspectiva que busca conectar o aluno ao processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, pensar a História como escrita do tempo é entender os seus lugares de estranhamento. Esse movimento de reconhecer as transformações das sociedades desde os seus primórdios é fundamental para se pensar o seu viés crítico, possibilitando ao aluno o despertar para a diferença. Em “Narrativa do estranhamento: entre a identidade e a diferença” (MARQUES; PEREIRA, 2011) há o debate acerca da História enquanto lugar da diferença como fator que desperte a singularidade. Nesse sentido, os autores defendem a narrativa do estranhamento, com o sentido de um possível caminho para se conectar os saberes às práticas. Levantam, portanto, a seguinte questão:

Como a narrativa poderia tornar o ensino de História um espaço de novas experiências, de intensidade e de possibilidades? A narrativa poderia reinserir o corpo no ensino de História – um ensino das — entranhas, das artérias, dos sentimentos, das sensibilidades e da pulsão da vida. (MARQUES; PEREIRA, p.11)

Esse ensino que reverbera, que revolve os corpos, pois escancara as diferenças, não pode abrir mão do movimento e superação das identidades fixas. Para tanto, há que se estar em movimento de criar e recriar formas de ensino-aprendizagem. Desse modo, “Uma história da diferença deverá ser produzida a partir de uma linguagem da diferença.” (MARQUES; PEREIRA, p.12) Novas linguagens que contemplem esse viés para se pensar o presente como experiência singular, articulando o passado de forma atravessadora, resgatando a perspectiva de experiência (*Erfahrung*) empobrecida. Há que se ressaltar que essas novas linguagens, para além de contemplarem a inserção das TIC na educação, trazem a perspectiva de pensar o mundo, hoje marcado por elas.

Do ponto de vista dos estudos de didática e currículo, Carmen Teresa Gabriel nos elucida caminhos fortuitos para adensarmos a discussão do ensino de História, hoje. Chamo a atenção a dois trabalhos em particular da autora, *Currículo de História, políticas da diferença e Hegemonia: diálogos possíveis* (2011) e *Saberes, sujeitos e linguagem: notas sobre o processo de construção de uma didática crítica e Intercultural* (2005).

O primeiro trabalho traz contribuições interessantes acerca dos regimes de historicidade que marcam as sociedades. Ao trabalhar a noção de crise do regime moderno de historicidade, ganha relevo um panorama que nos situa “[...] em um presente que se eterniza, fazendo com que os sentidos – tais como hegemonicamente fixados até – então de termos como “tradição” e “utopia” sejam desestabilizados.” (GABRIEL 2011. p. 134). Essa discussão que a autora retoma a partir de Koselleck (1990) nos possibilita repensar a teoria de Walter Benjamin e, porque não dizer, atualizá-la.

Já no segundo trabalho citado acima, temos uma proposição da autora em compartilhar notas para a construção de uma Didática Crítica Intercultural. Reitera a necessidade de uma Didática que “[...] enquanto campo de pesquisa incorpore os desafios da nossa contemporaneidade e busque caminhos teóricos e metodológicos a partir dos quais a perspectiva emancipatória” (GABRIEL, 2005, p.2) não se perca.

Esse panorama, trazido pela autora, insere-se num debate ainda maior que é o de perceber o papel do professor, enquanto mediador de conflitos. Falo aqui dos conflitos sociais que se apresentam no seu cotidiano e como problematizá-los em sala de aula. Trazendo assim, à História, o viés que permite ao aluno se perceber criticamente em meio aos processos pelos quais passamos ao longo do tempo. É justamente nesse ponto que leis como a 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, se apresentam como fundamentais para além da mera inserção de seus conteúdos. Se há a necessidade de criação de leis que contemplem os afro-descendentes no Brasil é porque se evidenciam conflitos diversos que inserem-se também no cotidiano escolar.

Desse modo, não há como pensar numa perspectiva emancipatória que permeie o ensino de História se não há a identificação dos conflitos presentes em sala de aula que, por extensão, refletem a sociedade e seus meandros. É justamente essa identificação da diferença e pluralidade, de assegurar o movimento incessante no fazer pedagógico que pode participar de uma experiência de ensino que crie significação aos envolvidos no processo.

Outro ponto, que considero crucial para se pensar o ensino de História para a Educação Básica, é o que concerne ao imaginário. Isso se torna evidente nessa pesquisa em questão, que busca afirmar justamente a possibilidade de que a escrita e leitura permitam o trânsito que a imaginação confere. O imaginário de que falo, supera a lógica do senso comum que, de maneira triste, o relega ao plano da infância. Nessa seara, entram as brincadeiras, os jogos, as contações de história como domínios exclusivos do universo infantil. Tamanha é a esfera de banalização da infância que os usos em frases como “Deixa de ser criança!” ou “Que infantil!” assumem conotação negativa.

Nesse caminho, esvaem-se possibilidades de experiências que justamente apelem para a capacidade do aluno em imaginar-se em meio aos processos da história humana. Ao instigá-los a imaginar, abre-se espaço para o interesse e a vontade da pesquisa, como num ofício de detetive. Os documentos históricos poderiam assim, participar de processos em que o aluno protagoniza o processo de um estudo histórico, entendendo-o a partir da vivência. Penso, portanto, ser essencial o trabalho a partir do imaginário, investigando e vivenciando os processos

do fazer histórico. Não esquecendo do, já pontuado, trabalho a partir das diferenças e pluralidades sociais.

2.2 Ensino de História e as TIC

Cena 06 – Infinito

João sempre chega atrasado, senta no fundo da sala e parece cansado, com o olhar distante. Vez por outra, encontro-o com o celular na mão, tenho que lembrá-lo de que é proibido o uso do aparelho e ele sempre me responde “Tá bem, tia.” João não gosta de História, sente sono, sabe que pode reprovar de ano, mas parece não ligar. Se, em sala, parece um tanto sem vida, basta encontrá-lo no corredor ou pátio da escola para o seu semblante mudar. Sorri e fala animadamente do último jogo de *XBox* que tem jogado, comenta que postou no *Face* as dicas para se passar de uma ou outra fase. Certa tarde me pergunta resabiado “Tia, você consegue entender o infinito?”, “Nunca entendi, talvez por isso tenha tatuado o símbolo no braço, João.”, “Porque, assim, se dizem que Deus criou tudo, se ele criou tudo que é infinito, quem criou ele então?”, “Boa pergunta, João, também gostaria de saber responder...”.

No capítulo 1, trouxe a discussão acerca das relações sociais e pedagógicas atuais em meio à profusão e popularização das TIC. O ensino de História parte desse cenário, participa dos questionamentos acerca do seu fazer e de como adaptar-se diante de tantas transformações. Anteriormente, pontuei a questão, ainda atual, de certa imobilidade atrelada ao ensino da disciplina e alguns de seus desafios. Em sala de aula, venho percebendo o abismo que se abre entre a experiência do aluno no próprio ambiente da sala e fora dele. Falo aqui, da relação com as informações durante as aulas e fora, no âmbito pessoal dos alunos.

Trago, portanto, experiências pessoais que servem de provocação e reflexão da minha própria prática. Diversos são os alunos que sentem dificuldade ao trabalhar com o conteúdo de História em sala de aula. Ao lerem o livro didático, é comum ficarem dispersos no processo e exclamarem ao final “Não entendi nada, é muito confuso.”. Parece-me que a falta de compreensão é um misto de falta de

interesse na forma como os livros apresentam os conteúdos e pouco hábito de leitura. No entanto, se, em sala, esses alunos apresentam dificuldade em realizar as atividades, o mesmo não se verifica quando desenvolvem alguma atividade mediada por aparatos digitais.

Aquele aluno, que anteriormente se mostrava apático, mostra que não apenas lê, como escreve em suas redes sociais e *blogs*. É capaz de aprender rapidamente como utilizar e *hackear* um novo *software*, sendo totalmente apto a explicar aos outros colegas e a mim como chegou facilmente a esse processo. O que faz com que um aluno apresente comportamentos tão dicotômicos ao mediar as informações? A questão é ampla, mas é possível apontar alguns fatores.

Um primeiro ponto é de que o simples fato do professor dominar os conteúdos não garante que sua prática seja construtiva junto aos seus alunos. E aqui, novamente, trago a questão da formação de professores, pois, em muitas universidades, a formação das licenciaturas se dá de forma descolada ao bacharelado. O aluno de graduação acaba, muitas vezes, por atribuir menor importância a sua formação pedagógica, o que pode favorecer um perfil de professor que aposte na imobilidade das práticas já consolidadas.

Outro ponto, que me parece geracional e percebido na última década, é que os alunos de hoje nascem em meio ao advento da *Internet*. Vivem, portanto, num universo assolado por informações em que são necessários alguns cliques e em segundos se obtém algum resultado. Estão constantemente em busca de novos estímulos, seja em som, imagem, texto ou esses todos, em articulação. Parece-me, portanto, que, ao entreverem uma aula em que a informação é dada e posteriormente se realiza alguma questão acerca do explicado, perde-se o caráter de busca. Instaura-se uma relação passiva em que o professor oferece a informação correta e cabe ao aluno compreendê-la.

Nesse sentido, as TIC e, em especial, a *web*, carregam um potencial imenso de trabalho que incentiva o aluno a mediar as informações acerca da História, no seu processo de construção de conhecimento. Não falo somente de utilizar a *web* como ferramenta de trabalho, e sim como universo a ser observado em busca de se compreender que possibilidades pedagógicas são inauguradas. Tampouco, afirmo aqui que não há um movimento de professores em busca de compreender e utilizar a *web* em seus processos pedagógicos. Há que se ter cuidado com a

responsabilização exclusiva do professor pelas dificuldades encontradas atualmente na educação, como um todo.

E é justamente por perceber essas características, que sugerem ser o atual momento fundamental para transformações na forma como entendemos a educação, que elejo esse universo como campo de pesquisa. Novamente, afirmo que não devemos trabalhar com a inserção das TIC enquanto inovação salvacionista, e sim como entendimento de que perfazem as significações atuais de mundo de alunos e professores.

Ao eleger os *blogs* como campo empírico de pesquisa, busco perceber de que forma os professores vêm se relacionando com essas transformações e trabalhando os potenciais disponíveis na *web*. Busquei o recorte dos professores por entender o seu protagonismo nos processos educativos e as conseqüentes cobranças acerca do seu fazer. Nesses *blogs* pesquisados, busquei alguns pontos específicos de análise, entre os quais, o das imagens. Entendidas como fundamentais para as atuais trocas sociais, se apresentam em nosso cotidiano das mais variadas formas e são cruciais para o ensino de História. A seguir, trago um debate acerca das imagens hoje e a sua importância para se ensinar História.

2.2.1 Ensinar História a partir das imagens

Lo que significa el deseo de las imágenes es que, cuando imaginamos las cosas, existimos²⁶.

Egven Bavcar

Cena 07 – Iconoclasta

Um dia, desenhei Deus e como a imagem carregava o peso do julgamento final dos homens, construí um altar para adorá-lo. Oferecia tudo aquilo que julgava

²⁶ O trecho correspondente na tradução é: “O que significa o desejo das imagens é que, quando imaginamos as coisas, existimos”.

santo e temia a morte caso enfurecesse o Criador. Certo dia, a imagem desapareceu, como mágica ou milagre. Foi quando Deus perdeu a forma e o seu chicote arrefeceu. Mal sabia eu que em minha ausência, minha avó destruíra a imagem, temendo a ofensa divina da neta. À mágica, atribuí a Deus como resposta às minhas dúvidas, ao final do dia ajoelhei e agradei o ensinamento por Ele ofertado a mim.

A potência da imagem sempre me instigou, quer fosse nos meus desenhos de infância ou nos recentes autorretratos menstruais²⁷. Vivo sempre com uma necessidade de transformar ideias em imagens, talvez para compreender o que do todo a minha mente não organiza ou racionaliza. Porque a imagem me permite sentir e experienciar o que não é da ordem das palavras. Talvez por isso a minha escrita se torne tão imagética, num imperativo existencial de compreensão que extrapole o código comum da significação de mundo.

A imagem possui algo de mágico, pois tem a capacidade de remeter ou ainda religar as representações ao real, não espanta, portanto, que algumas religiões como o Islamismo e o Protestantismo assumam a proibição de representações imagéticas de divindades. Trazer Deus para uma superfície confere poder demais à materialidade. E não são apenas as divindades que tornam o universo imagético dotado de algo mágico. Quando vemos pinturas rupestres na Serra da Capivara, estátuas barrocas de Aleijadinho ou as Xilogravuras de Mestre J. Borges, entre outras possibilidades infindas, nos conectamos a possibilidades de reconfigurar aquilo que convencionamos chamar de realidade.

Essa ideia de registro do real perpassa a história humana em sua longa trajetória. No entanto, é com o surgimento da fotografia no final do século XIX que esse *status* alcança outra dimensão. Afirmo isso, pois a capacidade de registro possibilitada pela fotografia, analógica ou digital, é de proximidade imensa com o que ela representa. Quando surgiu, trouxe consigo:

O caráter de prova irrefutável do que realmente aconteceu, atribuído à imagem fotográfica pelo pensamento da época, transformou–a num duplo da realidade, num espelho, cuja magia estava em perenizar a imagem que refletia.” (MAUAD, 1996, p.1)

²⁷ Acerca do processos de autorretratos menstruais, ver o trabalho “Sin Nombre – autorretratos menstruales” Disponível em: <<http://autoretratosmenstruales.files.wordpress.com/2012/01/sin-nombre3.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

A sensação era, e talvez ainda seja, de que por uma fração de segundo tenhamos podido congelar o tempo, ambição comum dos seres humanos aprisionados em seu próprio artifício de controle da vida.

Não espanta, portanto, que esse processo de produzir imagens no seu âmbito mágico não necessite arbitrariamente da visão ocular. Como exemplo, trago a experiência do fotógrafo cego Egven Bavcar. O artista esloveno perde a visão por volta dos vinte anos e torna-se fotógrafo algum tempo após o acidente. O que espanta, num primeiro momento é o fato das imagens²⁸ produzidas por Bavcar serem tão caracteristicamente suas. O contraste entre o claro e o escuro é tão demarcado que parece dialogar com o visível e o não visível possíveis ao artista. Em seu processo fotográfico, ele assume que:

Yo fotografío lo que imagino, digamos que soy un poco como Don Quijote. Los originales están en mi cabeza. Se trata de la creación de una imagen mental, y de la huella física que mejor corresponde al trabajo de lo que es imaginado.”(Fonte: <http://www.zonezero.com/exposiciones/fotografos/bavcar> (Acesso em: 12. mar. 2014)²⁹)

O que Bavcar afirma, portanto, é que as imagens, sejam mentais ou materializadas são diálogos com o existir. E a polissemia do imagético é tamanha, pois não encerra sentidos, pelo contrário, amplia as perspectivas e experiências de se estar no mundo. Sendo assim, não haveria como ser diferente quando pensamos nas imagens atreladas ao ensino de História, sua importância é o que justifica essas linhas³⁰.

Em minhas aulas como professora de História, chamo atenção aos alunos acerca da perspectiva de representação do real a partir de fotografias. Costumo mostrar uma imagem de um cachorro e pergunto “O cachorro da foto é real?”. A resposta mais comum é “Sim”, no entanto, após certo exercício de provocação, costumam chegar até a ideia de que aquele não é o cachorro real e sim algo que remete a existência do animal. A importância desse debate aqui e em sala de aula,

²⁸ Para acessar alguns trabalhos do artista, Disponível em: <<http://www.zonezero.com/exposiciones/fotografos/bavcar/indexsp.html>>. Acesso em: 13 mar. 2014).

²⁹ O trecho correspondente na tradução é: “Eu fotografo o que imagino, digamos que sou um pouco como Dom Quixote. Os originais estão na minha cabeça. Se trata da criação de uma imagem mental, e da materialização que melhor corresponde ao trabalho do que foi imaginado”.

³⁰ E surgirão em algumas análises realizadas no Capítulo 3 dessa dissertação.

reside na perspectiva de que o uso de imagens no ensino da História, muitas vezes vem desacompanhado de uma análise crítica das mesmas.

É preciso lembrar o forte apelo à visualidade visto nos dias de hoje. Se a popularização da fotografia nos século XX trouxe para o cotidiano a necessidade do registro de momentos importantes da vida, com a disseminação da fotografia digital na passagem para o século XXI essa dimensão torna-se ainda maior. A necessidade de se registrar os acontecimentos tornou-se imperativa.

Talvez, diante do ritmo avassalador que impelem as trocas atuais, seja necessário fotografar para se assegurar o que vivemos. Esse movimento incessante de registro, associado à lógica do espetáculo encontra, nos diversos dispositivos digitais e redes sociais *online*, um lugar de identidade.

É assim que George Orwell, em seu *1984* (1996), afirmou-se como visionário ao criar, na década de 1940, um mundo em que câmeras monitoravam as nossas ações cotidianas. Tão real hoje é a forma como produzimos, consumimos e compartilhamos imagens, perfazendo verdadeiros *reality shows*. O aparato de controle chamado por Orwell de “Grande Irmão” é hoje uma instância de nosso cotidiano, que, diferentemente do clássico de ficção, nos domina e é, ao mesmo tempo, produzido e alimentado por nós.

Desse modo, é fundamental nesse contexto de intensa visualidade, trazer aos alunos o pensar crítico acerca dessas representações. As escolas hoje são assoladas por diversos aparatos digitais portáteis, aparelhos que passeiam por mãos diversas, exibindo suas telas, permeiam o universo da quase maioria da comunidade escolar. No entanto, ainda que sua presença seja real e massiva, a escola ainda não sabe como mediar esses aparatos. E nesse não saber, um caminho mais viável para o controle do desconhecido é a proibição. Surgem assim, por exemplo, leis de caráter estadual³¹ que proíbem o uso de aparelhos **celulares** e diversos aparelhos eletrônicos dentro de salas de aulas. Na contramão, o professor é cobrado a adequar-se aos novos tempos tecnológicos, reside aí mais uma questão, como trabalhar criticamente as TIC se não pensarmos nelas para além do seu uso enquanto ferramentas?

³¹ Ver a lei nº 5222, de 11 de abril de 2008 que dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas estaduais do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/57475921/Lei-Nº-5453-Modifica-a-Lei-nº5222-que-proibe-o-uso-de-telefone-celular-nas-escolas>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

A discussão das imagens, podendo ser entendidas ainda enquanto mídias, presentes na escola estampam desde muito outro material que não o celular, é no livro didático que marcam o seu lugar de legitimidade. Ainda que hoje seja possível entrever uma série de livros didáticos em que as imagens surgem dentro de propostas de análises mais críticas e no trabalho enquanto fonte, subsiste no seu uso um teor ilustrativo. Basta folhear um livro didático para perceber que, para além das suas abordagens, as imagens ali são fundamentais. Como se conferissem um caráter de ampliação das percepções, surgem em meio aos textos explicativos dos conteúdos. Podem configurar uma ilustração ou orientação ao texto escrito ou ainda a ampliação de um determinado conteúdo trabalhado pelo professor (MAUAD, 2007, p.4).

Não se pode esquecer que as imagens são produzidas de acordo com sua própria historicidade, sendo assim, o olhar também passa por transformações. Nesse sentido “Nenhuma imagem é lida naturalmente, sua compreensão requer um aprendizado cultural que no limite permite reconhecer numa fotografia, não a realidade em si mesma, mas a sua (re) apresentação.” (MAUAD, 2007, p.3) Ao perceber essa dimensão, é possível trabalhar o campo imagético como fator de imersão no exercício histórico. “As imagens são pistas para se chegar a outro tempo, revelam aspectos da cultura material e imaterial das sociedades históricas, compondo a relação entre real e o imaginário social.” (MAUAD, 2007, p. 6)

Assim como as imagens possuem a sua história e articulações acerca dos seus meios de produção e consumo, as TIC também podem ser problematizadas nesse sentido. Os *blogs* de professores, que investigo no capítulo a seguir, são marcados pelo fator da visualidade, sendo compostos de muitas imagens. Carregados de sentido e possibilidades pedagógicas podem ser vistos como grandes baús eletrônicos, prontos para ser investigados.

3 NAVEGANDO EM *BLOGS* DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

O verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representá-las em nosso espaço (e não nos representar no espaço delas) [...] Não somos nós que nos transportamos para dentro delas, elas é que adentram a nossa vida.

Walter Benjamin

Um método científico se distingue pelo fato de, ao encontrar novos objetos, desenvolver novos métodos – exatamente como a forma na arte que, ao conduzir a novos conteúdos, desenvolve novas formas. Apenas exteriormente uma obra de arte tem uma e *somente* uma forma, e um tratado científico tem um e *somente* um método.

Walter Benjamin

O ofício do historiador é marcado pela investigação que revolve as construções humanas ao longo do tempo em busca de possíveis respostas aos problemas que elabora. Suas fontes são de uma multiplicidade tal que hoje, após um longo debate sobre o fazer na História, há uma pluralidade de possibilidades teórico-metodológicas no seu fazer-pesquisa. Ainda que esse não seja um trabalho na seara da História, sua importância é clara. Em minha experiência de pesquisa, observo uma série de pistas que me auxiliam no processo de significação acerca dos *blogs* de professores de História.

Essas pistas surgem como os indícios necessários para essa investigação e é relevante pontuar a sua conceituação. Não são meros vestígios e aqui resgato a perspectiva de Carlo Ginzburg (2007) que valoriza a pesquisa a partir daqueles

resíduos, aparentemente marginais de um dado tema pesquisado. Desse modo, as pistas são entendidas como elementos que muitas vezes podem passar despercebidos ao serem tratados como meros detalhes. O autor compara a pesquisa com a prática do detetive em que nada pode ser previamente descartado como irrelevante em seu percurso. As nossas pistas, perfazem, portanto, indícios que, em muitas propostas de investigação, soariam como poeiras desnecessárias.

Walter Benjamin, assim como o autor italiano, traz em seu método de pesquisa, a perspectiva da:

[...] atenção, isto é, do trabalho paciente do observador que, ampliando o micro e o fragmentário com uma lupa, está mais preocupado em ver os fenômenos de perto do que em tentar explicá-los a partir de um todo social. (D'ANGELO, 2013, p.16)

Essa paciência de que fala Benjamin é necessária para entrever certas brechas que, em análises de caráter mais totalizante, passariam despercebidas. Nesse sentido, o trabalho aqui construído dialoga com as pistas enquanto parte de um processo artesanal de pesquisa, que valoriza os detalhes em articulação dinâmica ao todo analisado.

Em busca dessas pistas, mergulho em diversos *blogs* que se estruturam, assim como o nosso tempo do calendário, de forma linear. As publicações realizadas pelos professores surgem da mais antiga para a mais atual, num constante movimento que atualiza o passado. A linha do tempo, portanto, dá destaque ao presente, ainda que deixe ao internauta um arquivo pronto para ser descortinado pelo navegante. Nesses “baús eletrônicos”, inúmeras são as pistas que me auxiliam a criar reflexões acerca da educação no século XXI. Surgem, textos (palavras, imagens e sons) de uma gama diversa, construindo discursos ricos que provocam o olhar. Essas publicações, articuladas a outros aspectos presentes nos *blogs*, promovem uma imensa possibilidade de diversidade nos *posts*, formando um vasto universo de investigação.

Antes de adentrar a especificidade de nosso campo empírico, é necessário pontuar qual seria este universo dos *blogs* que investigo e qual sua articulação com a educação.

3.1 *Blogs* e educação

3.1.1 Blogs – histórico e caracterização

O termo *blog* é uma abreviação de *weblog* e, na língua portuguesa, também é possível encontrar o termo *blogue* como adaptação ao termo em inglês. Desse modo, “*Web*” (rede) está relacionado ao universo por onde a informação circula através da codificação http. “*Log*” (diário de bordo) traz a perspectiva de anotações organizadas cronologicamente como observadas em diários marítimos. Assim, o termo *weblog* remete inicialmente a conteúdos que circulam no universo da *web*, organizados de forma cronológica. Àquele que se lança nesse lugar é possível dizer que navega nos mais variados mares e oceanos possíveis.

Mas o que são os *blogs*? Fabiana Komesu (2010) os define, dando-lhes o sentido de ferramentas para a publicação de textos *online* que dispensam o conhecimento especializado em computação. A ferramenta é disponibilizada, em sua maioria, gratuitamente, por diversos *sites* existentes na *web*. Essa configuração, de fácil utilização, atrela-se à popularidade alcançada pelos *blogs* desde o seu surgimento no final da década de 1990. A facilidade de uso e a gratuidade do acesso à ferramenta somam-se ao contexto já apresentando no Capítulo 1 – de espetacularização do eu, fazendo com que os *blogs* disseminem-se mundialmente.

A apresentação do *Wordpress*³², uma das mais populares ferramentas para a criação de *blogs* traz algumas das características das quais falamos acima:

O WordPress é uma plataforma semântica de vanguarda para publicação pessoal, com foco na estética, nos Padrões Web e na usabilidade. O WordPress é ao mesmo tempo um software livre e gratuito. Em outras palavras, o WordPress é o que você usa quando você quer trabalhar e não lutar com seu software de publicação de blogs. (Disponível em: <<http://br.wordpress.org>>. Acesso em: 03 fev. 2014)

Desse modo, faz questão de frisar a facilidade no uso quando afirma ao usuário que ele não terá que trabalhar ou lutar com o seu *software*. Nesse sentido, parece explicitar o caráter dos *blogs* em atingir um público não especializado no

³² Disponível em: <<http://br.wordpress.org>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

universo da informática. Pontua ainda, ser uma plataforma que disponibiliza um *software* gratuito para a publicação pessoal.

É justamente no momento (final da década de 1990 e início dos anos 2000) de surgimento dos *blogs*, que a rede mundial de computadores passa por intensas transformações em que a interação passa a se estruturar como base comunicacional. A chamada *Web 2.0*³³ começa a ser sedimentada, alterando a perspectiva de simples visita aos domínios, anteriormente sem a presença da interação dos usuários da rede. Criar e compartilhar conteúdo passa assim, progressivamente, a ser algo realizável para uma gama cada vez maior de pessoas.

Nesse contexto, os primeiros *blogs* não surgem exclusivamente como diários, a despeito do termo evocar essa perspectiva. As experiências iniciais são caracterizadas pelas publicações de *links* e funcionavam, dessa forma, como espécie de filtros de conteúdo na rede. (RECUERO, 2003) A relação com os diários se estruturava, inicialmente, apenas com a lógica de postagens cronológicas, numa espécie de linha do tempo. No entanto, os diários virtuais não tardaram a surgir e a se popularizar. Os *blogs* que assumem a característica de diários íntimos acabam por formar um novo tipo de escrita de si, agora virtual. Ainda que tragam articulações com o clássico formato de diário, há que se pontuar que é outra instância com suas devidas especificidades. Com as transformações ocorridas ao longo do século XX, vimos emergir diversas esferas no âmbito da comunicação humana. Essas mudanças vieram acompanhadas de uma nova e cada vez mais popular forma de se colocar no mundo.

Se anteriormente assistíamos a uma perspectiva da intimidade enquanto algo compartilhado com poucos, veremos paulatinamente um movimento de abertura da intimidade com mais círculos sociais. Há, portanto “[...] um deslocamento daquela subjetividade ‘interiorizada’ em direção a novas formas de autoconstrução.” (SIBÍLIA, 2008. p. 23) Não espanta, portanto, que os diários do final do século XIX, uma vez fonte de mistério e individualidade, assumissem outra perspectiva quando no universo da *Web 2.0*.

Uma característica interessante, presente já no primeiro movimento dos *blogs*, é a ideia de fazer referências a outros *blogs*, criando assim, uma espécie de

³³ A chamada *Web 2.0* é caracterizada pelo entendimento da rede mundial de computadores como plataforma em que a interação é a sua base fundamental. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0>. Acesso em: 03 mar. 2014.

universo específico dessa ferramenta, a chamada *blogsfera*. Os usuários donos de *blogs* são chamados de *blogueiros* e tecem uma rede específica de trocas entre si. Mais tarde, com a disseminação das redes sociais, os *blogs* agregarão lógicas específicas como a possibilidade de possuir seguidores publicamente, criando nichos de rede social.

A *blogsfera*, portanto, é marcada por uma lógica pessoal na atualização de conteúdo. Os *blogs* podem possuir um único autor ou ainda ser coletivos, mas a marca da personalidade é recorrente em boa parte deles. É nesse sentido que as interações acabam por ser parte importante, sobretudo a partir das caixas de comentários. (ZAGO, 2008) Esse espaço é onde, muitas vezes, os autores se posicionam mais ativamente acerca de uma determinada temática, já que orquestram conversas e trocas públicas com seus visitantes. Há, portanto, segundo Raquel Recuero (2003), uma poderosa potencialidade de construção de comunidades virtuais, a partir das chamadas *webrings* (círculos de *blogueiros* que interagem entre si). Nessa pesquisa em questão, as caixas de comentários surgem como poderoso espaço de observação dos professores pesquisados e suas possíveis interações.

Desse modo, os *blogs* são entendidos como ferramentas para a construção de páginas na *Web* que publicam conteúdo de forma dinâmica (ZAGO, 2008). Talvez, diante de toda a facilidade ofertada na usabilidade pelas empresas desenvolvedoras de *softwares*, os *blogs* tenham alcançado tamanha popularidade. Segundo pesquisa realizada em 2011 sob encomenda da empresa *Google*³⁴ existem cerca de 144 milhões de *blogs* em todo mundo. Ainda que muitos estejam inativos ou não sejam frequentemente atualizados, não deixa de ser um número expressivo. No Brasil, se verifica uma quantidade expressiva de *blogueiros*, e na mesma pesquisa, o país aparece em 5º lugar do mundo em número de horas que os usuários se dedicam aos *blogs*. Não espanta, portanto, que seja vasta a quantidade de temas abordados pelas páginas brasileiras, e entre esses há diversos voltados à educação.

³⁴ Pesquisa intitulada “*El futuro del derecho de autor y los contenidos generados por los usuarios en la web 2.0*” foi realizada pela empresa de Consultoria Rooter no ano de 2011. Disponível em: <http://rooter.es/documents/futuro_derechos_autor_contenidos_generados_usuarios_web_2.0.pdf> Acesso em: 10 jan. 2014.

3.1.2 Blogs e educação

Cena 08 – Lousa eletrônica

Trabalho em uma escola em que faltam muitas coisas, das paredes mal pintadas a maçanetas nas portas. Nessa escola, existem muitas grades e por vezes ouço os pequenos cochicharem “Isso nem parece escola, parece mais é prisão”. Os problemas de disciplina, comuns a várias instituições, reverberam, os professores reclamam “Na minha geração não éramos assim!”. Sobram advertências, suspensões, gritos e ameaças. Depois se instala um cansaço geral, em todos aqueles que ali habitam. Em meio a esse quadro, uma notícia corre entre as conversas, chegou à escola uma lousa interativa. Sorrisos e festejos percorrem alguns rostos, uma sensação de estar atualizado aos novos ventos percorre muitas mentes. Eu e alguns ficamos resabiados, como festejar a novidade se nos faltam janelas e se não sabemos falar sobre o que é a lousa?

Essa cena foi inventada, mas poderia não ter sido. As instituições escolares, campos de mediação e formação para o exercício social, parecem viver um período histórico atribulado. Digo isso, pois muito mudou nos últimos anos em relação à forma como nos comunicamos. Uma avalanche de inovações técnicas vem modificando as práticas comunicacionais e atingem a escola em cheio.

Nesse sentido, algumas vozes argumentam sobre o conservadorismo das instituições escolares em contrassenso com as práticas sociais da maioria dos alunos. Para além de gerar afirmações tácitas acerca do que é a escola hoje, é importante assegurar que sim, as transformações pelas quais vêm passando a sociedade, no âmbito da comunicação, ecoam nas instituições escolares. Como afirmei, esses ecos trazem discursos marcados pela defesa da entrada das tecnologias na escola, na necessidade de adequação aos tempos atuais. No entanto, essa entrada não vem configurando, necessariamente, transformações nas práticas educativas, funcionando por vezes como amálgama a antigos corpos.

No capítulo 1, justifico o porquê da opção por investigar os *blogs* de professores de História, e aqui é fundamental pontuar as especificidades que permeiam tais plataformas quando articuladas ao universo da educação. Extensa é a produção dentro do campo de confluência da Educação e da Comunicação,

sobretudo quando atrelada à *Internet*. Neste estudo que aqui apresento, centro a discussão acerca da prática docente. Esse amplo debate, inscreve-se num panorama que percebe a atualidade enquanto momento importante nas transformações sociais na passagem do século XX para o século XXI. O contexto atual, com destaque para os últimos vinte anos, vem sendo descrito como paradigmático do ponto de vista da comunicação. Isso se justifica ao observarmos como é cada vez maior a popularidade dos aparatos técnicos digitais na esferas comunicacionais.

Fala-se atualmente que o sistema capitalista estaria em crise e, no mínimo, poderíamos trabalhar com a premissa que as mudanças estruturais são claras. Nesse contexto de intensas transformações, as TIC vêm assumindo destaque importante ao permitir articulações e criação de canais de comunicação independentes. As recentes manifestações, da intitulada Jornadas de Junho³⁵, no ano de 2013 são um exemplo próximo desse cenário. Uma série de manifestações por todo o país vem marcando a História brasileira com a ida de milhares de pessoas às ruas com reivindicações diversas. Recebe destaque a presença de diversos coletivos midiáticos independentes que buscam fazer uma cobertura mais livre dos eventos, como contraposição aos veículos midiáticos massivos como a Rede Globo de Televisão. Surgem, ou tornam-se conhecidos, coletivos como “Mídia Ninja”³⁶ que se baseia na transmissão online de eventos diversos ou produção de matérias jornalísticas. Ou ainda o Jornal “A Nova Democracia”³⁷ que, apesar de produzir material impresso, possui grande circulação de informações em diversas plataformas da *Web*, com destaque para vídeos disponibilizados pelo *Youtube*. Há que se falar ainda, da capacidade que as redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter* possuem em agregar pessoas e disseminar conteúdo de forma rápida, gerando os chamados virais³⁸.

³⁵ Intitulada assim por diversos veículos midiáticos, organizações e movimentos políticos. Conjuntura de intensos protestos em todo o país com destaque para o mês de junho de 2013. A situação brasileira foi comparada à chamada Primavera Árabe. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifestações_no_Brasil_em_2013>. Acesso em: 05 mar. 2014.

³⁶ O coletivo se apresenta como “Mídia NINJA - Narrativas Independentes Jornalismo e Ação”. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/midiaNINJA>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

³⁷ Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

³⁸ Conteúdo disseminado na *Web* a partir de redes sociais diversas que alcancem imensa popularidade em curto espaço de tempo.

Outro exemplo do potencial da rede como espécie de celeiro de produção independente de conteúdo e organização de pessoas é no tocante à pauta feminista. Movimento que, durante boa parte do século XX, foi estigmatizado pelo senso comum, parece fortalecer-se e popularizar-se nos últimos anos. Um dos indícios que me faz sugerir tal afirmação é a inserção, dentro da seção de *blogs* da revista “Carta Capital”, de uma página voltada somente ao feminismo. Escrito pelas blogueiras Nádia Lapa e Clara Averbuck, o *blog* intitulado *Feminismo pra quê?*³⁹ é voltado para discussões específicas acerca do feminismo hoje. As duas autoras se tornaram conhecidas por seus *blogs* pessoais, inclusive se intitulam “blogueira e escritora” em suas pequenas biografias da revista. Ambas possuem postagens na revista *online* que figuram entre as mais lidas do ano de 2013. Parece-me, portanto, possível sugerir que os *blogs* e as redes sociais vêm participando do fortalecimento de comunidades articuladas a um tema específico, chegando a tornar o termo blogueiro como uma espécie de expressão profissional.

No universo educacional, uma página do *Facebook* vem chamando a atenção de comunidades escolares diversas e acadêmicas do país inteiro. Intitulada *Diário de Classe*⁴⁰, popularizou-se em muito por ser organizada por uma aluna de 13 anos da cidade de Florianópolis/SC. Nela, Isadora Faber posta o dia a dia da instituição que frequenta. A motivação para a página, segundo a adolescente, foi de denunciar a situação precária da escola em que estuda. Em pouco tempo a página foi se tornando conhecida e hoje soma 627mil curtidas (ou seguidores), número expressivo para uma página da referida rede social. A adolescente ajudou a acender um debate acerca da qualidade das escolas públicas brasileiras e o uso da *Internet* enquanto canal de reivindicação. Além disso, trouxe à tona questionamentos acerca dos limites do que é publicado nas redes sociais. Tamanha repercussão, fez com que a autora da página fosse apontada pelo jornal britânico *Financial Times*⁴¹ como uma entre os “25 brasileiros para se acompanhar”. Desse modo, esse e os outros exemplos citados nos indicam que não há como ignorar a potência dos atuais movimentos comunicacionais atrelados à *Internet*.

³⁹ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

⁴⁰ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/DiariodeClasseSC>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

⁴¹ Ver matéria sobre Isadora Faber e seu *Diário de Classe*. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/transformadores/site/homenageados/index.php?cod=108>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

Sendo a escola, um espaço que recebe forte influência da mentalidade burguesa, local de manutenção de certos valores sociais e preparo para o mercado de trabalho, também será tocada pelos ecos dessa suposta crise. Vivemos um momento de questionamentos acerca das formas pedagógicas. Não que fossem ausentes essas questões nas décadas passadas, parece, no entanto, que chegamos a uma marca limítrofe em que berra-se a necessidade de se transformar a educação.

Se há uma afirmação possível é a que entende as transformações do universo digital enquanto potência. É a partir desse entendimento que Nelson Preto pontua muitos de suas produções acadêmicas. Relevante apontar o trabalho *Redes colaborativas, Ética Hacker e Educação* (2010) que discorre acerca das potencialidades educativas que são inauguradas a partir do uso da *Internet*. Para tanto, o autor recorre à noção colaborativa, marcante desde o surgimento dos primeiros projetos que culminariam na *Web 2.0* que temos atualmente. Resgata as práticas *hackers* enquanto comportamentos a serem observados, uma vez que promoveriam ações educativas marcadas por liberdade, abertura, ética, entre outros aspectos importantes em qualquer processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Preto faz uma radiografia interessante acerca dos potenciais da Rede e apresenta algumas experiências e provocações em trabalhos como *Construindo redes colaborativas para a educação* (2008)⁴² e *Professores universitários em rede: um jeito hacker de ser* (2010). Levanta então a perspectiva de que é preciso observar o universo comunicacional a partir dos seus potenciais educativos; superando uma perspectiva comum nos debates acadêmicos sobre o tema de mera inserção das tecnologias no universo educacional. Sugere, portanto, que aprendamos com os *hackers*, com os *facebookers*, com os blogueiros e tantas outras comunidades que surgem a partir da *Web*.

Nelson Preto reorienta a percepção acerca da comunicação e os processos educacionais, ainda que, em alguns momentos, careça de certa crítica mais contundente acerca das implicações políticas dessas experiências.

Penso, portanto, nos *blogs* enquanto potência nos processos educacionais. Apesar de forte apelo ao texto escrito, possuem possibilidades diversas para a publicação de conteúdo, sobretudo atualmente, com a diversidade de *Gadgets*

⁴² Em parceria com Maria Helena Bonilla.

incorporados à ferramenta. No entanto, é imprescindível, no caso de *blogs* de professores, perceber como o conteúdo é mediado com os visitantes da página. O que nos dá indícios, ou seja, as nossas pistas, são justamente os discursos presentes nas diversas postagens, além de outros fatores que surgiram durante a pesquisa.

Diversas são as possibilidades nos usos dos *blogs* de professores. Como exemplos de estudos importantes que trabalham sob a perspectiva dos *blogs* atrelados a diários íntimos, há os das seguintes dissertações: *Entre o diário virtual e o diário de classe: traços de identidade profissional de professores na blogosfera*, de Juliane Guedes, em 2009, e *Reflexões entre professores em blogs: aspectos e possibilidades* de Adriane Hallmann, em 2006. Ambas problematizam os usos e a presença de professores na blogosfera sob o viés identitário e da subjetividade.

O trabalho de Juliane Guedes investiga a identidade docente a partir da pesquisa de *blogs* de professores, ressaltando a importância da escrita de si nas plataformas. O direcionamento de sua pesquisa busca perceber como os docentes pesquisados constroem sua identidade profissional a partir das postagens em seus *blogs* pessoais. Trabalha com a noção de que os *blogs* atualizam a ideia de diário, promovendo uma reorganização da identidade docente para além do diário de classe usual.

A dissertação de Adriane Hallmann também aponta para a relação entre *blogs* e diários, e busca perceber os traços de identidade a partir de plataformas de docentes e se esses constroem reflexões de suas práticas na *Web*. Ressalta os elementos que permeiam o seu objeto de pesquisa como a autoria, a visibilidade, a valorização e a cooperação, sem falar na ideia de construção, enquanto espaço sempre aberto a novas configurações. Ressalta a importância da autoria na rede, a partir dos *blogs* como elemento da inscrição de si enquanto sujeito social e da valorização da profissão docente.

Acerca do tema, Fabiana Komesu, em um interessantíssimo trabalho intitulado *Espaços e fronteiras da 'Liberdade de expressão' em blogs na Internet* traz sua discussão a partir da fundamentação teórico-metodológica da Análise do Discurso. Inicia pontuando que, a despeito da popularidade dos *blogs* e da quantidade associada a diários íntimos, o que se percebe é uma blogosfera

associada a atividades profissionais, *marketing* e monetização⁴³, a partir de informação propagada. (KOMESU, 2010, p. 344) Retoma ideia presente no trabalho de Paula Sibília (2008), relacionada à publicização de si na *web*, enquanto desenvolvimento da “técnica da confissão”, presente no Ocidente há séculos. Associa-se a confissão à “vontade de verdade”, conceito de Foucault que se relaciona com a construção do sujeito do discurso, atrelado diretamente ao poder como modo de prática social. No tocante à liberdade de expressão, argumenta que há uma falsa liberdade de expressão nos *blogs*, já que os sujeitos são condicionados “[...] à reprodução de verdades já-ditas, legitimadas pelas instituições sociais e, muitas vezes, por lugares comuns que permitem a interação e a identificação com os internautas” (KOMESU, 2010, p. 355). Sendo assim, a ‘vontade de verdade’ estaria presente no discurso enquanto procedimento e não como processo em busca da legitimação de si.

Atualmente, os professores são cobrados a adaptar-se e se capacitar para os novos tempos. O artigo “Desafios para o professor na sociedade da informação” (2012), de Ana Paula Domingos, Marta Silene e Altair Anóé traz apontamentos interessantes sobre a questão dos docentes hoje. Parte do pressuposto de que vivemos em uma sociedade em rede, retomando os trabalhos de Manuel Castells, que marcaria transformações importantes na esfera econômica, como flexibilidade e internacionalização de capital. A escola e a universidade passariam a ser responsáveis por formar esses novos profissionais e, desse modo, a função do docente sofreria um deslocamento. Nessas novas ordenações econômico-sociais, o professor é cobrado a estar atualizado em meio ao mar de informações possíveis e ser capaz de mediá-las junto a seus alunos.

Raquel Goulart Barreto em *Tecnologias nas salas de aula* (2002), já chamava atenção para o cuidado com a inserção das TIC nas instituições. Essas tecnologias, muitas vezes, são louvadas num discurso salvacionista das práticas escolares tradicionais, além de serem festejadas em relação ao fator de atratividade aos alunos. Nesse sentido, traçamos uma relação com o que Walter Benjamin (1985)

⁴³ Monetização é o processo em que o criador de um *blog*, *site* ou outra plataforma, possa gerar receita a partir da veiculação de anúncios em seus domínios. O Google possui um serviço oferecido gratuitamente o Google AdSense (Disponível em: <www.google.com/adsense>) que auxilia o usuário a estruturar anúncios, a receita é gerada em função dos cliques recebidos nos anúncios.

chamaria de “Mito do Progresso”, característico de uma modernidade que louva a técnica sem a sua crítica necessária.

Nas escolas, seria possível perceber, ainda nos dias de hoje, o que Raquel Goulart chama de “modernização conservadora”. Sendo assim, seria necessário repensar o modelo educacional em função das diversas transformações atuais em jogo.

Essa reflexão se faz necessária, na medida em que as TICs, nas escolas, devem ser pensadas enquanto um objeto social, evitando o lugar de mero suporte. Kátia Morosov Alonso, em *Tecnologias da Informação e Comunicação e formação de professores: sobre redes e escolas* (2008) chama atenção ainda para a forma como o professor é hipervalorizado como canal primordial de mudanças. Na contramão, a escola não possuiria mais o monopólio das informações e a transmissão de conhecimento. Haveria, assim, um deslocamento do sentido do professor transmissor de conhecimento para o aluno protagonista. Ressalta, como Barreto (2002), um ponto que é importantíssimo; não se trata de discutirmos a inserção ou não das TIC e sim, pensarmos sobre o entendimento da educação, do ensinar e aprender, hoje.

Se a tecnologia adentra a escola, também a escola se expande para além do seu espaço físico. Não se trata de segmentar a escola num binômio dentro/fora, sabemos que a escola e suas práticas não se encerram em si mesmas. Com a possibilidade da *Internet*, as instituições têm o potencial de se articular e comunicar-se com a comunidade escolar sob formas distintas, em relação às últimas duas décadas. Uma dessas é a possibilidade através de páginas no *Facebook* ou no *Twitter*. Desse modo, a escola pode fazer parte, ainda mais, do cotidiano de alunos, pais e professores, seja pelos computadores, *smarthphones*, *tablets* e outros. Em pesquisa intitulada *Educação, Twitter e a experiência em Walter Benjamin* (DOMINGUES, 2012) pude investigar brevemente a presença de diversas escolas na *web*. Analisando os perfis de diferentes instituições, pude perceber que a maioria delas assume o uso do *Twitter* como uma espécie de mural *online*. O potencial de troca é reduzido a postagens monológicas, com raríssima interação com a comunidade escolar presente na rede. Percebe-se a potência, mas a prática permanece semelhante à realizada no cotidiano da instituição.

O panorama dos *blogs* em consonância com a educação se mostra, portanto, cheio de potencialidades de transformação ou ainda diálogo com os tempos atuais.

Vale ressaltar que a simples utilização, não garante de fato práticas transformadoras, como já observei em trabalho anterior, ao investigar o universo dos *Twitters* de escolas diversas. É justamente essa perspectiva que me instiga a adentrar os diversos *blogs* de professores de História, em busca de pistas e possíveis apontamentos para respostas.

3.2 Constelação de *blogs* – campo empírico e metodológico

3.2.1 O método das constelações

Cena 09 – Fotografia do céu

Encontrei a Nina numa praça e, do alto dos seus seis anos de idade, me perguntou o que existe depois do Paraíso. Respondi que talvez tivessem outros Paraísos depois daquele um, que ela me dizia; argumentei que talvez fosse como o céu e suas estrelas sem fim. Disse-lhe ainda, que, quando nascemos, é como se houvesse uma fotografia do céu, especialmente feita pra cada um de nós, um mapa do céu. Nina nasceu no mesmo dia que eu, mas não temos a mesma foto celeste. Ainda que existam tantos paraísos em meio ao nosso céu, certamente temos algo em comum. As estrelas e seus diversos mapas me ajudam a entender um pouco mais da incerteza da vida.

Que o céu sempre atraiu os seres humanos, não há como negar. No entanto, se durante boa parte da existência de nossa espécie os astros assumiram importância crucial em nosso cotidiano, hoje perfazem certa distância. Falo, é claro, do homem atual urbano, esse que ofusca o brilho das estrelas com suas luzes fluorescentes que assolam e entristecem suas cidades. Nesse cenário de letreiros luminosos, resta ao estudo das personalidades humanas em meio aos astros algumas breves linhas em meio a folhas de jornal, o conhecido Horóscopo de doze signos. Nele esvai-se toda a tradição da Astrologia que, com seus mapas conseguia decifrar certas potências das personalidades humanas.

Ler um mapa é decodificar uma imagem. Uma constelação é definida como

“Grupo de estrelas fixas que, ligadas por linhas imaginárias, forma também uma figura imaginária”⁴⁴, podendo ainda ser entendida enquanto um mapa do céu. Walter Benjamin era um exímio colecionador de estrelas e em seu *Passagens* (2007) constrói uma primorosa constelação que busca descortinar a modernidade. Em sua obra inacabada, faz uma pesquisa laboriosa de citações acerca de temas diversos que aparecem no conjunto de toda a sua obra. Há, em sua produção um sentido fundante da montagem. Com o faro de colecionador, revolve as entranhas de Paris e não há poeira desnecessária nessa busca. Desse modo, afirma que “[...] os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os” (2007, p. 502). Essas citações reunidas formam imagens, que podem ser revisitadas e reconstruídas a qualquer momento.

Que imagens são construídas por essa constelação benjaminiana? Difícil afirmar, mas asseguro que talvez seja esse o caminho para compreender o seu método, imagetivamente. São elas, as imagens, justamente o elo que permite ao historiador construir uma perspectiva revolucionária, na medida em que é possível conectar vivamente a história aos seus sujeitos envolvidos. Nesse sentido, as imagens são dialéticas e podemos recobrar o célebre trecho de Benjamin, que sintetiza ainda a sua perspectiva do *Jetztzeit* (Tempo de Agora):

Não é que o passado lance sua luz sobre o presente ou que o presente lance luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta. [...] (BENJAMIN, 2007, p. 504)

Em sua perspectiva de História é preciso convidar os mortos para o jantar. Não há, portanto, como pensar em um método de pesquisa que se faça sem movimento. A arte de citar é um exercício que requer olhos atentos, porque, há que se inventariar as partículas que constroem um dado espaço de investigação. Para dizer o outro, há que se permitir que ele adentre os nossos lugares, preencham as nossas estantes, gavetas e pensamentos. Uma coleção de estrelas nunca é estática pois cada brilho ilumina a imagem de forma diferente, a cada segundo, a cada lusco-fusco. Tampouco as estrelas são infinitas, ainda que o seu legado seja.

Neste trabalho, assumo, portanto, a inspiração num dos métodos de Walter

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/constelação>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

Benjamin para erigir a minha constelação. As estrelas são formadas pelos 122 *blogs* de professores de História, mapeados para esta pesquisa. Em sua maioria, são continuamente atualizados, garantindo o pulsar do brilho estelar. Outros, inativos, parecem assumir um estágio de latência em que não podemos simplesmente afirmar que apagaram, posto que em seus rastros ainda há luz. Várias são as imagens possíveis de se construir a partir dessa constelação; há vida, e isso é inegável. No entanto, busco, além de construção, alçar algumas perspectivas de análise. Ao iniciar este trabalho levanto questões que permeiam os sentidos acerca da História, do tempo e da tecnologia produzidos nos *blogs* de professores de História.

Na busca por problematizar essas questões construo uma análise crítica que perpassa, desde as tendências mais gerais observadas nas páginas pesquisadas, a elementos mais específicos dos *blogs*. São importantes, portanto, traços como: a forma como o *blog* se apresenta, interações entre autor e usuários, a escrita nas postagens, o tratamento dado ao conteúdo da História e como se constroem os discursos presentes nos textos.

3.2.2 Mapeamento e tipologia

Ao pensar o universo dos *blogs* e suas diversas possibilidades, lancei-me ao desafio de alçar compreensões a partir do que me propunha com essa investigação. Iniciei o processo elegendo três *blogs* de professores de História que encontrei em meu processo pessoal de construção de planos de aula. No entanto, carecia de uma metodologia mais acurada em busca de minhas análises futuras. Sendo assim, optei por uma pesquisa mais vasta e que, a partir dela, pudesse construir um material mais sólido de análise.

Parti assim, para um mapeamento extenso dos diversos *blogs* de professores de História presentes na *web*. Foi relevante perceber que não há trabalhos relativos ao tema que trabalhem com pesquisas mais vastas; é comum, no entanto, vermos trabalhos que analisem experiências isoladas com um ou poucos *blogs*. Para tanto, fui à plataforma de buscas *Google* buscar *blogs* de professores de História da Educação Básica. Optei por esse recorte por entender que *blogs* voltados a outros níveis da educação, talvez trouxessem outras especificidades, difíceis de serem

contempladas em uma pesquisa de curto prazo. Dessa forma, feita essa ressalva, trabalhei com algumas palavras-chaves, buscando até a décima página dos resultados, *blogs* que contemplassem essa pesquisa em questão. As palavras-chaves foram as seguintes:

- *blog*; professor; história;
- *blog*; professora; história;
- *blog*; ensino; história;
- *blog*; ensinar; história;
- *blog*; aula; história;
- *blog*; fundamental; história;
- *blog*; médio; história;

A partir dessas palavras-chaves, realizei o mapeamento, elegendo alguns pontos importantes para caracterizar de forma geral as páginas encontradas.

Num primeiro momento trabalhei com a tipologia proposta por Raquel Recuero (2003). Segundo a autora, os *blogs* presentes na *web* são apresentados das seguintes maneiras:

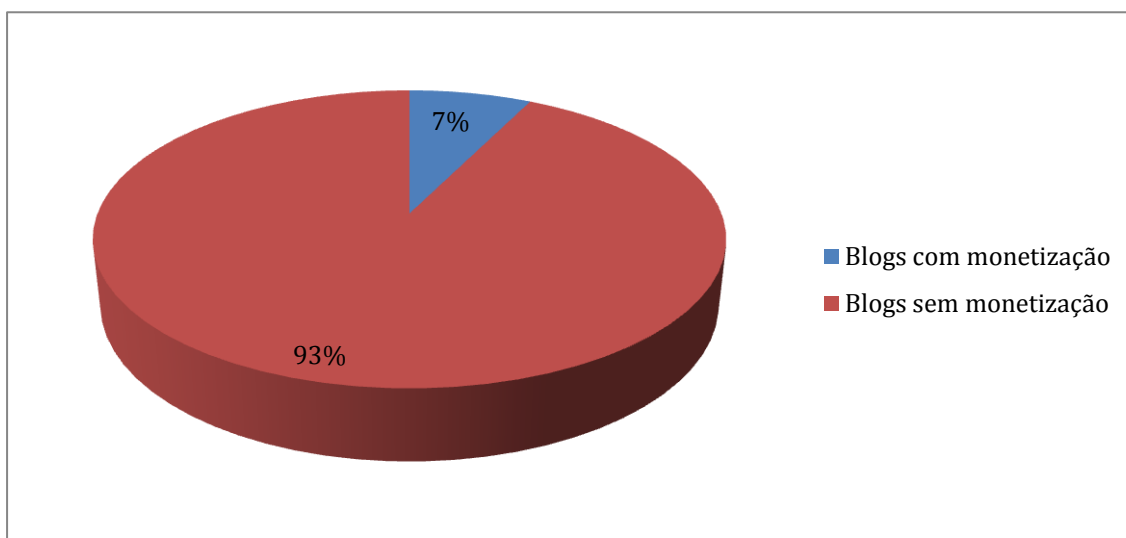
1. Diários Eletrônicos – Canal de expressão de um autor, “[...] atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários.” (RECUERO, 2003, p.3);
2. Publicações Eletrônicas – “[...] se destinam principalmente à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do blog.” (RECUERO, 2003, p.3);
3. Publicações mistas – “São aquelas que efetivamente misturam posts pessoais sobre a vida do autor e posts informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.” (RECUERO, 2003, p.3).

À medida que ia mapeamento os *blogs*, percebi que a maioria (perfazendo um número de 107) se apresentava como forma de Publicações Eletrônicas (PE). Tal característica, que não trazia a princípio maior relevância no uso da tipologia da autora acabou por apontar uma análise inicial. Os *blogs* de professores não se utilizam da forma de diários, que popularizou em muito a ferramenta, pois são

voltados, em sua grande maioria, a compartilhar conteúdo e trabalhar com a disciplina ministrada em sala de aula. Nesse sentido, parece que os docentes optam por um tipo de apresentação que carregue certa formalidade no discurso. Assumem, portanto, uma identidade de professor em suas páginas que raramente deixa transparecer a esfera de suas vidas pessoais.

Para o mapeamento e construções das Tabelas 1 e 2, levei alguns pontos em questão. Primeiramente, levei em conta a tipologia a partir de Recuero (2003) e foram encontrados somente *blogs* do tipo mistos e PE. As atividades nas postagens também foram relevantes, nesse sentido, percebi o tempo de existência das páginas, bem como se estão ou não ativas. Esse aspecto é relevante para compreender se existe um período específico de crescimento dos *blogs* de professores e como se dá continuidade das postagens.

Além das tipologias exploradas, outro ponto pareceu relevante ao iniciar o mapeamento dos *blogs*: relativo à monetização dos mesmos. Dessa forma, uma hipótese inicial era a de que os professores criavam *blogs* para também gerar algum tipo de receita. Partia desse pressuposto, ao pensar o que motivaria o professor a continuar o seu trabalho para além das horas previstas entre planejamento e aulas no seu espaço pessoal. Nesse sentido, o atrativo de monetizar uma página, agregando valor, me parecia bem lógico. No entanto, ao realizar o mapeamento, verifiquei que essa perspectiva não se efetivava na prática. Dos *blogs* pesquisados apenas 9 apresentam ferramentas para a monetização, ou seja, cerca de 7% do total (Gráfico 1).

Gráfico 1 – *Blogs* que possuem ferramenta de monetização

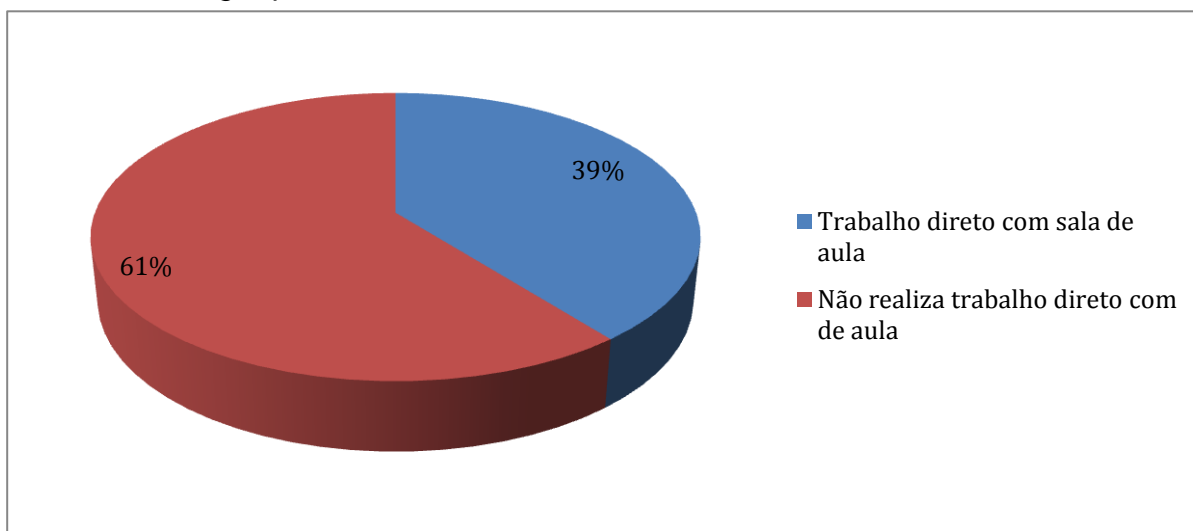
Fonte: A autora, 2014

Essa configuração, portanto, me leva a afirmar inicialmente que em sua maioria o professor de História não é impelido a criar um *blog* com intuito de captação financeira. Ainda que movimentar renda seja um atrativo na *web* e diversas sejam as possibilidades para isso, não é essa característica que marca os professores de História pesquisados. Uma possibilidade poderia ser a dificuldade de se articular essa monetização, no entanto, a ferramenta anteriormente citada (*AdSense*) é relativamente simples em seu uso, buscando atingir muitas vezes o internauta leigo em informática.

Se a monetização é pouco encontrada a característica que chamei de “trabalho direto com a sala de aula” é muito comum. Esse traço foi percebido quando mapeava os *blogs* e se mostrou interessante, pois avaliei que nesse tipo de abordagem, há uma potencialidade maior de trocas e interações entre o professor e os usuários da página. Digo usuários e não alunos, pois em algumas páginas, percebe-se que há a presença e interação de usuários que não são alunos do professor blogueiros. Ou ao menos, poderia afirmar, que não são alunos do cotidiano formal e escolar, já que na esfera da *web* podem assumir o lugar de aluno. Os *blogs* voltados ao trabalho direto com sala de aula perfazem as diferentes formas como se apresentam, tanto aqueles considerados mistos como os considerados como PE. Dos 122 *blogs*, cerca de 39% realiza o trabalho direto com sala de aula, isso sugere que os professores estão buscando, com a criação de suas páginas

peçoais, reflexos nas suas práticas docentes. Nas análises realizadas ao longo desse trabalho analisaremos algumas dessas experiências.

Gráfico 2 – *Blogs* que realizam trabalho direto com sala de aula



Fonte: A autora, 2014

Dos *blogs* mapeados, apenas 15 (ver Tabela 1)⁴⁵ apresentam características mais pessoais, trazendo experiências da vida cotidiana. São, portanto, considerados *blogs* mistos, por articularem suas postagens acerca do conteúdo da História, a perspectivas mais íntimas. Não há nenhum *blog* construído no formato de diário virtual, dentre os pesquisados.

Dentre os *blogs* mistos pesquisados, um chama atenção, pois articula a lógica do diário virtual de forma mais clara que os demais. O *blog Professor Alexandre* se utiliza do formato de diário em seus *posts*. Ainda que a própria lógica do *software* organize as publicações, remetendo a uma estrutura do diário tradicional, o professor Alexandre de Almeida constrói cabeçalhos ao postar os relatos de sua aula (Figura 1). É o único a adotar a influência mais clara dos diários tradicionais quanto à formatação. Não é considerado um diário virtual, pois não fica restrito apenas aos relatos do cotidiano escolar.

⁴⁵ Ver Tabela 1 em Apêndice A – p. 125.

Figura 1 – Blog *Professor Alexandre*

QUARTA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2010

5ª Série B - Exercício de leitura

São Paulo, 07 de junho de 2010

Na aula de hoje foram sorteados cinco alunos para realizar a leitura do texto "Dividindo a História". Todos os alunos cumpriram a tarefa de forma plenamente satisfatória, pois treinaram em casa e leram do modo como foi combinado, ou seja, mantendo postura ereta, em voz alta e compassadamente. Assim, os demais alunos puderam acompanhar a leitura sem problemas de compreensão.

Parabéns aos alunos e à sala !!!

POSTADO POR ALEXANDRE DE ALMEIDA ÀS 19:26 | MARCADORES: 5ª SÉRIE B

ARTIGOS RELACIONADOS

Postagem mais recente

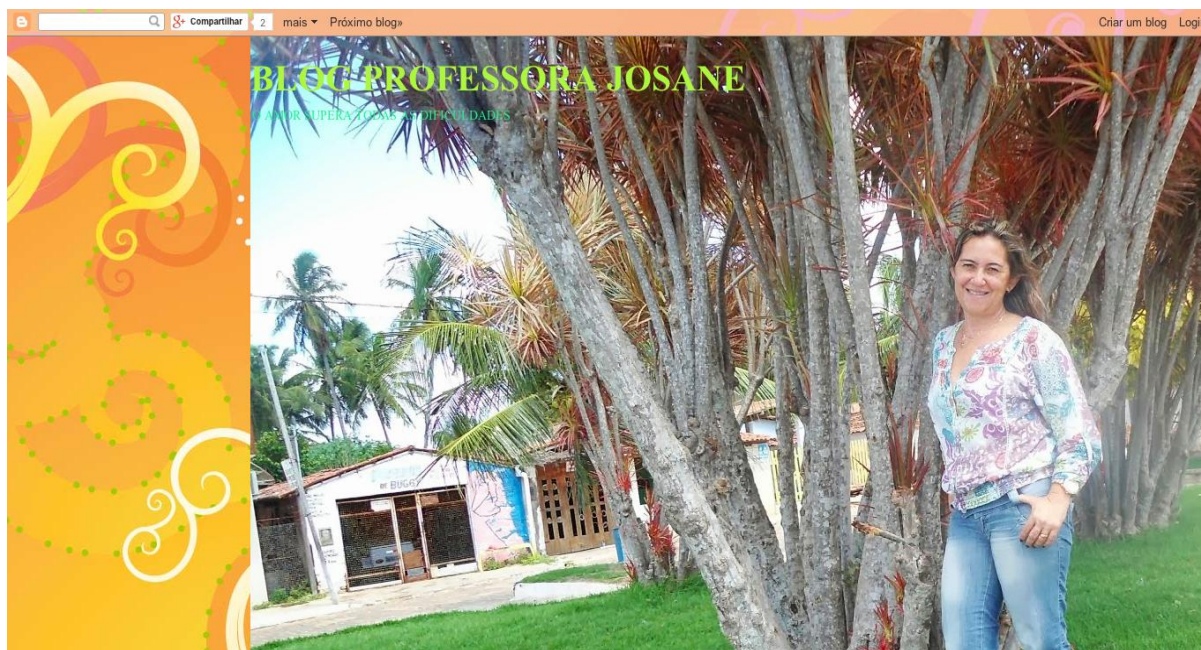
Início

Postagem mais antiga

Fonte: <http://blogdoproalexandre.blogspot.com.br>. Acesso em: 13 jan. 2014.

Outro exemplo de professores que produzem *blogs* mistos é o *blog Professora Josane* (Figura 2).

Figura 2 – Blog *Professora Josane*



Fonte: <http://blogdaprofessorajosane.blogspot.com.br>. Acesso em: 13 jan. 2014.

O *blog* da professora Josane Câmara é um dos poucos que trazem a vida pessoal do professor para a rede. O *blog* é considerado como Publicação Mista e a sua apresentação diz o seguinte:

Este blog tem a finalidade de divulgar notícias da Educação, de inclusão, da História do Brasil, principalmente da minha cidade João Câmara. Você

também encontrará mensagens da palavra de Deus. Disponível em: <<http://blogdaprofessorajosane.blogspot.com.br>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

Passeia, portanto, por diversas temáticas que marcam a vida da profissional. O fazer docente, mistura-se com seus anseios familiares, religiosos e interesses diversos. Apesar de alguns de seus *posts* tratarem do universo educacional, não é um *blog* voltado ao trabalho com a disciplina de História.

Já o *blog* (Figura 3) traz, em seu endereço, um dado interessante. Chama-se *Aula Impressa*, fazendo uma alusão ao papel e, por que não dizer, o livro didático. A apresentação da página é bem formal e o professor Adrian Theodor, autor do *blog* fica praticamente restrito ao uso do texto escrito, talvez em concordância com o título do seu *blog*.

Figura 3 – *Blog Aula Impressa*

13/10/2013
2 COMENTÁRIOS
COMPROMISSOS, GEOGRAFIA,
HISTÓRIA

ANGLO MORUMBI - PROJETO LEITURA - 4o BIMESTRE

Olá Alunos!

Abaixo deixo as instruções para o Projeto Leitura do 4º Bimestre. Ele deve valer para os **8ºs e 9ºs Anos**.

As duas questões (**valendo 0,5 cada uma**) devem ser **copiadas e respondidas** na **Folha de Respostas do Anglo**, disponível com os monitores. Trabalhos entregues fora deste formato não serão aceitos por mim nas datas de entrega estipuladas abaixo.

1. | No filme *O Clube do Imperador*, de 2002, o personagem interpretado por Kevin Kline, William Hundert, diz o seguinte:

"Great ambition and conquest without contribution is without significance. What will your contribution be? How will history remember you?"

Traduza a sentença do professor William Hundert, explique com suas palavras seu significado e responda a pergunta feita por ele em tom de desafio: "Como a história se lembrará de você?"

2. | No filme *O Clube do Imperador*, de 2002, o personagem Deepak Mehta, interpretado pelo ator indiano Rahul Khanna, diz o seguinte:

"A great teacher has little external history to record. His life goes over into other lives. These men are pillars in the intimate structure of our schools. They are more essential than its stones or beams, and they will continue to be a kindling force and a revealing power in our lives."

Traduza a frase de Deepak, explique com suas palavras seu significado e deixe seu depoimento pessoal sobre o que esse pensamento significou para você.

Fonte: <http://aulaimpressa.wordpress.com>. Acesso em: 13 jan. 2014.

Já o restante dos *blogs*, voltados às Publicações Eletrônicas (PE) (ver Tabela 2)⁴⁶, perfazem diversas possibilidades de formatação e apresentação de conteúdo, com a marca comum de construções mais formais de seus discursos. Há certa

⁴⁶ Ver Tabela 2 em Apêndice A – p. 126.

proximidade com a linguagem percebida em livros didáticos e é comum o tipo de *post* que busca disponibilizar *links* de vídeos, imagens e sites relacionados à disciplina de História.

Como exemplo inicial, trago o *blog Um Professor de História* (o professor não se identifica e assina as postagens como “O professor” (Figura 4), trazendo diversas postagens sobre temas relacionados a História. Usa com frequência, imagens e vídeos para ilustrar as suas postagens escritas. A partir da Figura 4 podemos extrair traços comuns a diversas páginas encontradas para esta pesquisa. A imagem logo após o título da postagem “Casamento real” traz uma pintura que aparentemente busca retratar um banquete. Assumi essa interpretação a partir do título e do texto escrito que narra um luxuoso banquete na corte austríaca do século XVIII. Ainda que traga o nome de um pintor, Martin Van Meytens, em seu texto, não fica claro se a imagem utilizada é do referido artista. Desse modo, serve como ilustração, sem a presença de legendas ou ainda um trabalho mais aprofundado acerca da sua representação.

Temos ainda, duas outras imagens, uma é a de Paulo Freire e outra com a arte do Profeta Gentileza. O educador brasileiro parece ser trazido como traço de legitimidade ao discurso do professor ou ainda como uma inspiração, mas a imagem do pensador não vem acompanhada de identificação. Junto à sua fotografia, vem uma frase, sem referências maiores: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, tampouco a sociedade se transforma sem ela.” Acho interessante o professor que criou o *blog* não se identificar e tampouco identificar Freire, é como se a identidade do ser educador falasse mais alto que o seu nome.

Já a consagrada frase do Profeta Gentileza “Gentileza gera gentileza” traz uma inclinação das lições e conselhos de vida. É comum encontrarmos esse tom por parte dos professores que encontro nos *blogs*, há uma certa aura de cuidado em muitos desses espaços virtuais. Novamente, creio que é justamente por se colocarem com a identidade de professor bem marcada, que não encontrei *blogs* em tom confessional, os chamados diários virtuais, em minha pesquisa.

Figura 4 – *Blog Um Professor de História*

17/10/2011

Casamento Real

Em 1760, José II, filho mais velho da imperatriz austríaca Maria Teresa, protagonizou com uma princesa italiana, Isabel de Parma, o enlace matrimonial mais luxuoso de que se tem notícia. Celebrado em Viena e apesar de haver contado com um grande desfile de carruagens e um concerto, teve como principal destaque o banquete realizado após as bodas e que foi retratado por Martin van Meytens, pintor da corte. Na cabeceira da mesa encontram-se a imperatriz e seu marido Francisco; junto a eles estão os noivos e demais membros da família real, únicos que poderiam desfrutar das delícias preparadas. Sobre a mesa, se dispõe uma vasilha de ouro maciço, presente da família da noiva (nessas ocasiões mostravam-se porcelanas muito valiosas e decoradas, utilizadas apenas para exibição e não para consumo). O serviço de mesa não estava a cargo dos criados reais e sim de membros da alta nobreza, que

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda."

EU APOJO
ESSA IDÉIA
GENTILEZA
+ GERA
GENTILEZA
WWW.GENTILEZA.NET

Edublogsfera
Diretório de Blogs e Sites Educacionais
Eu faço parte!!!

Blogagem Coletiva
Professores

Fonte: <http://umprofessordehistoria.blogspot.com.br>. Acesso em 15 jan. 2014.

Um último ponto que pode ser visto nesse *blog* analisado é a menção de que é parte da *Edublogsfera*, ou seja, um nicho voltado somente para educadores blogueiros. Ponto de que Recuero (2003) já pontuava, ou seja, a forma como os blogueiros podem se articular em comunidades virtuais específicas, construindo laços e trocas com maior proximidade.

Outro exemplo é o *Blog do Professor Davi* (Figura 5) que, assim como o anterior e a maioria dos *blogs* voltados às Publicações Eletrônicas, valoriza mais o texto escrito. As imagens, aparecem como ilustrações, na sua maioria sem referência à origem e autor. O professor disponibiliza ainda, aulas multimídia em formato de Power Point e dicas de filmes aos alunos. Não é possível afirmar, a partir da investigação que aqui fazemos se o professor realiza discussões acerca da representação do cinema. Mas é notório que valoriza a expressão audiovisual como forma de se trabalhar as temáticas presentes no ensino da História.

Figura 5 – Blog do Professor Davi

Fonte: <http://www.professordavi.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2014.

Um ponto que me questiono, é se esse aspecto, encontrado em diversos *blogs*, sugere que há uma carência em se pensar as imagens (estáticas ou em movimento) de forma a contextualizá-las em sua historicidade, problematizando-as.

Esse traço é relevante, sobretudo diante da intenção de que o estudo da História na Educação Básica permita ao estudante trabalhar criticamente com os processos humanos ao longo do tempo. O próprio currículo mínimo para a disciplina de História do Estado do Rio de Janeiro traz essa noção, ao afirmar que “Esperamos que esse currículo seja, para além de um instrumento de planejamento do professor, um lugar de reflexão crítica da sociedade, da escola e do poder.”⁴⁷

Nesse sentido, são poucos os professores que se posicionam criticamente acerca de temas como a “Jornadas de Junho”, do ano de 2013, em suas páginas. Chama atenção que docentes de uma disciplina com potencial crítico claro não discutam, em suas páginas, as questões que perpassam o cotidiano atual no Brasil. Quando o fazem, em geral, acabam por assumir um tom que busca a neutralidade jornalística. Parece que há um receio dos docentes de História em assumir posicionamentos políticos mais claros. Mas, novamente, não há como afirmar que

⁴⁷ Disponível em: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/downloads/historia_livro_v2.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2014.

essa discussão não seja realizada em sala de aula, os *blogs*, são parte da prática docente, indícios de um corpo bem mais amplo.

Levando em conta o aspecto do trabalho direto com a disciplina ministrada em sala de aula temos a experiência do *Blog do Professor Walter* (Figura 6). Nele, o professor já traz uma perspectiva da Antiguidade Clássica, enquanto referência de sabedoria, já que é justamente a Acrópole Grega que enfeita o cabeçalho de sua página. Vale lembrar, que o professor se utiliza do *blog*, que ele mesmo apresenta como “*Blog Educacional*” para o trabalho com as disciplinas de História, Filosofia e Sociologia. Trago a experiência do professor, pois sintetiza algumas outras práticas semelhantes em *blogs* voltados ao trabalho direto com a disciplina em sala de aula.

O professor utiliza a página como canal para receber e propor trabalhos que realiza em sala de aula. Não espanta, portanto, o alto número de comentários nas postagens. Já lembrei, anteriormente, que esse é um traço importante de ser observado, pois permite descortinar um pouco mais a relação do docente com os usuários de seu *blog*. Nas Figuras 7 e 8 a seguir, há uma proposição de trabalho em que o professor apresenta o tema e os alunos realizam a pesquisa. Os trabalhos dos alunos são postados (Figura 8) sob a forma de comentários escritos ou com *links* de vídeos postados no *Youtube*. Os vídeos são comumente realizados com a forma de *Slide-Show*, ou seja, se articula texto e imagens acerca de uma dada temática.

Um ponto interessante é de que todos os alunos podem ter acesso ao conteúdo postado pelo demais colegas, formando uma espécie de banco de dados sobre o tema. Além disso, talvez auxilie o aluno ao estudar uma temática específica, já que pode acessar a postagem sobre o conteúdo e as diversas contribuições na caixa de comentários. Outro ponto interessante é o de motivar os alunos a produzirem material audiovisual para a disciplina. Apesar do grande número de comentários nas postagens (são 34), não há maiores interações entre o professor e os alunos. A caixa de comentários serve, dessa forma, como um grande mural de texto e *links* para a construção de uma pesquisa coletiva.

Figura 6 – Blog do Professor Walter

Inicio | pesquisa

BLOG DO PROFESSOR WALTER

Blog Educacional

Feeds: Posts Comentários

Blog Professor Walter
História, Filosofia e Sociologia



Arquivo da categoria 'HISTÓRIA'

Protegido: ATIVIDADE DE HISTORIA PARA O LIVRO "NAUFRAGOS TRAFICANTES E DEGREDADOS" 2a Série.
Publicado em 2 Série Ensino Médio, HISTÓRIA em 16/03/2012 |

★★★★★ 2 Votes

Este conteúdo está protegido por senha. Para vê-lo, digite sua senha abaixo:

Senha:

[Ler o post por completo >](#)

TRABALHO DE HISTÓRIA IV BIMESTRE 2 ANO – IMPERIALISMO
Publicado em 2 Série Ensino Médio, HISTÓRIA em 14/11/2011 | 34 Comentários >

ARQUIVOS

- dezembro 2012 (1)
- outubro 2012 (1)
- agosto 2012 (1)
- maio 2012 (3)
- março 2012 (5)
- fevereiro 2012 (1)
- novembro 2011 (3)
- outubro 2011 (2)
- setembro 2011 (3)
- agosto 2011 (7)
- junho 2011 (1)
- maio 2011 (1)
- abril 2011 (4)
- março 2011 (3)
- fevereiro 2011 (6)
- janeiro 2011 (1)
- dezembro 2010 (2)

Fonte: <http://professorwalter.wordpress.com> . 2014.

Figura 7 – Blog do Professor Walter

TRABALHO DE HISTÓRIA IV BIMESTRE 2 ANO – IMPERIALISMO
14/11/2011 por professorwalter



Imperialismo é a política de expansão e o domínio territorial, cultural e econômico de uma nação sobre outras, ou sobre uma ou várias regiões geográficas.

Ola Pessoal,
Para terminar bem o ano vamos fazer uma pesquisa sobre o imperialismo, as informações foram passadas em sala de aula, bom trabalho a todos.
Prof Walter

Fonte: <http://professorwalter.wordpress.com>. Acesso em: 15 jan.2014.

Figura 8 – Blog do Professor Walter

Hendreo Marques nº11 2ºano A Colégio Ressurreição Catanduva em 15/11/2011 às 15:56 | Resposta

Olá Walter, aqui está o meu trabalho.

Imperialismo

É uma política de expansão e de domínio territorial, cultural e econômico de uma nação sobre outras. Podendo ser nomeado de neocolonialismo, por possuir semelhanças com o regime vigorado entre os séculos XV e XIX, o colonialismo. Ocorrendo no período da Segunda Revolução Industrial, basicamente buscava matéria prima, mercado consumidor e mão de obra barata. No final do século XIX e começo do XX, a economia mundial viveu grandes mudanças.

O aumento da produção gerou uma grande necessidade de mercado consumidor para esses produtos e uma nova corrida por matérias primas.

O etnocentrismo, baseado na ideia de que existiam povos superiores a outros, e o darwinismo social que interpretava a teoria da evolução de uma forma errônea, afirmando a hegemonia de alguns sobre outros pela seleção natural, estavam inseridos na teoria desta política.

Os países imperialistas dominaram, exploraram e agrediram os povos de quase todo o planeta. Esta política provocou muitos conflitos, como a Guerra do Ópio na China, a Revolução dos Cipaios na Índia, entre outras. Assim, ao final do século XIX e início do XX, os países imperialistas se lançaram em uma louca corrida pela conquista global, desencadeando uma rivalidade entre os mesmos. Essa rivalidade se tornou o principal motivo da Primeira Guerra Mundial, dando princípio à nova era imperialista onde os EUA se tornaram o centro do imperialismo mundial.

Bruna Domingues, nº34, 2ªA em 15/11/2011 às 14:45 | Resposta

Olá Walter aqui está meu trabalho...

[youtube http://www.youtube.com/watch?v=cmyIwT_wLR4&w=560&h=315%5D]

Pontuadas as estruturas mais gerais do universo empírico estudado, adentro a seguir análises mais específicas. Diversas são, portanto, as possibilidades de

investigação a partir do mapeamento realizado. A seguir, construo uma análise que destaca o discurso pedagógico e o tratamento dado às imagens nos *blogs* de professores de História.

3.2.3 O discurso pedagógico em blogs de professores de História

No Capítulo 1 (p. 26), apresento a contribuição, a esta pesquisa, da Análise do Discurso, a partir dos trabalhos de Norman Fairclough (2001) e Eni Orlandi (1987). A AD surge aqui como mais um complemento de análise possível ao campo empírico construído. Importante ressaltar que, ao pensar o discurso a partir dos *blogs*, entendo texto como a palavra escrita, imagem e som. Combinados ou isolados, esses elementos criam um universo dinâmico, que adentrarei com mais cuidado a seguir.

Já pontuei anteriormente que o mapeamento realizado para esta investigação é muito extenso, não sendo possível, portanto, esgotar nesta proposta de pesquisa as possibilidades de análise. Proponho-me, inicialmente, a compartilhar um mapa de *blogs* que possam ser revisitados para possíveis análises futuras, bem como construir algumas perspectivas de análises, dentre essas a construída a partir da AD.

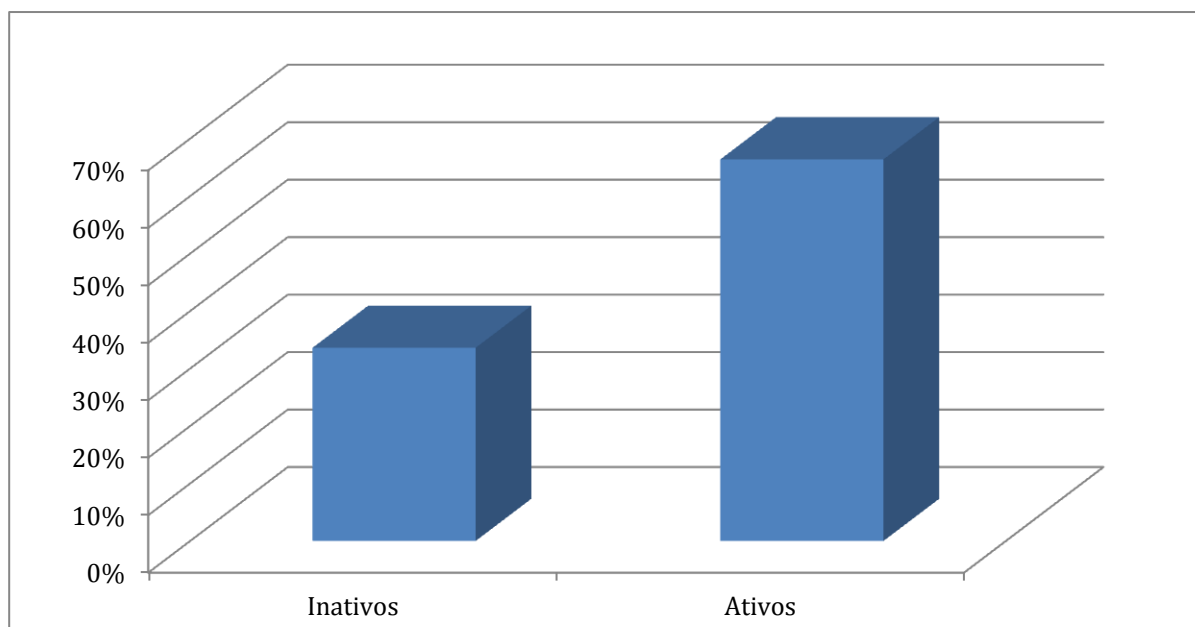
Para realizar a presente análise parti da seguinte afirmação: *O discurso pedagógico se apresenta como um discurso autoritário*. Essa questão é levantada com base no trabalho de Eni Orlandi *O discurso pedagógico (DP) e a circularidade* (1987) em que tece a afirmação-base para a questão. Define o discurso autoritário a partir dos processos parafrasático e polissêmico, afirmando que “No discurso autoritário, o referente está ‘ausente’, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida.” (ORLANDI, 1987, p. 15). Ou seja, o DP, enquanto discurso autoritário, aparece como atrelado ao poder e há uma apresentação marcada por ordens e questões diretas, ainda que esse processo não se apresente necessariamente de forma clara.

Baseando-me nessas perspectivas, lanço-me a algumas experiências dos *blogs* a seguir, buscando perceber como se articula o discurso pedagógico nessas páginas. A escolha dos *blogs* analisados se deu, levando em conta as interações

existentes nas páginas e postagens em que o professor se posiciona mais claramente. Analiso, portanto, um total de 7 *blogs*, nos quais é relevante pontuar que cerca de 33% (41 *blogs*) do mapeamento realizado se apresenta inativo⁴⁸ (Gráfico 3). Considerei inativos os *blogs* que não apresentam atualizações há pelo menos um ano, a partir da data pesquisada. Além disso, a maioria não apresenta material relevante do ponto do vista da caixa de comentários, perfazendo poucos comentários isolados. Selecionei, portanto, os seguintes *blogs*:

- <http://www.histosofia.com.br>
- <http://historiaja.wordpress.com>
- <http://blogdoprofdouglas.blogspot.com.br>
- <http://mixdaelaine.blogspot.com.br>
- <http://profisabelaguiar.blogspot.com.br>
- <http://historiavivi.blogspot.com.br>
- <http://www.historiacast.com.br>

Gráfico 3 – Atualizações dos *blogs* – Inativos e Ativos



Fonte: A autora, 2014.

⁴⁸ Vale lembrar que apenas um *blog* foi desativado desde o início da pesquisa. O *blog* estar inativo não quer dizer que o autor não irá mais atualizá-lo futuramente.

Vejamos o *Blog* do Professor Alexandre – *Histosofia* (Figura 9), *blog* PE voltado ao trabalho direto com a disciplina ministrada em sala de aula. Ao observamos a página de abertura do *blog*, vemos uma sugestão “Desligue o computador e leia um bom LIVRO”, o que já me sugere que há uma afeição do docente pela palavra escrita, bem como a sugestão do uso moderado do computador. Nesse sentido, não é de se espantar que sejam poucas as imagens presentes no *blog*, todas aparecendo como forma ilustrativa para as postagens em texto escrito. Traço esse, já identificado como comum aos *blogs* de professores de História e que irá se repetir nas análises a seguir.

Acerca do DP, analisemos, na Figura 10, o trecho que compõe a caixa de comentários nos posts do blogs. O professor pede a opinião do visitante acerca de seu *post*, apesar de afirmar que ali é o lugar de “[...] dizer o que o pensa sobre o que acabou de ler[...]”, faz uma ressalva “Porém: Capriche no português, Identifique-se! Quero poder agradecer a participação. Evite palavrões ou palavras que tenham duplo sentido.”

Figura 9 – *Blog* do Professor Alexandre – *Histosofia*

Fonte: <http://www.histosofia.com.br>. Acesso em: 20 jan. 2014.

Figura 10 – *Blog do Professor Alexandre – Histosofia*



Postar um comentário

Seja bem vindo !! Aqui é o lugar onde você pode dizer o que pensa sobre o que acabou de ler em nosso artigo !!

Porém:

- Capriche no português.
- Identifique-se ! Quero poder agradecer a participação.
- Evite palavrões ou palavras que tenham duplo sentido.

Fonte: <http://www.histosofia.com.br>. Acesso em: 20 jan.2014.

Percebo assim, que não parece haver liberdade irrestrita de opinião, uma vez que o professor afirma quais os critérios para a expressão naquele espaço. O lugar hierárquico e de poder é bem marcado, sobretudo pelo uso dos verbos imperativos “Capriche”, “Identifique-se” e “Evite”. Ao solicitar que o visitante capriche no português, o professor parte da premissa de que é capaz de avaliar o que é um bom ou mau português.

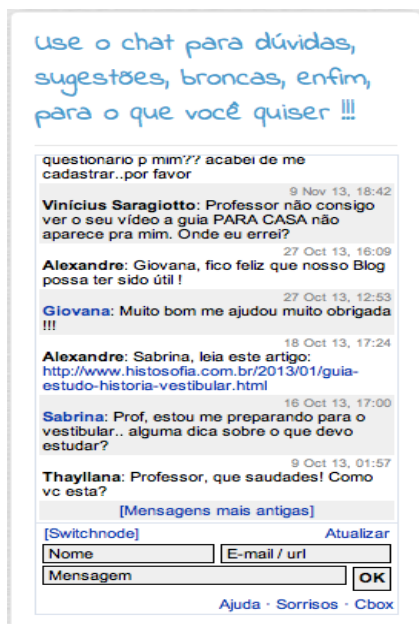
Outro aspecto interessante é que o professor parece flexibilizar um pouco mais a forma como se expressa a partir de um *chat* (Figura 11) presente em seu *blog*. Os alunos parecem sentir-se mais a vontade de se expressar pelo *chat* do que pela caixa de comentários. Afirmo isso, pois em diversas postagens do *blog* há comentários de outros usuários que muitas vezes suscitam debates acerca da temática postada. No entanto, esses visitantes não parecem ser alunos do professor e sim outros professores e interessados na temática abordada no *blog*. Dessa forma, há fortes traços de uma linguagem acadêmica, com mais formalidade.

Temos assim, como exemplo uma resposta do professor para um comentário em seu post:

Cara Helenice,
Primeiramente gostaria de agradecer a sua participação aqui em nosso Blog, onde, sem dúvida alguma, todos têm o direito inalienável de se expressar, principalmente quando essa expressão diverge daquilo que apresento como minha opinião. Disponível em:

<http://www.histosofia.com.br/2013/01/educar-para-que-possibilidades.html>.
Acesso em: 12 jan. 2014 .

Figura 11 – *Blog do Professor Alexandre – Histosofia*



Fonte: <http://www.histosofia.com.br>. Acesso em: 20 jan. 2014.

O *blog História Já*, formato PE, traz um interessante trabalho articulado ao processo profissional do professor em sala de aula. O professor Eduardo Feriani utiliza o espaço como forma de receber atividades propostas aos alunos e fomentar certa competição entre os mesmos. Além de espaço de comunicação, o professor utiliza a página para compartilhar suas aulas e, com um trabalho cuidadoso, divulga conteúdo em formato de *slides* com a presença de resumos e imagens. Constrói ainda, uma espécie de *ranking* dos melhores alunos, avaliados pelo que chama de “Alunos recordistas do sistema de pontuação do professor Eduardo”. Os alunos ganham uma espécie de homenagem do professor com a publicação de sua foto (Figura 12), lembrando muito o visto em empresas com o chamado “Funcionário do mês”. Além disso, expõe as notas⁴⁹ das turmas em sua página, bem como ressalta aqueles que deverão fazer atividades em busca de pontos extras.

Os alunos parecem se envolver na lógica proposta para o professor, como é possível perceber no seguinte diálogo travado (Figura 13). Na conversa, a aluna demonstra estar “[...] cumprindo minha promessa de superar áquela aluna suaa (sic)” e o professor demonstra apoio ao responder “Vou torcer por você!”. É possível

⁴⁹ Identifica-os somente a partir dos números do diário de classe.

ainda, observar a partir da caixa de comentários do *blog* que o professor estabelece uma conversa pontual. Os alunos e outros visitantes elogiam a página e fazem algumas questões, o professor responde assertivamente. Não costuma responder a todos os comentários postados e raramente assume um tom menos formal. No entanto, parece investir longas horas do seu tempo livre em desenvolver o *blog*, atualiza-lo e divulga-lo para seus alunos. Parece querer criar um espaço de motivação e envolvimento pela História, em seus alunos. Dentro, do seu sistema pedagógico, Eduardo Feriani parece desenvolver um relevante trabalho para sua comunidade escolar.

Figura 12 – *Blog História Já*

HISTÓRIA JÁ
SITE ADMINISTRADO PELO PROF. EDUARDO FERIANI, DESTINADO COMO SUPORTE PEDAGÓGICO COMPLEMENTAR DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA PAULINA ROSA, DE HORTOLÂNDIA – SP E MUNICIPAIS PROFESSORA TEREZINHA CALIL E LEOPOLDO PAVIOTTI, DE MONTE MOR – SP

Alunos Recordistas do Sistema de Pontuação do Professor Eduardo

NO SISTEMA DE PONTUAÇÃO TEMOS DUAS CATEGORIAS DE RECORDES, A MAIOR QUANTIDADE DE PONTOS OBTIDOS EM UM ÚNICO BIMESTRE E A MAIOR SEQUÊNCIA DE NOTAS BIMESTRAIS 10,0.

O RECORDE CONQUISTADO EM AGOSTO DE 2010 FOI ULTRAPASSADO PELA ALUNA GABRIELA APARECIDA DE PASSOS AO TÉRMINO DO 3º BIMESTRE DE 2012, E ESTA IMPRESSIONANTE MARCA FOI AUMENTADA EM DEZEMBRO DE 2012. A GABI

DESTAQUE DO ANO – 2013



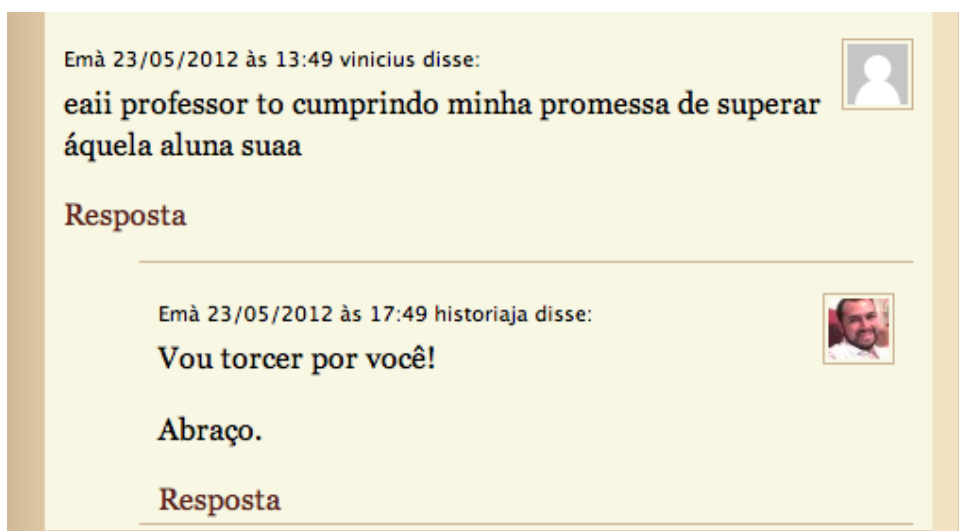
Caio – 7 B

JANEIRO 2014

D	S	T	Q	S	S
			1	2	3 4
5	6	7	8	9	10 11
12	13	14	15	16	17 18
19	20	21	22	23	24 25
26	27	28	29	30	31
« DEZ					

Fonte: <http://historiaja.wordpress.com>. Acesso em: 21 jan. 2014.

Figura 13 – Blog História Já



Fonte: <http://historiaja.wordpress.com>. Acesso em: 21 jan. 2014.

Já o *blog do Professor Douglas*, de início, chama atenção pelo seu *layout* (Figura 14). O fundo todo preto, sem muito contraste com outras cores e o tamanho pequeno das fontes dos textos, por vezes, deixam a vista cansada. É possível perceber que o professor realiza um trabalho direto com a disciplina ministrada em sala, já que deixa isso explícito abaixo do título do *blog* e reserva áreas específicas para cada turma. É justamente nessas áreas específicas que os alunos podem, segundo o professor “[...] postar dúvidas gerais e sugestões de aula e atividades.”.

Nesses espaços é que encontro comentários e breves diálogos entre o docente e seus alunos. Muitos dos comentários são relativos ao conteúdo trabalhado nos respectivos anos do segundo segmento do Ensino Fundamental. Parece-me que o professor pede que os alunos postem comentários acerca de uma dada temática no *blog*. Não há conversa sobre as postagens e tampouco o professor responde ou complementa alguma das falas ali presente. Funciona como uma espécie de mural online de entrega de trabalhos, construindo uma pesquisa coletiva.

Além desse viés, os alunos postam suas impressões acerca do *blog* e das aulas do professor, sem que necessariamente o professor os responda, como é o caso de um de seus alunos do 7º ano (que não se identifica) (Figura 15). O mesmo acontece com o aluno Victor Angelo, que solicita a ajuda do professor (Figura 16).

Figura 14 – Blog do Prof. Douglas – História

Blog do Prof. Douglas - História

Blog das aulas de História do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Bernardo Franco Baís, Matutino, em Campo Grande/MS

Início 6º Ano 7º Ano 8º Ano 9º Ano

sexta-feira, 26 de julho de 2013

Aulas de 24 e 31/07 e 07/08 - 7º ano: A expansão marítima e comercial europeia



Durante os séculos XV e XVI, os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, lançaram-se nos oceanos Pacífico, Índico e Atlântico com dois objetivos principais : descobrir uma nova rota marítima para as Índias e encontrar novas terras. Este período ficou conhecido como a Era das Grandes Navegações e Descobrimientos Marítimos.

Os objetivos

No século XV, os países europeus que quisessem comprar especiarias (pimenta, açafrão, gengibre, canela e outros temperos), tinham que recorrer aos comerciantes de Veneza ou Gênova, que possuíam o

Pesquisar este blog

Pesquisar

Minha lista de blogs

B Blog da Escola Bernardo Franco Baís
Confraternização do Baís
Há um mês

Total de visualizações de página

35,952

Seguidores

Participar deste site
Google Friend Connect

Fonte: <http://blogdoprofdouglas.blogspot.com.br>. Acesso em: 21 jan. 2014.

Figura 15 – Blog do Prof. Douglas – História

Fco Lanza a Razão disse...

Oi, prof, suas aulas são muito legais, apesar de não ser muito inteligente aprendo muito com elas.!!

9 de novembro de 2011 10:05

Fonte: <http://blogdoprofdouglas.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 jan. 2014.

Figura 16 – Blog do Prof. Douglas – História

victor angelo disse...

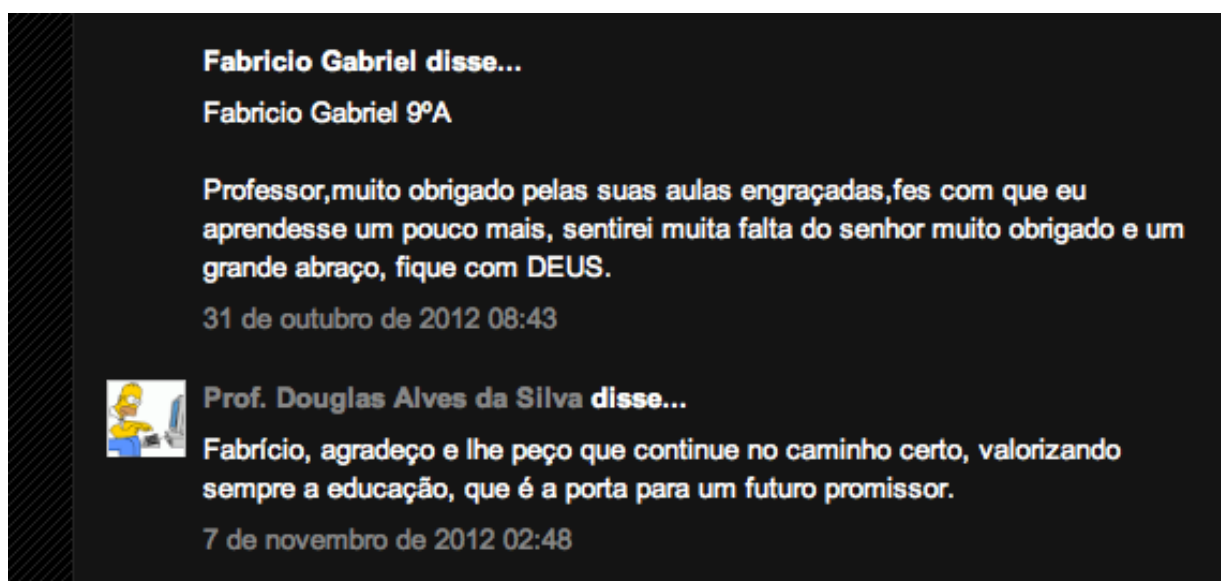
eai prof sou eu o victor angelo.sobre o conteudo do 8 ano por favor indique as principais pag para eu ler pq da 62 ate a 107 sao muitas intao ajude nos por favor aguado sua resposta ainda hj

18 de junho de 2012 11:55

Fonte: <http://blogdoprofdouglas.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 jan. 2014.

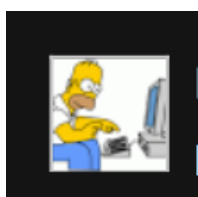
Já em outros momentos o professor responde aos comentários como é visto na Figura 17. No diálogo, o aluno Fabrício agradece ao professor por suas aulas e o professor responde com o pedido que “[...] continue no caminho certo.” Na contramão, um detalhe que pode passar despercebido chama a atenção. Falo do avatar do professor (Figura 18) em que vemos o personagem Homer Simpson utilizando um computador. Se por um lado, assume uma postura mais firme, rogando aos seus alunos certos comportamentos morais e éticos, por outro, parece flexibilizar sua postura trazendo um personagem de humor como Homer Simpson. O personagem, de animação americana, não é visto como grande referência, do ponto de vista educativo. Caberia então, perguntar ao professor, por que a escolha do personagem. Certa das várias possibilidades de resposta, arrisco interpretar que até mesmo Homer, em seus defeitos, possa também se interessar pela História.

Figura 17 – *Blog do Prof. Douglas – História*



Fonte: <http://blogdoprofdouglas.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 jan. 2014.

Figura 18 – *Blog do Prof. Douglas – História*



Fonte: <http://blogdoprofdouglas.blogspot.com.br>. Acesso em: 26 jan. 2014.

No *Blog da professora Elaine: histórias e muitas histórias* (Figura 19), encontramos, à primeira vista, um *layout* simples de ser navegado e uma imagem de fundo que remete ao universo adolescente. O *blog* da professora Elaine Serrano, do tipo misto, é atualizado com frequência e seus *posts* são variados. Passam por recados aos seus alunos, divulgação de gabaritos de provas, conteúdo, dicas de vídeos, mensagens e reflexões pessoais da professora. Na caixa de comentários, a professora faz um alerta:

Os comentários passam por moderação antes de serem publicados, apenas para evitar que os leitores se deparem com palavrões ou ofensas a pessoas e/ou instituições. Críticas e sugestões são muito bem-vindas, afinal acabam promovendo um debate, o que é legal. Fique à vontade para deixar um comentário! Volte sempre! Disponível em: <<http://mixdaelaine.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Sendo assim, cabe à professora avaliar que tipo de comentário deve ser postado em sua página, deixando claro o exercício de mediação ali proposto. Em seu discurso, pontua primeiramente que fará uma espécie de triagem no que for postado ali, para somente em seguida afirmar que as críticas são bem-vindas e o que o visitante pode ficar à vontade. Existem diversos comentários em postagens de seu *blog*, no entanto, os comentários observados não chegam necessariamente a suscitar grandes debates, uma vez que não é sempre que a professora responde aos interlocutores. Novamente, vemos o docente explicitar certa norma de conduta a ser adotada no espaço virtual, mostrando que o seus valores é que regem aquele ambiente.

Figura 19 – *Blog da professora Elaine: histórias e muitas histórias*



Fonte: <http://mixdaelaine.blogspot.com.br>. Acesso em: 28 jan. 2014.

O *blog Professora Isabel Aguiar*, do tipo PE, é um dos mais populares entre os 122 *blogs* mapeados. Essa afirmação é possível, diante da quantidade de seguidores e visitas à página, respectivamente 240 seguidores e 338.062 acessos. Apesar de não trazer esses valores nas tabelas de mapeamento, já que nem todos os *blogs* divulgam seus dados de acesso, comparando com os que o fazem são valores relevantes. É possível perceber ainda, que a página e o trabalho da professora são reconhecidos em alguns veículos midiáticos, já que disponibiliza *links* para entrevistas e matérias realizadas por ela, sobre o tema da educação e as novas TIC.

O cabeçalho do seu *blog* (Figura 20) traz uma provocação interessante ao afirmar que “Sair da zona de conforto e experienciar novas possibilidades na educação é o que faz a diferença e muda a perspectiva do que é aprender e ensinar” (<http://profisabelaguiar.blogspot.com.br>. Acesso em: 11 fev.2014). A imagem de fundo para essa frase-afirmação é de uma criança utilizando o celular aparentemente em sala de aula. A professora defende o uso de tal tecnologia no espaço educacional, tendo inclusive um *post* em que relata a sua experiência com turmas do Ensino Fundamental.⁵⁰

Figura 20 – *Blog Professora Isabel Aguiar*

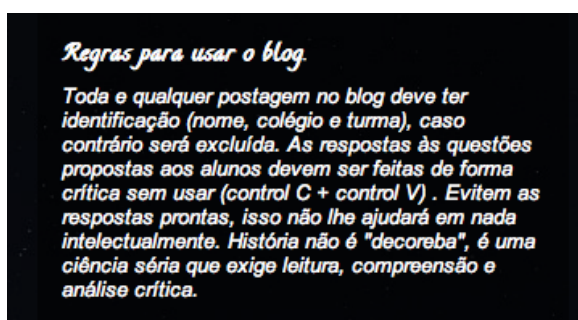


Fonte: <http://profisabelaguiar.blogspot.com.br>. Acesso em: 28 jan. 2014.

⁵⁰ Relato de experiência. Disponível em: <<http://www.profisabelaguiar.blogspot.com.br/2013/08/1-experiencia-usando-celular-em-sala-de.html>>. Acesso em 14 fev. 2014.

O *post* sobre o uso do celular em sala de aula traz elementos interessantes, já que a professora não deixa de publicar as dificuldades encontradas no processo de trabalho. Abre, desse modo, uma perspectiva de debater a experiência, permitindo que a mesma seja observada e criticada pelos visitantes de seu *blog*. No entanto, como verificado em muitos dos *blogs* já analisados, os comentários não podem ser feitos de acordo com os visitantes. Para tanto, a docente deixa claras as normas para a utilização daquele espaço (Figura 21). Assim, traz uma perspectiva interessante da disciplina de História como algo para além da “decoreba” e da necessidade de compreensão e análise crítica. Mas a professora Isabel não deixa claro o que considera uma resposta de “[...] forma crítica sem usar (control C + control V).” e é taxativa ao afirmar que “[...] isso não lhe ajudará em nada intelectualmente.” Ao receber comentários em suas postagens costuma agradecer e é raro deixar os visitantes sem um retorno qualquer, ainda que não se apresentem debates entre os visitantes e a professora.

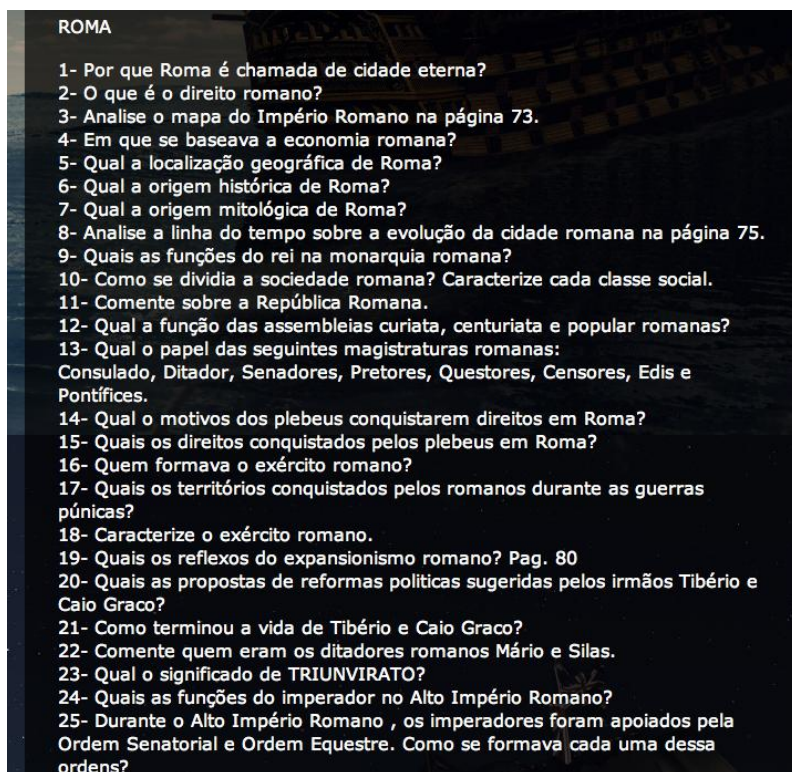
Figura 21 – *Blog Professora Isabel Aguiar*



Fonte: <http://profisabelaguiar.blogspot.com.br>. Acesso em: 28 jan. 2014.

Se a docente afirma a importância de se pensar diferente a educação, com clara defesa à utilização de tecnologias em sala de aula, por outro lado abusa da lógica já consolidada no ensino de História (e atrelada à “decoreba” criticada pela professora) dos longos questionários acerca da disciplina (Figura 22). É, portanto, um *blog* que confere centralidade ao discurso escrito, as imagens surgem como ilustrações, assim como os vídeos. Ao trabalhar com o *blog*, diretamente em suas disciplinas, a professora pede que os alunos respondam a questões propostas, a partir da caixa de comentários, funcionando como uma espécie de escaninho virtual, em que são depositadas as respostas. Após a postagem dos comentários dos alunos, a professora responde “OK, JOVEM!!” a todos indiscriminadamente.

Figura 22 – *Blog Professora Isabel Aguiar*



Fonte: <http://profisabelaguiar.blogspot.com.br>. Acesso em: 05 fev. 2014.

A experiência da professora Isabel Aguiar, me leva a refletir, em que medida se pode afirmar a superação de um método de ensino. Com suas práticas, por vezes antagônicas, a docente permite que nós professores, pensemos que é possível coabitar práticas consolidadas com outras inovadoras.

Seguindo uma perspectiva que parece comum aos *blogs* de professores de História, temos no *blog Professora Viviane* (Figura 20) o seguinte aviso, já na página de abertura:

Blog é coisa séria galera. Quer deixar seus comentários, sugestões, faça de modo educado e sem usar palavras ofensivas, pois meu blog é visitado por muitas pessoas bacanas. Valeu!! Disponível em: <http://historiavivi.blogspot.com.br>. Acesso em 14 fev. 2014.

Em sua página, há uma maioria de postagens com conteúdos diversos, com o predomínio do discurso escrito apoiado pela ilustração de imagens. A professora costuma disponibilizar uma série de paródias acerca das temáticas trabalhadas e parece cantá-las em sala de aula. Assim, a música “Aquarela” recebe uma paródia que trata do povo fenício, vejamos um trecho:

Numa folha qualquer, eu desenho um barco à vela. Que no mar se arriscavam e se dedicavam ao comércio. Viveram no litoral, onde hoje é a Síria e o Líbano. Inventaram a púrpura e também o alfabeto. Disponível em: <<http://historiavivi.blogspot.com.br/2010/10/parodia-os-fenicios.html>>. Acesso em: 14 fev. 2014)

Figura 23 – *Blog Professora Viviane*



Fonte: <http://historiavivi.blogspot.com.br>. Acesso em: 28 jan. 2014.

A presença de comentários de alunos sugere que eles gostam da proposta de paródias por parte da professora. Não me é possível afirmar que, por trabalhar com as paródias, a professora siga uma prática pedagógica que busque a memorização, ainda que me leve, inicialmente, a pensar nesse sentido. Outro ponto relevante, é o fato de a professora não responder aos comentários feitos em suas postagens, esvaziando, portanto, a possibilidade de um diálogo maior entre os visitantes de sua página.

O *blog História Cast* (Figura 24) do tipo PE apresenta postagens somente no ano de 2010, no entanto, traz uma experiência diferente dentro do corpo de *blogs* mapeados. A professora Marcella Rossetti trabalha com a proposta de construir vídeos e *podcasts*⁵¹ sobre as diversas temáticas da História. Constrói um cuidadoso

⁵¹ *Podcasts* são comumente arquivos de áudio disponibilizados com certa regularidade a partir da

trabalho em que recria situações históricas com requintes ficcionais que, por vezes, sugerem proximidade com o universo do teatro e cinema. Mas a professora avisa “Não sou dramaturga e nem tenho muito talento para isso [...]” e explica a motivação para o seu trabalho na *Internet*:

Eu adoro meu trabalho! E acho que esse é o principal motivo pelo qual criei este blog.

Ensinar para mim é um grande prazer e para isso dedico parte do meu tempo. E como também tenho certa afinidade com o mundo virtual, resolvi aliar duas paixões aqui neste blog com uma pitadinha de criatividade... Disponível em: <<http://www.historiacast.com.br/p/sobre.html>>. Acesso em 16 fev. 2014.

O trabalho desenvolvido pela professora chama atenção, as faixas de áudio são editadas com a mistura de narração e sonoplastia. É uma das poucas que traz a preocupação com direitos autorais a partir do uso de licença em *Creative Commons*⁵². Os casos em que vemos essas características são aqueles em que os *blogs* são mais profissionalizados, ou seja, aqueles que aparentemente parecem receber algum auxílio especializado como é o caso do *História Digital*⁵³. A docente deixa claro que tipo de público espera receber com a sua página: alunos e professores. Assim, separa um espaço destinado diretamente ao professor, lembrando-lhes que ao replicarem o material, façam as diversas referências à autora.

Apesar, de hoje estar inativo, apresenta intensa movimentação nas caixas de comentários das postagens. Os comentários são realizados por alunos da professora e professores diversos que chegam ao espaço. Boa parte do que é comentado, gira em torno de parabenizar a professora pelo seu trabalho, ou ainda usar o espaço para a divulgação do seu próprio *blog* (no caso de professores).

Esse último traço se repete em outros *blogs* e se relacionam com o apresentado no início desse capítulo, acerca da possibilidade de se formarem redes de *blogs* que se interpenetram, as chamadas *webrings* de que Raquel Recuero

tecnologia de RSS. Em alguns casos, constituem séries com diversos episódios. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Podcast>>. Acesso em: 16 fev. 2014.

⁵² Organização sem fins lucrativos que busca trabalhar com licenças de direitos autorais que promovam mais trocas e facilidade em compartilhamentos. Disponível em: <<http://creativecommons.org.br>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

⁵³ Disponível em: <<http://www.historiadigital.org>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

(2003) já falava. No entanto, neste trabalho, ainda não me foi possível perceber se os professores de História se conectam, criando redes de contatos entre si a partir de suas páginas.

Figura 24 – *Blog História Cast*

Conheça as aventuras humanas ao longo do tempo!

segunda-feira, 13 de setembro de 2010

HistóriaCast na revista Profissão Mestre!

Tenho o prazer de escrever neste post uma notícia muito importante!

Neste mês de setembro o blog **HistóriaCast** acabou de tornar-se notícia em uma das melhores revistas especializadas em educação do Brasil, a revista **Profissão Mestre** (Capa da edição ao lado).

A matéria foi escrita pelo jornalista **Fabio Venturini** e recebeu o título "**Tecnologia a serviço da formação**" (p. 9). Além da reportagem falar sobre como nossos podcasts e videocasts podem auxiliar no ensino de História, ela faz uma referência especial ao projeto inspirado nos posts "Relatos de Guerra", que desenvolvi com meus alunos do Colégio Presidente Kennedy, em Santos. O resultado do projeto pode ser visto no blog **Jovens Aventureiros**, que pertence aos alunos dos 9ºs anos.

Não preciso explicar o quanto estou feliz e entusiasmada, pois acredito que

TICs para Educadores

e-Asas
Dê asas à Educação

Pesquise aqui

Podcasts, videocasts e artigos sobre História.

Veja também!

- Estados Unidos
- Grécia Antiga
- História do Brasil
- História e o Tempo
- Mitos e lendas
- Primeira Guerra Mundial
- Renascimento
- Videocast

Fonte: <http://www.historiacast.com.br>. Acesso em: 28 jan. 2014.

Ainda no tocante aos comentários, a professora busca responder boa parte deles e em alguns momentos assume um discurso menos formal ao respondê-los, como visto na Figura 25. Esse é um bom exemplo do tipo de diálogo travado entre a docente e os alunos. Vemos o elogio tecido pela aluna que parece ter cuidado com a norma culta da língua portuguesa, ainda que grafie a palavra "ilário". Do mesmo modo, a professora responde, reafirmando a grafia usada pela aluna. Numa primeira leitura, pensei que a professora poderia estar sendo irônica já que segue a palavra com a abreviação para "risos" utilizada em linguagem comum em *chats* da *Internet*. Essa flexibilidade no discurso da professora pode ser percebida pelos usos de muitas exclamações, três pontos usado como pausa e ainda o uso da palavra "galera".

Figura 25 – *Blog História Cast*

Carol Franchini disse...

Marcella, ótimo podcast.
 Está cada vez melhor, parabéns viu!
 Os efeitos sonoros e a sua narração são ilários!!!
 Estou com saudades das suas cantorias, venha cantar pra gente um dia desses!
 Beijinhos =)

22 de março de 2010 22:21



Marcella Rossetti disse...

Ilários!!! rsrs
 Tudo bem que este não era o elogio esperado... Mas eu confesso que minha voz deve ser engraçada mesmo rsrs

Obrigada Carol!
 Também tenho muita saudade sua e da galera, qualquer dia vou lá na sua classe!

Beijos :D

22 de março de 2010 22:25

Fonte: <http://www.historiacast.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2014.

Esse traço do professor assumir certa informalidade ao responder comentários é bem comum em diversos *blogs*. No entanto, apesar dessa amálgama de mais liberdade, é possível ver o quão marcada é a noção de autoria e domínio das trocas ali realizadas. O uso de verbos no tempo imperativo sugere essa perspectiva, em que o docente ordena e direciona o uso do seu espaço virtual, como vemos a seguir (Figura 26).

Figura 26 – *Blog História Cast*

Por onde começar

Para começar esta viagem pela História sugiro que assista primeiro o videocast: **Conheça a sua História**, em seguida dê uma olhada nos marcadores e escolha seu tema preferido para continuar.

Aproveite...

Fonte: <http://www.historiacast.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2014.

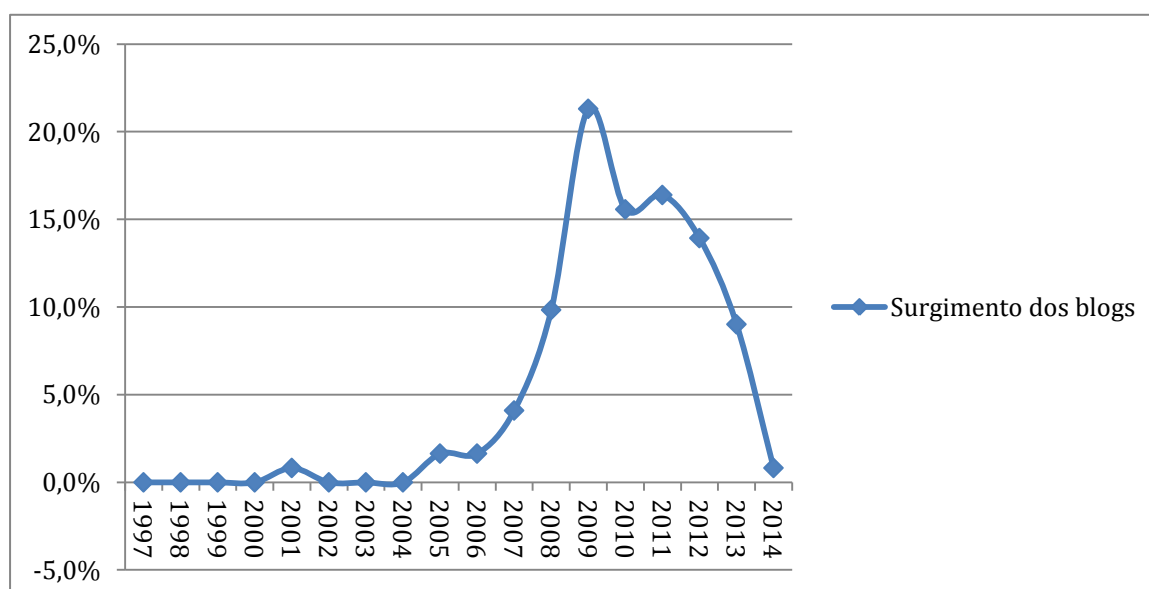
Caminhei por alguns *blogs* em busca de pistas que me permitisse perceber como se estruturam os *blogs* de professores de História. Em tempos em que o professor é assolado por cobranças diversas acerca do uso das TIC em seu

processo pedagógico, investigar o universo dos blogueiros me pareceu de enorme potencial. E esse universo é imenso, o trabalho aqui apresentado busca responder ao questionamento inicial sem, no entanto, pretender encerrá-lo. É com esse entendimento que busquei a perspectiva de uma constelação a partir de Walter Benjamin e sua instigante obra.

Nesse descaminho que o método do autor alemão inspira, os *blogs* são como a cidade, a cada curva que se bifurca surgem imprevistos e estímulos diversos. É entendendo a pesquisa, enquanto campo aberto e mutável, que alcei trazer os *blogs* como as referidas estrelas que me permitiram tecer impressões sobre a temática escolhida e que também possam ser parte de pesquisas futuras. A seguir, teço algumas impressões acerca do mergulho nessa constelação de 122 *blogs* diversos, mas que perfazem certa totalidade não rígida.

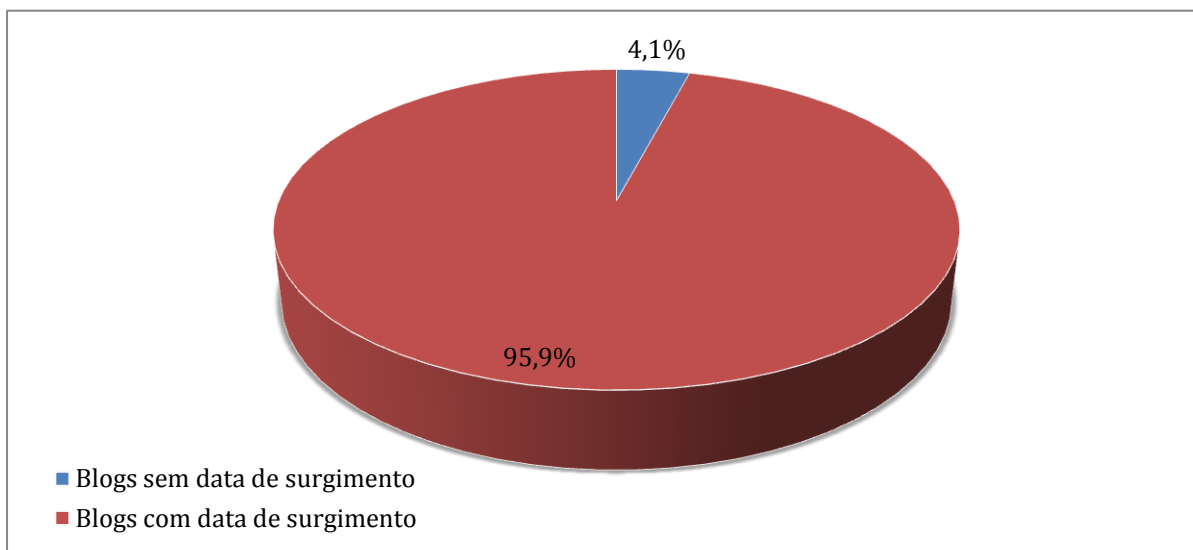
Um primeiro apontamento é o relativo ao período de surgimento do *blogs* pesquisados (Gráfico 4). Pude perceber que a partir do ano de 2008 há um aumento significativo na criação dos *blogs* pesquisados, atingindo maior número em 2009. Apenas 5 *blogs* não permitem que seja identificada com precisão a data de seu surgimento, ilustrado no Gráfico 5.

Gráfico 4 – Surgimento dos *blogs* pesquisados



Fonte: A autora, 2014.

Gráfico 5 – Porcentagem de blogs com e sem datas de surgimento



Fonte: A autora, 2014.

Relacionei, inicialmente, esse incremento a popularização de três das mais conhecidas redes sociais no Brasil: *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*. Ao buscar o histórico de tais redes, percebi que é justamente nesse período que as mesmas se estruturam no país de forma massiva⁵⁴. Apesar dos *blogs* não serem considerados redes sociais, com eles a lógica de autopublicização e troca de conteúdo aumenta significativamente.

Através dessas redes, os diversos docentes podem ter contato com o universo dos *blogs*, o que pode levá-los a não apenas conhecer as plataformas como se interessar por criar uma página pessoal. Além disso, me foi possível perceber que uma série desses atribui diretamente as suas contas pessoais em tais redes ao seu próprio *blog*. Assim, o professor acaba por criar em muitos casos, contas no *Twitter*, *Orkut* e *Facebook* para conectar suas páginas a elas. O decréscimo a partir do ano de 2012 não representa a mera diminuição do surgimento dos *blogs*. Ocorre que, ao realizar a pesquisa junto a plataforma *Google*, pode ocorrer certa prioridade nos mecanismos de pesquisa acerca do tempo de existência das páginas. *Blogs* mais antigos ou com mais visualizações tendem a ser mais facilmente encontrados em buscas desse tipo. É possível afirmar, portanto, a

⁵⁴ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em: 06 mar. 2014.
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>. Acesso em: 06 mar. 2014.
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter/>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

importância das redes para popularização e aumento dos *blogs* de professores de História.

Verifiquei que a ausência de *blogs* no formato de diário pessoal e o conseqüente predomínio de *blogs* do tipo misto e PE, relaciona-se a uma postura bem marcada na rede da identidade do professor. Isso se mostra na forma como muitos docentes titulam suas páginas comumente como “*blog* do professor(a)”, ou ainda quando o professor não sente a necessidade de se identificar de forma clara, utilizando simplesmente o seu título de docente.

Creio que essa perspectiva está diretamente relacionada ao fato de o DP dos professores se apresentar como um discurso autoritário. Ao fortalecer o título de professor, o docente blogueiro carrega uma instância de poder e validade fortíssima. Talvez, se assumissem um tom mais pessoal, tão comum aos diários pessoais, essa força do controle discursivo se fragilizaria. A partir dos diversos exemplos analisados anteriormente é possível perceber como os professores se utilizam da instância de poder e capital simbólico para demarcar o seu DP identitário. Nesse sentido, esvai-se, em parte, o potencial de liberdade e trocas mais horizontais tão propagadas nos ideais da *web 2.0*. E mais, afirma que a simples incorporação de TIC no âmbito da educação, não garante inovação ou transformação nas relações pedagógicas.

Não trabalho com a perspectiva de que a inovação garanta necessariamente uma transformação significativa aos envolvidos nos processos educacionais. Esse discurso, fortemente propagado por diversos círculos sociais acaba por fortalecer o Mito do Progresso, que traria necessariamente a evolução social. Não traz e ainda abre brecha para as modernizações conservadoras, ou seja, as práticas pedagógicas se utilizam das TIC para transformar minimamente o que era feito sem elas. Cria-se uma amálgama a antigos corpos que pouco se sensibilizam criticamente aos novos tempos, mas exibem orgulhosos, as ferramentas tecnológicas mais modernas.

Um ponto que me chamou a atenção de forma contundente foi no tocante ao trabalho com as imagens estáticas e em movimento. Como discutido no Capítulo 2, as imagens têm em si diversas possibilidades didático-pedagógicas, sem falar no fundamental trabalho enquanto fontes históricas. A despeito dessa discussão específica já ser realizada no âmbito de formação acadêmica, constituindo inclusive grandes centros de pesquisa em universidades brasileiras, não se verifica um trabalho por parte dos docentes pesquisados que acompanhe esses debates. É

comum, portanto, encontrar na quase totalidade dos *blogs* mapeados um uso que contempla a mera ilustração. Essa característica é preocupante, sobretudo, se levamos em conta o intenso regime de visualidade em que vivemos atualmente. Além disso, choca-se com um dos intuitos fundamentais do ensino de História que é participar da formação de sujeitos que sejam capazes de construir críticas de mundo. Podemos ainda, falar acerca do ofício do historiador, que é fundamental a capacidade de reconhecer nas imagens, fontes com historicidade e inseridas em contextos diversos de produção. Mas novamente, afirmo que somente a partir dos *blogs*, não é possível avaliar se a discussão em sala de aula assume outros traços.

Nesse sentido, não há como fugir da comparação aos livros didáticos. Por vezes, há a sensação de que ao navegar pelos diversos *blogs*, experimentamos uma espécie de livro didático com mais mobilidade. Talvez, seja até possível afirmar que muitos livros didáticos se apresentam de forma mais crítica e dinâmica do que os *blogs*, em que predomina o discurso do texto escrito.

Outra instância preocupante é quanto à ausência do posicionamento político dos docentes. Não rogo aqui que o professor levante suas bandeiras pessoais e sim que haja um posicionamento mais claro quanto à crítica da História. Nos casos pesquisados, os docentes parecem evitar assumir suas críticas e se utilizam de um discurso típico do jornalismo para afirmar essa posição. Usam, portanto, ao falarem de um dado tema, de opiniões diversas, muitas vezes opostas, ao longo do texto no sentido de ofertar ao leitor o seu próprio caminho de afinidade.

Ao buscarem assumir um discurso neutro de opiniões, os professores optam por se isentar em sua grande maioria de discussões acerca dos temas atuais considerados polêmicos. Espanta, portanto, que pouquíssimos dos *blogs* ativos tenham tecido maiores críticas acerca das manifestações que ocorreram no ano de 2013 e ainda vem ocorrendo no ano de 2014. Vale pontuar como os exemplos atuais são capazes de conectar os sujeitos aos diversos processos históricos estudados.

A seguir (Figura 27), trago um exemplo potencial, de como a imagem, atrelada à discussão de temas atuais pode permitir uma reflexão mais contundente das vivências sociais que participamos ao longo de nossa existência.

A montagem, intitulada por mim “Memórias do Cativo” circulou na *web* no início de fevereiro de 2014. Um evento marcou a criação dessa montagem, um rapaz negro, foi encontrado nu e amarrado por uma trava de bicicleta a um poste. Teria sido alvo de supostos justiceiros do bairro do Flamengo no Rio de Janeiro, de

classe média alta. A vítima da violência seria um suposto ladrão que andava nas redondezas, segundo alguns moradores do bairro. A imagem chocou muitas pessoas e circulou por diversos espaços na web, gerando intensas discussões⁵⁵.

Figura 27 – Memórias do Cativoiro



Legenda: Montagem com três imagens: “Pelourinho de Jean Baptiste Debret, 1827”, “Todos negros” de Luiz Morier, 1983” e fotografia de Yvonne Bezerra de Mello, 2014.

Fonte: <https://twitter.com/ensinarhistoria/status/430761822757462016/photo/1>. Acesso em: 04 fev. 2014

Não encontrei a referência da montagem e ela chegou a mim através de postagens na rede social *Twitter*. Essa condição já permite o debate sobre o processo de autoria na rede, em que são flexibilizadas as noções dos direitos autorais. Permite ainda que seja pensada a forma como construímos sentidos outros ao articular diversas imagens como nessa montagem. A crítica possibilita ainda que sejam pensadas as construções a partir das relações entre imagem, textos e som. As fontes jornalísticas, como jornais e revistas, possuem vasto material em que é possível discutir como se constroem sentidos através dessas ordenações. Sendo assim, poderia suscitar um debate inicial, a simples criação, por mim, do título “Memórias do Cativoiro” que já direciona o olhar do leitor para um sentido específico, sem, no entanto, fechar possibilidades outras de significação.

Discutir o contexto de produção das imagens com sua historicidade e os modos de ver é outra instância possível através dessa imagem. As três representações dialogam entre si, mas as suas datas e processos de produção evocam debates. A primeira, realizada por um dos pintores oficiais da corte portuguesa no Brasil no século XIX, a segunda por um fotógrafo jornalístico na década de 1980 e a terceira por uma senhora que caminha nas ruas do bairro do Flamengo no Rio de Janeiro em 2014. Essa configuração já permite, portanto, que

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,rapaz-e-agredido-e-acorrentado-nu-a-poste-no-rio,1126304,0.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

sejam construídas críticas diversas acerca do olhar de cada um dos autores e o seu momento de realização. Sem falar na perspectiva, fundamental ao ensino de História, que é a desnaturalização das imagens históricas. Evitando assim, o lugar meramente ilustrativo a que são relegadas tantas fontes visuais.

Por fim, mas sem encerrar as possibilidades de discussão dessa montagem, é possível trazer o debate da escravidão e do racismo no Brasil. A força da junção das três representações se dá ao construir um fio que conecta as distintas historicidades. Sendo assim, mesmo antes de fundamentar um debate histórico acerca do processo da escravidão no Brasil e como isso reflete nas práticas racistas ainda tão comuns em nossa sociedade, há uma comunicação que não é da ordem das palavras. A potência da imagem significa, justamente, essa capacidade de diálogo que faz com que Walter Benjamin fale das Imagens Dialéticas e eu me proponha, com este trabalho, a trazer imagens distintas ao longo do seu corpo difuso. As imagens evocam conexões mentais com o seu “quê de mágica”, que engana ao parecer congelar o tempo.

A crítica aqui construída acerca dos *blogs* não pode se esquecer de que, apesar de uma série de potenciais de construção não serem utilizados, há diversas outras experiências que certamente tocam os envolvidos em seus processos pedagógicos na *web*. Entre essas, chamo a atenção para a lógica de conexão entre professores, construindo redes de articulação entre si. Como visto ao longo do trabalho aqui exposto, diversos são os professores que acompanham os *blogs* de colegas de profissão. É possível perceber isso através da ferramenta de seguidores disposta em muitas páginas exibindo diversos perfis de outros professores. Também foi possível perceber, através de comentários, que muitos professores buscam nesses *blogs*, auxílio com estratégias, conteúdos e sugestões de atividades para suas aulas. Nesse sentido, há uma noção de colaboração, já que o professor disponibiliza, muitas vezes, os seus planos de aula sem a preocupação com autoria ou com a monetização do seu conteúdo. Creio que esse é um traço característico da estrutura da *web* que gera fortalecimento de laços entre os docentes.

Há, ainda, a perspectiva de se construir conexões outras com os alunos, que outrora se encerrariam em suas instituições físicas e cotidianas. O aluno pode, assim, se conectar diretamente ao professor fora da escola, ampliando os limites dessa instituição, que anteriormente era apenas física e presencial. Outros visitantes podem também tornar-se “alunos” daquele professor que está ali com seu *blog*.

Assim, se a identidade do professor blogueiro é fortemente demarcada, existe a possibilidade de que qualquer usuário da rede possa assumir-se como aluno. Essas trocas permitem, portanto, extravasar os limites que um dia existiram à atuação do professor, que agora pode transitar por lugares diversos.

Esta pesquisa, tampouco buscou conclusões definitivas. A própria ideia de conclusão há de ser questionada, já que parti nessa experiência por uma busca do movimento incessante das estrelas. Não há, portanto, como colocar pontos finais decisivos. Com o mapeamento construído, busquei construir um terreno mais extenso acerca do trabalho com os *blogs* em consonância com a educação, já que não percebi esse traço em outras pesquisas realizadas anteriormente por outros pesquisadores. As análises possíveis são diversas e essa exemplificação é uma forma de atestar a gama de possibilidades que a proposta das constelações oferece. A quantidade de *blogs* mapeados me permitiu afirmar alguns pontos que podem inclusive ser questionados com o tempo, já que o movimento de continuidade de postagens sempre transforma esse campo empírico continuamente mutante.

(IN) CONCLUSÃO

Cena 10 – Index

Houve um tempo em que os livros me hipnotizavam. Com uma sede quase de colecionadora, vasculhava sebos e lojas em busca de novos habitantes para a minha biblioteca. Admirava-os e me enchia de orgulho por aquela vitrine de palavras. Até que um dia, os livros começaram a pesar e, quando me dei conta, instalara-se em minhas costas uma dor irremediável. Era como se aquela estante escancarasse a minha necessidade de afirmar a minha falsa sabedoria acumulada. Seria tolice pensar que as centenas de livros na estante poderiam me ensinar a mergulhar no universo humano? E mais, como buscar na imobilidade das palavras o acontecimento do encontro? Sem saber as respostas, comecei a distribuir, um a um, os meus livros. As palavras que partem, quem sabe retornam, em outros tempos e poesias vivas!

Do ato de concluir diz-se que é chegar a algum lugar. No entanto, se esse lugar abre tantas possibilidades de caminhar, se é a busca pela terceira margem⁵⁶, como ousar afirmar um fim? Não afirmando, é assim que encerro essas linhas, sem, no entanto, evitar a síntese das problematizações realizadas ao longo desse texto. Não haveria como adotar outro caminho, já que todo esse trabalho foi arquitetado na busca pelo trânsito das ideias, na perspectiva da mobilidade constante do universo de pesquisa. Se o que é humano transforma-se a cada instante, não há como rogar uma exatidão nas afirmações que teço aqui. São, desse modo, apontamentos, perspectivas ou ainda, caminhos de compreensão. Ana Cristina Cesar (1998) já perguntava “Qual a palavra que todos os homens sabem?” (p.124), me lembrando de que universalizar o humano é justamente impedir que sejamos humanos, posto que não há finitude em nosso existir.

Assim, inicio a tentativa de encerrar o meu percurso nessa etapa de pesquisa. Como avaliação inicial, pontuo que esse trabalho é um processo reflexivo de uma professora de História que parte da sua vivência enquanto docente alçando

⁵⁶ “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.” (ROSA, 2012, p.57)

compreender questões que também a tocam diretamente. É, nesse sentido, um exercício constante de pensar a própria prática, construindo uma pesquisa que transforma e ousa propor transformações na seara da educação. Um primeiro apontamento que esse processo me permite fazer é o da incerteza. Finalizo essa etapa de formação acadêmica com mais questões acerca da vida do que em meu início. Penso que sentir-me continuamente instigada é uma contribuição importantíssima que essa pesquisa gera em mim. A menina da Cena 01 no início deste trabalho, vê uma infinidade de astros a se multiplicar e o papel em que escreve parece cada vez menor.

Em meio a essa busca por condensar as discussões realizadas até aqui encontro a seguinte frase de Milton José de Almeida: “A liberdade desejada para a sociedade deve estar também na liberdade pessoal do pesquisador” (2011, p. 1207). A pesquisa portanto, além de se constituir enquanto posicionamento político promove possibilidade de “[...] ao mesmo tempo em que pesquisamos, buscar compreender como compreendemos, e compreendermos a nós mesmos.” (ALMEIDA, 2011, p. 1207). Essas páginas aqui batizadas de (In) conclusão são, portanto, um balanço reflexivo da pesquisa, pesquisadora e o pesquisar.

Se, ao findar essa etapa, pululam em mim mais questões do que ao iniciar essa jornada, isso não quer dizer que algumas das questões iniciais não tenham sido respondidas. De certo modo, pode-se dizer que algumas dessas questões começaram a ser compreendidas, ou ainda, que são indicativos para a compreensão.

No Capítulo 1, busquei construir um panorama das atuais relações humanas. Para tanto, fui até a obra de Walter Benjamin à procura de perspectivas a partir da modernidade, que me auxiliassem a pensar a contemporaneidade. O autor foi, além de base teórica, serviu ainda de orientação em busca de uma metodologia de pesquisa que se afinasse com a minha forma de expressar e me colocar no mundo.

Outros autores foram importantes para conceituar as atuais relações mediadas a partir das transformações nas TIC das últimas décadas. Desse modo, o célebre trabalho de Guy Debord *A sociedade do espetáculo* (2000) e *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. de Paula Sibília (2008), permitiram-me compreender como as lógicas de autopublicização marcam os regimes sociais atuais. Além disso, trouxe a contribuição da Análise do Discurso em Fairclough (2001) e Eni Orlandi (1987), como perspectiva de análise do campo empírico.

Ao pensar a educação hoje, não haveria como evitar a discussão acerca das diferentes TIC, sobretudo das novas. Essa relação parece trazer os ecos que o Mito do Progresso com a consolidação do capitalismo trazia. Inserir as novas TIC nas instituições escolares chega como discurso salvador para os problemas atuais da educação. Parece, portanto, que adequar-se ao universo tecnológico é mais imperativo que outras características necessárias à educação e, por conseguinte, ao professor. É nesse quadro que diversos docentes se lançam a experiências diversas a partir do universo das diversas TIC.

Com o advento da Internet e sua popularização, os docentes passaram a se representar em diversas esferas digitais. Uma série de sites e aplicativos são também desenvolvidos em busca de suprir a necessidade desses docentes conectados. Em relação aos *blogs*, parece-me que, ao utilizá-los, os professores de História buscam dialogar com os novos tempos e, em muitas apresentações de suas páginas, justificam dessa forma a sua presença na *web*. Na sua maioria, adentram o universo dos *blogs* sem o intuito de gerar renda, ainda que essa possibilidade não seja dificultada pelos sites que hospedam as páginas criadas. Na verdade, os docentes acabam realizando, muitas vezes, mais trabalho, além do já realizado cotidianamente. Talvez o façam por acreditar no potencial pedagógico que essas ferramentas apresentam, buscando transformar as suas práticas. Uma possibilidade interessante de pesquisa seria a de perceber de que maneira os *blogs* afetam as construções em sala de aula.

Outro fator que faz com que o professor crie uma página pessoal educativa é a autopromoção. Na chamada sociedade do espetáculo, criar mecanismos que chamem atenção para a sua existência cria um valor social. Sendo assim, os *blogs* podem funcionar como vitrines do trabalho do professor, ou ainda, uma espécie de portfólio pessoal do docente. Alguns *blogs* pesquisados chegam a publicar não apenas o currículo do professor, como também a repercussão da página em outros veículos de mídia. Sem falar que, ao se relacionar mais ativamente com as TIC, os professores acabam por dialogar com as cobranças das instituições em adequar-se às inovações atuais. Novamente, vale lembrar que a simples existência de *blogs* ou outras relações entre educação e TIC não configura, necessariamente, mudanças estruturais nos fazeres pedagógicos.

A discussão realizada no Capítulo 2 trouxe alguns debates acerca do ensino de História hoje e sua relação com as transformações em curso nas últimas

décadas. Uma compreensão é a de que o ensino de História deve estar acompanhado de uma prática que se pautem em leituras de mundo diversas, permitindo àqueles envolvidos nos processos pedagógicos construir olhares desconfiados. Outro ponto fundamental é o que conecta o aluno ao processo da história humana, ou seja, permitir que se perceba como parte operante das transformações humanas ao longo do tempo.

Se pensarmos em quão intenso é, atualmente, o apelo à visualidade, não espanta afirmar que o trabalho com as imagens possa ser um fator diferencial em busca do que falamos anteriormente. Sendo as imagens, sobretudo fotográficas e em movimento, massificadas, há que se pensar sobre elas, como pensá-las em meio à coroação da visualidade se não descortiná-las. A questão não reside somente em contextualizar a historicidade das imagens e sim num exercício de provocação dos olhares. É preciso lembrar que ver, não significa necessariamente enxergar, e lembro o exemplo trazido no Capítulo 2 com o fotógrafo Egven Bavcar.

E nesse caminho, os *blogs* pesquisados com mais atenção sugerem que a presença desses não revoluciona, necessariamente, a prática vista em sala de aula. O que se percebe, em muitas das páginas, é uma certa continuidade, com outra cara, dos fazeres. Sendo assim, as esferas de poder ainda parecem bem demarcadas, apontando que o potencial da horizontalidade nas relações, fator marcante da *web*, não é a tônica principal. O tratamento dado ao conteúdo da História é no geral bastante conservador – os *posts* e as estruturas dos *blogs*, com frequência se assemelham à estética do livro didático. Surgem assim, textos escritos, entremeados por imagens que se relacionam com as temáticas trabalhadas. É comum a presença de imagens sem legendas ou com proposições que superem a ilustração dos conteúdos. Aqui, não há uma negação do livro didático, já que atualmente, existem muitas publicações cuidadosas. No entanto, ao adentrar os *blogs*, o conteúdo poderia ser apresentado de diversas formas, mas acaba restrito a seu uso como suporte.

Não há como generalizar as práticas presentes nos 122 *blogs* pesquisados, uma vez que estão na rede, podem se transformar ao longo de sua existência. Certamente, muitas experiências passaram despercebidas. No início do Capítulo 3, chamo os *blogs* de espécies de baús de informações e sempre há algo que se esquece nos meandros desses universos. Apresenta-se, portanto, uma necessidade de revisitar constantemente essa imensa constelação. Esses *blogs*, ainda que,

aparentemente, não revolucionem as práticas pedagógicas do professor de História, apontam interesses em transformá-las. Os docentes apresentam o desejo de tornar a disciplina mais interessante, convidam alunos e visitantes a participar de suas páginas e compartilham muitos de seus planos de aulas. É inegável afirmar que os professores desejam colaborar.

Talvez, estejamos participando de um movimento de transformação no ensino de História que tem nos *blogs* uma potência imensa de trabalho. Se é difícil precisar em que ponto das mudanças estamos, há como afirmar que estão ocorrendo. As páginas ofertam possibilidade de professores como eu, pensar a sua prática ao se deparar com as de seus companheiros de profissão. Permitem a construção de redes *online* de docentes, fortalecendo laços identitários e políticos dos mesmos. Possibilitam a construção de outros laços e relações entre alunos e professores, bem como o contato com os outros visitantes que podem transformar-se também em alunos.

Se os professores já iniciaram o seu processo de diálogo com as inovações que vêm ocorrendo nas últimas décadas, seus alunos muito provavelmente as vivem cotidianamente. Ao pensar a educação e suas barreiras é necessário que todos os envolvidos em seu processo sejam percebidos. Os alunos das escolas brasileiras vêm habitando as diversas esferas digitais e virtuais que hoje existem. Criam soluções para problemas, inventam técnicas e novas formas de se comunicar, constroem conhecimento e disseminam informações. É necessário ouvi-los. A escola, ainda proíbe o que não compreende, talvez por medo de que seu controle seja desestabilizado. Engana-se que não haja fugas ao silenciamento imposto em tantas instituições.

Estas linhas, portanto, se encerram pelos limites impostos de tempo e espaço. Se por um lado fecham, por outro abrem em possibilidades futuras de questionamentos. No meu devir pesquisadora encontro, nas pichações existentes na escola, uma tentativa (ou prática?) de resistência ao silêncio decretado aos tantos alunos. O que dizem esses rabiscos? O que constroem?

Ao investigar os professores, me dou conta que o poder assegurado pelo seu papel de docente impede-os de transformações mais radicais em seu fazer. De imediato, vejo os alunos em sua busca por construir resistências nos espaços escolares instituídos e me parece ser o que chamam de infância, um tempo de profanação. A minha constelação, construída por essa pesquisa, me auxilia a

trafegar um pouco pelo céu dos professores de História, talvez seja necessário construir muitas outras em busca de tantas vozes e imagens que passem na educação.

Cena 11 – Profanação

Guilherme entra na sala e me mostra animado a carteira do amigo que um dia abandonou a escola para trabalhar. Sabe que aquele era o seu lugar, pois nela estão impressos desenhos feitos com corretivo de caneta. São armas, um fuzil e uma submetralhadora. A pichação rompe o silenciamento e a distância impostos, Guilherme e o amigo parecem conversar. A imagem fala e mostra que pelas entranhas do instituído há profanação. Pichação–resistência, infância–vândala. O que não se pode falar, berra em imagem, letra e cor. Essa palavra não fixa, liberta, pois revoluciona o código de poder que diz quem pode ou não dizer. Quem não pode falar, picha o que lhe é possível.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Kátia M. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre redes e escolas. *Educ. Soc*, Campinas, v. 29, n. 104 – Especial, p. 747–768, out. 2008.
- ALVAREZ, Regina. *Experiência fotossensível*. Material de divulgação de exposição - Projeto contemplado pelo Edital de Artes Visuais da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro. 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v.1)
- _____. *Passagens*. Tradução de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- _____. *Experience. Walter Benjamin Selected Writings*. United States of America: Harvard College, 2003. *Volume 1*, 1913-1926.
- BARRETO, Raquel Goulard. Tecnologias nas salas de aula. In: *Subjetividade, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- BARTHES, Roland. *A câmera clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOJUNGA, Lygia. *O sofá estampado*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992.
- BONILLA, M. H. S; PRETTO, N. L. Construindo redes colaborativas para a educação. *Revista Fonte da Prodemge*, Belo Horizonte, 2008.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, Distrito Federal, 9 jan. 2003.
- _____. Lei nº 5222 de, 11 de abril de 2008. Dispõe sobre a proibição do uso de aparelho celular e outros aparelhos nas escolas estaduais do Rio de Janeiro.
- CAIMI, Flávia Heloisa. *Porque os alunos (não) aprendem História?* Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Niterói: Tempo, 2006. Volume 11
- CAMPION, Nicholas. *Em que acreditam os astrólogos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CESAR, Ana Cristina. *Inéditos e Dispersos*. São Paulo: Ática, 1998.

D'ANGELO, Martha. *Arte, política e educação em Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DEBORD, GUY. *A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo*, de Guy Debord. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2000.

DELEUZE, Gilles; Félix GUATTARI. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora UNB, 2001

GABRIEL, Carmen Teresa. Currículo de História, Políticas da Diferença e Hegemonia: diálogos possíveis. *Educ. Real*, Porto Alegre, v.36, n1, p127-146, jan./abr. 2011.

_____. *Saberes, Sujeitos e Linguagem: Notas Sobre o Processo de Construção de uma Didática Crítica Intercultural*. 28ª Reunião da ANPEd, 2005.

GINZBURG, Carlo. *Sinais – raízes de um paradigma indiciário*. São Paulo: Editora Schwarz, 2007.

GUEDES, Juliane. *Entre o diário virtual e o diário de classe: traços de identidade profissional de professores na blogsfera*. Itajaí, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2009.

HALLMANN, Adriane Lizbehd. *Reflexões entre professores em blogs: aspectos e possibilidades*. Salvador, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2006.

HARTOG, François. Tempo e História: como escrever a história da França hoje? *Revista História Social*. Campinas, n. 3, p. 127–154, 1996.

_____. Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo. *Revista de História*, n. 148, p. 9–34, 2003.

KOMESU, Fabiana. Espaços e Fronteiras da “Liberdade de expressão” em blogs na Internet. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 49(2): 343–358, jul./dez. 2010.

_____. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros textuais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez Editora. 2010, p.135-146.

KNAUSS, Paulo. “Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa.” In: NIKITIUK, Sônia L. (Org.). “*Repensando o ensino de História*”. São Paulo: Cortez, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Le Futur Passé – Contribution à la sémantique des temps historiques*. Paris: Ed. De L' École de hautes études em sciences sociales, 1990.

KOTHE, Flávio R. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: um aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre conceito de História"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, Olgária C. F. *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MARQUES, Diego Souza; PEREIRA, Nilton Mullet. *Narrativa do estranhamento – Ensino de História entre a Identidade e Diferença*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 2011

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e História interfaces. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

_____. *As imagens que educam e instruem – usos e funções das ilustrações nos livros didáticos da História*. Natal: Editora da UFRN, 2007.

NICOLAZZI, Fernando. A história entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n.53, p.229–257, jul./dez. 2010.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes editores. 1987

ORWELL, George. 1984. 23. Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1996.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. *O lugar do tempo: experiência e tradição em Walter Benjamin*. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006

PRETTO, Nelson. Redes colaborativas, ética hacker e educação. *Educ. rev. [online]*, v.26, n.3, pp. 305–316, 2010.

_____. *Professores universitários em rede: um jeito hacker de ser*. In: "Convergência e tensões no campo da formação e do trabalho docente". Organização de Angela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben [et ali.]. BeloHorizonte: Editoria Autêntica, 2010, p. 279-294, Anais do XV ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino

RECUERO, Raquel. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. *Revista 404notfound - Revista Eletrônica do Grupo Ciberpesquisa*. Edição 31, ago. 2003.

_____. Webrings: as redes de sociabilidades e os weblogs. *Sessões do imaginário*, Porto Alegre v. 11, p. 19-27, 2004.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009.

Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_31.htm>

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006

_____. *Siete ensayos sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires: FCE, 2000.

SCHÖTTKER, Detlev. “Comentários sobre Benjamin e A obra de arte” In: *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2012.

SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

ZAGO, Gabriela da Silva. *Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características*. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia (CD-ROM), Niterói, 2008.

Blogs pesquisados

<<http://acessahistoria.zip.net/>>
 <<http://andrecarlosprofessor.blogspot.com.br/>>
 <<http://alexandrehistoria.blogspot.com.br/>>
 <<http://amigodahistoria.blogspot.com.br/>>
 <<http://aprofessoraelaine.blogspot.com.br/>>
 <<http://arturpeixoto.wordpress.com/>>
 <<http://augustohistoriagg.blogspot.com.br/>>
 <<http://aula-de-historia.blogspot.com.br/>>
 <<http://aula-de-historia.wordpress.com/>>
 <<http://auladehistoriacp.blogspot.com.br/>>
 <<http://aulaimpressa.wordpress.com/>>
 <<http://aulasdorafa.blogspot.com.br/>>
 <<http://aureliobraga.wordpress.com/>>
 <<http://bentivicio.blogspot.com.br/>>
 <<http://blogdaaulahis.blogspot.com.br/>>
 <<http://blogdaprofessoracauana.blogspot.com.br/>>
 <<http://blogdaprofessorajosane.blogspot.com.br/>>
 <<http://blogdoproalexandre.blogspot.com.br/>>
 <<http://blogprofessorafernanda.blogspot.com.br/>>
 <<http://blogdoprofessorandrio.blogspot.com.br/>>
 <<http://blogdoprofessorqueiroz.blogspot.com.br/>>
 <<http://blogdoprofdouglas.blogspot.com/>>
 <<http://bloghistoriahoje.wordpress.com/>>
 <<http://cafecomhistoriaeeducacao.blogspot.com.br/>>
 <<http://cartacapital.com.br/blogs/feminismo-para-que>>
 <<http://cenfophistoria.wordpress.com/>>
 <<http://cfrbpensandoalto.blogspot.com.br/>>

<<http://claudiahistoria.wordpress.com/>>
<<http://clioaulas.blogspot.com.br/>>
<<http://dissertarte.blogspot.com.br/>>
<<http://elton.pro.br/>>
<<http://ensinandohistoria.zip.net/>>
<<http://ensino-historia.blogspot.com.br/>>
<<http://ensinarhistoria.blogspot.com.br/>>
<<http://ernestomelo.com/>>
<<http://gisele-finatti-baraglio.blogspot.com.br/>>
<<http://gondim.net/>>
<<http://grupodehistoria.com.br/>>
<<http://flaviellenbarros.blogspot.com.br/>>
<<http://fernandoprofessorhistoria.blogspot.com.br/>>
<<http://hemfoco.blogspot.com.br/>>
<<http://hist6anoen2.blogspot.com.br/>>
<<http://historiaalternar.blogspot.com.br/>>
<<http://historiablog.wordpress.com/>>
<<http://histoblogsu.blogspot.com.br/>>
<<http://historiaaoseualcance.blogspot.com/>>
<<http://historiacast.com.br/>>
<<http://historiadomedio.wordpress.com/>>
<<http://historiadorleo.blogspot.com.br/>>
<<http://historiadsdomeiros.blogspot.com.br/>>
<<http://historiadorsa.blogspot.com.br/>>
<<http://historiaeidi.blogspot.com.br/>>
<<http://historiaguatupe.wordpress.com/>>
<<http://historiaja.wordpress.com/>>
<<http://historiacsd.blogspot.com.br/>>
<<http://historiasdelaguna.blogspot.com.br/>>
<<http://historiadigital.org/>>
<<http://historiaemaulas.blogspot.com.br/>>
<<http://historiafundamentalceb.blogspot.com.br/>>
<<http://historiaprimeroanodoensinomedio.blogspot.com.br/>>
<<http://historiapublica.blogspot.com>>
<<http://historiaprofessorapriscula.blogspot.com.br/>>
<<http://historianoprimeiroano.blogspot.com>>
<<http://historianoprimeiroano.blogspot.com>>
<<http://historianovaemfoco.com/>>
<<http://historiasdownloadsvideoaulas.blogspot.com.br/>>
<<http://historiativa-jailson.blogspot.com.br/>>
<<http://historiativanet.wordpress.com/>>
<<http://historiaula.wordpress.com/>>
<<http://histosofia.com.br/>>
<<http://historiavivi.blogspot.com.br/>>
<<http://jaqueestevam.zip.net/>>
<<http://jorge-educahist.blogspot.com.br/>>
<<http://maniadehistoria.wordpress.com/>>
<<http://marciowunder.blogspot.com.br/>>
<<http://mayaracaldas.zip.net/>>
<<http://mixdaelaine.blogspot.com.br/>>

<<http://neide-prof.blogspot.com.br/>>
<<http://odairprofessordehistoria.blogspot.com/>>
<[http://oilita.blogspot.com.br/blog /](http://oilita.blogspot.com.br/blog/)>
<<http://plano-de-aula-de-historia.blogspot.com.br/>>
<<http://prof-adjr.blogspot.com.br/>>
<<http://prof-ferdinando.blogspot.com.br/>>
<<http://prof-jorge.zip.net/>>
<<http://prof.medeiros.zip.net/>>
<<http://profamiltonhistoria.blogspot.com.br>>
<<http://profclaudio.wordpress.com/>>
<<http://profclaugeohist.blogspot.com.br/>>
<<http://profeliezerbrasil.blogspot.com.br/>>
<<http://profellingtonalexandre.blogspot.com.br/>>
<<http://professora-prociana.blogspot.com.br/>>
<<http://professorabelhistoria.blogspot.com/>>
<<http://professorasandralucia.blogspot.com.br/>>
<<http://professoraglaucia.wordpress.com/>>
<<http://professorajulianahistoria.blogspot.com.br/>>
<<http://professorasueli-historia.blogspot.com.br/>>
<<http://professordavi.com.br/>>
<<http://professorfabianobastos.blogspot.com.br/>>
<<http://professorfariahistoria.blogspot.com.br/>>
<<http://professorjunioronline.com/>>
<<http://professormuriloguirro.blogspot.com.br>>
<<http://professor-rogerio.blogspot.com.br>>
<<http://professorvini.wordpress.com/>>
<<http://professorwalter.wordpress.com/>>
<<http://professor-andre-rockstar.blogspot.com.br/>>
<<http://profhistdaniel.blogspot.com.br/>>
<<http://profisabelaguiar.blogspot.com.br/>>
<<http://profomar.blogspot.com.br/>>
<<http://proftaciusfernandes.wordpress.com/>>
<<http://profwalter.blogspot.com.br/>>
<<http://renatopompeu.blogspot.com.br/>>
<<http://robbyhist.zip.net/>>
<<http://rodrigomarques.wordpress.com/>>
<<http://sala19.wordpress.com/>>
<<http://saladeaulavirtualprofessorfabian.blogspot.com.br/>>
<<http://salasdehistoria.blogspot.com.br/>>
<<http://sorvitorhugo.blogspot.com.br/>>
<<http://tecnologianaauladehistoria.blogspot.com.br>>
<<http://terceiraopensandoalto.blogspot.com.br/>>
<<http://umaquestadehistoria.blogspot.com.br>>
<<http://umprofessordehistoria.blogspot.com.br/>>
<<http://vaniareginahistoria.blogspot.com.br/>>
<<http://veronica-mos.blogspot.com.br/>>
<<http://viahistoria.blogspot.com.br/>>
<<http://wallaceprofessor.wordpress.com/>>
<<http://walterlinhistoria.zip.net/>>

APÊNDICE A – Tabelas de tipologias dos *blogs*

Tabela 1 – Lista de *blogs* mistos e dados relativos à atualização.⁵⁷

<i>Blogs</i> mistos	Atualizações	Trabalho direto com sala de aula	Surgimento
1. http://professor-andre-rockstar.blogspot.com.br	Ativo	Não	2011
2. http://amigodahistoria.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2008
3. http://professorwalter.wordpress.com/	Ativo	Sim	2009
4. http://professorfariahistoria.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2010
5. http://www.ernestomelo.com/	Inativo	Não	2009
6. http://profeliezerbrasil.blogspot.com.br/	Desativado	Sim	2010
7. http://professorvini.wordpress.com/	Ativo	Não	2010
8. http://wallaceprofessor.wordpress.com/	Ativo	Sim	2010
9. http://aulaimpressa.wordpress.com/	Ativo	Sim	2009
10. http://walterlinhistoria.zip.net/	Inativo	Não	2007
11. http://mixdaelaine.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2010
12. http://blogdaprofessorajosane.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2009

⁵⁷ Nesta tabela não faço referência ao critério de monetização, encontrado na Tabela 2, pois neste caso não foi encontrado nenhum *blog* que usasse tal ferramenta de captação de renda.

gspot.com.br/			
13. http://blogdoprofessorandrio.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2012
14. http://blogdoproalexandre.blogspot.com.br/	Inativo	Sim	2010
15. http://historiadorleo.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2009

Fonte: A autora, 2013.

Tabela 2 – Lista de *blogs* PE e dados relativos a atualização

<i>Blogs</i> Publicações Eletrônicas (PE)	Atualizações	Trabalho direto com sala de aula	Surgimento	Monetização
1. http://umprofessordehistoria.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2005	Não
2. http://alexandrehistoria.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2014	Não
3. http://www.professordavicom.br/	Inativo	Não	2009	Não
4. http://www.histosofia.com.br/	Ativo	Não	Sem data	Não
5. http://historiaja.wordpress.com/	Ativo	Sim	2009	Não
6. http://professor-rogerio.blogspot.com.br	Ativo	Não	2009	Não
7. http://prof-adjr.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2008	Sim
8. http://historiadigital.org	Ativo	Não	2009	Sim
9. http://historiacsd.blogspot.com.br	Ativo	Não	Sem data	Sim
10. http://elton.pro.br	Ativo	Não	2012	Não
11. http://uamquestaodehistoria.blogspot.com.br	Ativo	Não	2013	Não

12.	http://historianoprimeiroano.blogspot.com	Ativo	Sim	2013	Não
13.	http://odairprofessordehistoria.blogspot.com	Ativo	Sim	2009	Não
14.	http://blogdoprofessordouglas.blogspot.com	Ativo	Sim	2011	Não
15.	http://profamiltonhistoria.blogspot.com.br	Ativo	Não	2012	Não
16.	http://fernandoprofessorhistoria.blogspot.com.br	Ativo	Não	2012	Não
17.	http://marciowunder.blogspot.com.br	Ativo	Não	2011	Não
18.	http://fabianobastos.blogspot.com.br	Ativo	Não	2013	Não
19.	http://andrecarlosprofessor.blogspot.com.br	Ativo	Não	2013	Não
20.	http://proftaciuesfernandes.wordpress.com	Ativo	Sim	2012	Não
21.	http://augustohistoriagg.blogspot.com.br	Ativo	Sim	2008	Não
22.	http://gondim.net/	Ativo	Não	2009	Sim
23.	http://professorabel.blogspot.com	Inativo	Não	2011	Não
24.	http://historiaaoseualcance.blogspot.com	Inativo	Sim	2008	Não
25.	http://historiadorsa.blogspot.com	Ativo	Sim	2008	Não
26.	http://grupodehistoria.com.br/	Ativo	Não	Sem data	Não
27.	http://rodrigomarques.wordpress.com	Inativo	Não	2007	Não
28.	http://prof-jorge.zip.net/	Inativo	Sim	2010	Não
29.	http://prof-	Ativo	Sim	2011	Não

ferdinando.blogspot.com.br/				
30. http://vaniareginahistoria.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2009	Sim
31. http://aprofessoraelaine.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2011	Não
32. http://prof.medeiros.zip.net/	Inativo	Não	2007	Não
33. http://historiasdomedeiros.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2013	Não
34. http://profisabelaguilar.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	Sem data	Não
35. http://professorasueli-historia.blogspot.com.br/	Inativo	Sim	2008	Não
36. http://blogdaprofessoracauna.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2012	Não
37. http://professora-prociana.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2012	Não
38. http://neide-prof.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2009	Não
39. http://historiavivi.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2009	Não
40. http://professorajulianahistoria.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2012	Não
41. http://flaviellenbarros.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2013	Não
42. http://historiaprofessoraprisila.blogspot.com.br/	Inativo	Sim	2012	Não
43. http://blogprofessorafernanda.blogspot.com.br/	Inativo	Sim	2012	Não
44. http://historiaeidi.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2009	Não
45. http://professorasandralucia.blogspot.com.br/	Inativo	Sim	2009	Não
46. http://historianovaemfoco.com.br/	Ativo	Não	2009	Não

m/				
47. http://historiacast.com.br/	Inativo	Não	2010	Não
48. http://claudiahistoria.wordpress.com/	Inativo	Sim	2011	Não
49. http://jorge-educahist.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2009	Não
50. http://cafecomhistoriaeeducacao.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2011	Não
51. http://profellingtonalexandre.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2011	Não
52. http://aureliobraga.wordpress.com/	Inativo	Não	2009	Não
53. http://ensinandohistoria.zip.net/	Inativo	Sim	2011	Não
54. http://ensino-historia.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2010	Não
55. http://ensinarhistoria.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2009	Não
56. http://historiaula.wordpress.com/	Ativo	Não	2009	Não
57. http://blogdaaulahis.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2013	Não
58. http://salasdehistoria.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2011	Não
59. http://arturpeixoto.wordpress.com/	Inativo	Não	2009	Não
60. http://aula-de-historia.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2008	Não
61. http://clioaulas.blogspot.com.br	Inativo	Não	Sem data	Não
62. http://tecnologianaauladehistoria.blogspot.com.br	Inativo	Não	2012	Não
63. http://historiaemaulas.blogspot.com.br	Ativo	Sim	2012	Não

pot.com.br/				
64. http://historiativanet.wordpress.com/	Ativo	Não	2010	Não
65. http://profomar.blogspot.com.br/	Inativo	Sim	2008	Não
66. http://professormuriloguirro.blogspot.com.br	Inativo	Não	2011	Não
67. http://sorvitorhugo.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2010	Não
68. http://historiasdownloadsvidеоaulas.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2013	Sim
69. http://viahistoria.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2011	Não
70. http://plano-de-aula-de-historia.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2011	Não
71. http://hist6anoen2.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2010	Não
72. http://auladehistoriacp.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2009	Não
73. http://cenfophistoria.wordpress.com/	Inativo	Não	2009	Não
74. http://professoraglaucia.wordpress.com/	Inativo	Sim	2012	Não
75. http://robbyhist.zip.net/	Inativo	Não	2005	Não
76. http://jaqueestevam.zip.net/	Inativo	Não	2006	Não
77. http://mayaracaldas.zip.net/	Inativo	Não	2006	Não
78. http://histoblogsu.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2009	Não
79. http://aula-de-historia.wordpress.com/	Inativo	Não	2008	Não
80. http://historiablog.wordpress.com/	Ativo	Não	2008	Não
81. http://professorjunioronline.c	Ativo	Sim	2012	Sim

om/				
82. http://historiasdelaguna.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2010	Sim
83. http://historiapublica.blogspot.com	Ativo	Sim	2009	Não
84. http://historiafundamentalceb.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2011	Não
85. http://aulasdorafa.blogspot.com.br/	Inativo	Sim	2011	Não
86. http://acessahistoria.zip.net/	Inativo	Sim	2008	Não
87. http://blogdoprofessorqueiroz.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2010	Não
88. http://profwalter.blogspot.com.br/	Inativo	Não	2009	Não
89. http://profclaugeohist.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2010	Não
90. http://saladeaulavirtualprofessorfabian.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2012	Não
91. http://historiaalternar.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2012	Não
92. http://renatopompeu.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2012	Não
93. http://historiaprimeiroanodoe nsinomedio.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2013	Não
94. http://maniadehistoria.wordpress.com/	Inativo	Não	2007	Não
95. http://oilita.blogspot.com.br/blog /	Ativo	Não	2001	Não
96. http://gisele-finatti-baraglio.blogspot.com.br/	Ativo	Não	1992	Não
97. http://sala19.wordpress.com	Ativo	Não	2010	Não

/				
98. http://historiativa-jailson.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2012	Não
99. http://hemfoco.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2011	Sim
100. http://profhistdaniel.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2011	Não
101. http://cfrbpensandoalto.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2007	Não
102. http://terceiraopensandoalto.blogspot.com.br/	Ativo	Não	2013	Não
103. http://vernicamos.blogspot.com.br/	Ativo	Sim	2013	Não
104. http://bloghistoriahoje.wordpress.com/	Inativo de 2010 a 2011	Não	2010	Não
105. http://historiadomedio.wordpress.com/	Inativo	Sim	2010	Não
106. http://profclaudio.wordpress.com/	Ativo – desde 2008	Não	2008	Não
107. http://historiaguatupe.wordpress.com/	Ativo	Sim	2011	Não

Fonte: A autora, 2014

APÊNDICE B – Cenas criadas pela autora e que surgem ao longo do texto

Cena 01 – Feira livre

Uma menina caminha por uma feira, a cada barraca lhe chamam a atenção os diversos artefatos ali expostos. Cores, aromas e sensações lhe percorrem o corpo. Alguém grita, da barraca de livros, que ali só se encontram relíquias, ela corre e se apaixona pelo que vê. Folheia as páginas e cheira a cor amarelada como puro conhecimento adquirido. Logo adiante alguém avisa: “Os melhores sonhos a preço de banana!”, rapidamente ela esquece-se dos livros e já se vê apaixonada por uma possibilidade onírica sem fim. Na dúvida se compra uns tantos sonhos de aventura ou de amor, avista ao longe uma barraca praticamente vazia. Ao centro um papel meio amassado com algo escrito, ela lê com dificuldade: “Curiosidade”. Na dúvida entre os livros, os sonhos e a curiosidade a menina corre para fora da feira até o alto de um morro. De lá avista as barracas percorridas e tantas mais, pega um caderno e desenha lentamente diversas estrelas. Ao lado de cada uma, escreve o artigo de cada uma das barracas que viu e outras que acaba inventando: livros, sonhos, curiosidade, criança, coceira, saudade, balão, história, entre outras que não me recordo. Ao final, liga os pontos de uma estrela a outra. O desenho composto é um emaranhado, a sua biblioteca de sentidos mutante.

Cena 02 – Balões letrados

Final de tarde, outono de 2004, nas cercanias de um museu de arte moderna acontece uma festa. Pessoas incomuns lotam a entrada, chego tímida e curiosa, como de costume. Já na entrada, recebo um balão amarelo com um papel dentro, em letras digitadas, leio “Bentivício”. Confundo os tempos na memória, mas arrisco dizer que na festa pairava uma música nunca ouvida antes. Vejo imagens de aquários e mistura de tintas numa superfície, cores traduzidas em som, água e paisagem sonora. Ali, em meio àquele caos, balbucio de forma hipnotizada “Bentivício”, eis o nome do meu primeiro *blog*, uma palavra que ainda hoje recorrentemente me escapa à boca.

Cena 03 – Numa valise, uma constelação

Portbou, divisa franco-espanhola, setembro de 1940, diante da horripilante possibilidade de se tornar prisioneiro em algum campo de concentração na Europa, Walter se desespera. Judeu, marxista e, sobretudo, filósofo, não consegue conceber a possibilidade de estar numa vivência materializada da barbárie. Não, é inconcebível. Num ato de fé, já que a fé só se expressa através da ação do sujeito consciente de seu papel histórico, ele rompe com o caminho quase inevitável de um fim corpóreo em meio ao horror. O suicídio vem um dia antes do seu visto de emergência para os EUA ser liberado. Carregava obsessivamente uma valise que continha a sua obra mais ambiciosa e que viria a ser publicada após sua morte, em seu inacabamento, o *Das Passagen Werk*⁵⁸. Levava aquele manuscrito como resistência última de quem sente o fim inexorável bater à sua porta (SARLO, 2000). Sabemos que o “se” não existe em História, as conjecturas nos servem para entreter o tempo e trabalhar a imaginação. Em todo caso, o que teria havido caso o filósofo conseguisse juntar-se ao casal de amigos, Gretel e Theodor Adorno que o esperavam em solo americano?

Cena 04 – Flor em *chat*

Ana diz: não sei explicar, mas é como se tivesse parado de fotografar, a fotografia digital parece que descontrói o tempo da experiência, mais do que a analógica.

Carol diz: sei bem como é. Lembro de uma vez...

Carol diz: estava numa ponte, em Floripa, haviam várias flores no chão, tão lindas, amarelinhas. Daí eu comecei a jogá-las da ponte, tentando fotografar quando caíam lá embaixo. E era tão lindo ver, mas eu não conseguia captar com a máquina o que eu via.

Ana diz: é porque a foto, no fundo, é só um indício de um tempo passado, né?

⁵⁸ Ver a edição brasileira: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

Carol diz: é, e daí eu preferi ficar só olhando e olhando, porque assim parecia que a coisa ficava mais viva, imagem de memória dá pra gente brincar e sentir mais!

Cena 05 – Linha do Tempo

Houve um tempo em que o Tempo não cabia numa linha, ele não acabava e, por isso, as formas circulares acompanhavam algumas de suas representações. Mas, ao sair do cativeiro, Moisés carregava consigo não apenas um povo faminto e seu código de leis, rumava em direção à Terra Prometida, carregando junto a si o Fim. As trombetas tocam, são sete, anunciando o Juízo Final, com elas é arrebatado do Tempo a sua capacidade de se renovar. Ele agora tem ponto final e a linha que era infinita agora cessa.

Cena 06 – Infinito

João sempre chega atrasado, senta no fundo da sala e parece cansado, com o olhar distante. Vez por outra, encontro-o com o celular na mão, tenho que lembrá-lo de que é proibido o uso do aparelho e ele sempre me responde “Tá bem, tia.” João não gosta de História, sente sono, sabe que pode reprovar de ano, mas parece não ligar. Se, em sala, parece um tanto sem vida, basta encontrá-lo no corredor ou pátio da escola para o seu semblante mudar. Sorri e fala animadamente do último jogo de *XBox* que tem jogado, comenta que postou no *Face* as dicas para se passar de uma ou outra fase. Certa tarde me pergunta resabiado “Tia, você consegue entender o infinito?”, “Nunca entendi, talvez por isso tenha tatuado o símbolo no braço, João.”, “Porque, assim, se dizem que Deus criou tudo, se ele criou tudo que é infinito, quem criou ele então?”, “Boa pergunta, João, também gostaria de saber responder...”.

Cena 07 - Iconoclasta

Um dia, desenhei Deus e como a imagem carregava o peso do julgamento final dos homens, construí um altar para adorá-lo. Oferecia tudo aquilo que julgava

santo e temia a morte caso enfurecesse o Criador. Certo dia, a imagem desapareceu, como mágica ou milagre. Foi quando Deus perdeu a forma e o seu chicote arrefeceu. Mal sabia eu que em minha ausência, minha avó destruíra a imagem, temendo a ofensa divina da neta. À mágica, atribuí a Deus como resposta às minhas dúvidas, ao final do dia ajoelhei e agradei o ensinamento por Ele ofertado a mim.

Cena 08 – Lousa eletrônica

Trabalho em uma escola em que faltam muitas coisas, das paredes mal pintadas a maçanetas nas portas. Nessa escola, existem muitas grades e por vezes ouço os pequenos cochicharem “Isso nem parece escola, parece mais é prisão”. Os problemas de disciplina, comuns a várias instituições, reverberam, os professores reclamam “Na minha geração não éramos assim!”. Sobram advertências, suspensões, gritos e ameaças. Depois se instala um cansaço geral, em todos aqueles que ali habitam. Em meio a esse quadro, uma notícia corre entre as conversas, chegou à escola uma lousa interativa. Sorrisos e festejos percorrem alguns rostos, uma sensação de estar atualizado aos novos ventos percorre muitas mentes. Eu e alguns ficamos resabiados, como festejar a novidade se nos faltam janelas e se não sabemos falar sobre o que é a lousa?

Cena 09 – Fotografia do céu

Encontrei a Nina numa praça e, do alto dos seus seis anos de idade, me perguntou o que existe depois do Paraíso. Respondi que talvez tivessem outros Paraísos depois daquele um, que ela me dizia; argumentei que talvez fosse como o céu e suas estrelas sem fim. Disse-lhe ainda, que, quando nascemos, é como se houvesse uma fotografia do céu, especialmente feita pra cada um de nós, um mapa do céu. Nina nasceu no mesmo dia que eu, mas não temos a mesma foto celeste. Ainda que existam tantos paraísos em meio ao nosso céu, certamente temos algo em comum. As estrelas e seus diversos mapas me ajudam a entender um pouco mais da incerteza da vida.

Cena 10 – Index

Houve um tempo em que os livros me hipnotizavam. Com uma sede quase de colecionadora, vasculhava sebos e lojas em busca de novos habitantes para a minha biblioteca. Admirava-os e me enchia de orgulho por aquela vitrine de palavras. Até que um dia, os livros começaram a pesar e, quando me dei conta, instalara-se em minhas costas uma dor irremediável. Era como se aquela estante escancarasse a minha necessidade de afirmar a minha falsa sabedoria acumulada. Seria tolice pensar que as centenas de livros na estante poderiam me ensinar a mergulhar no universo humano? E mais, como buscar na imobilidade das palavras o acontecimento do encontro? Sem saber as respostas, comecei a distribuir, um a um, os meus livros. As palavras que partem, quem sabe retornam, em outros tempos e poesias vivas!

Cena 11 – Profanação

Guilherme entra na sala e me mostra animado a carteira do amigo que um dia abandonou a escola para trabalhar. Sabe que aquele era o seu lugar, pois nela estão impressos desenhos feitos com corretivo de caneta. São armas, um fuzil e uma submetralhadora. A pichação rompe o silenciamento e a distância impostos, Guilherme e o amigo parecem conversar. A imagem fala e mostra que pelas entranhas do instituído há profanação. Pichação-resistência, infância-vândala. O que não se pode falar, berra em imagem, letra e cor. Essa palavra não fixa, liberta, pois revoluciona o código de poder que diz quem pode ou não dizer. Quem não pode falar, picha o que lhe é possível.